



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
TATIANA C. MANICA

**ANITA GARIBALDI, PERSONA/PERSONAGEM, MULHER-HEROÍNA:
ESTUDO SOBRE SUA REPRESENTAÇÃO
NAS OBRAS DE RAU, ZUMBlick, GARIBALDI E MARKUN**

Tubarão
2012

TATIANA C. MANICA

**ANITA GARIBALDI, PERSONA/PERSONAGEM, MULHER-HEROÍNA:
ESTUDO SOBRE SUA REPRESENTAÇÃO
NAS OBRAS DE RAU, ZUMBlick, GARIBALDI E MARKUN**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador(a): Prof(a). Dra Jussara Bittencourt de Sá

Tubarão

2012

Manica, Tatiana Czornabay, 1976-
M24 Anita Garibaldi, persona/personagem, mulher-heroína:
estudo sobre sua representação nas obras de Rau, Zumblick,
Garibaldi e Markun / Tatiana Czornabay Manica; orientadora:
Jussara Bittencourt de Sá. -- 2012.
119 f. : il. color ; 30 cm

Dissertação (mestrado)-Universidade do Sul de Santa Catarina,
Tubarão, 2012

Inclui bibliografias

1. Análise de discurso narrativo. 2. Anita Garibaldi. 3.
Personagens literários. 4. Dialogismo (análise literária). I. Sá,
Jussara Bittencourt de. II. Universidade do Sul de Santa Catarina –
Mestrado em Ciências da Linguagem. III. Título.

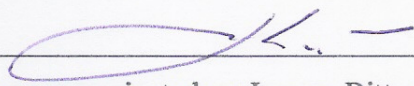
CDD (21. ed.) 401.41

TATIANA CZORNABAY MANICA

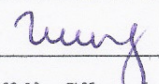
**ANITA GARIBALDI, PERSONA/PERSONAGEM, MULHER-HEROINA:
ESTUDO SOBRE SUA REPRESENTAÇÃO
NAS OBRAS DE RAU, ZUMBLICK, GARIBALDI E MARKUN**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

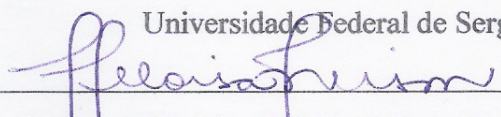
Tubarão, 29 de junho de 2012.



Professora e orientadora Jussara Bittencourt de Sá, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Mariléia Silva dos Reis, Doutora
Universidade Federal de Sergipe



Professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha mãe; que é um exemplo de mulher, mãe e guerreira, e ao meu marido, que soube apoiar e valorizar a mulher que tem ao seu lado.

AGRADECIMENTOS

Doidas e Santas

Martha Medeiros

Mas vamos lá. Prá começo de conversa, não acredito que haja uma única mulher no mundo que seja santa. Os marmanjos devem estar de cabelo em pé: como assim, e a minha mãe? Nem ela, caríssimos, nem ela.

Existe mulher cansada, que é outra coisa. Ela deu tanto azar em suas relações que desanimou. Ela ficou tão sem dinheiro de uns tempos pra cá que deixou de ter vaidade. Ela perdeu tanto a fé em dias melhores que passou a se contentar com dias medíocres. Guardou sua loucura em alguma gaveta e nem lembra mais.

Santa mesmo, só Nossa Senhora, mas cá entre nós, não é uma doideira o modo como ela engravidou? (não se escandalize, não me mande e-mails, estou brin-can-do).

Toda mulher é doida. Impossível não ser. A gente nasce com um dispositivo interno que nos informa desde cedo que, sem amor, a vida não vale a pena ser vivida, e dá-lhe usar nosso poder de sedução para encontrar "the big one", aquele que será inteligente, másculo, se importará com nossos sentimentos e não nos deixará na mão jamais. Uma tarefa que dá para ocupar uma vida, não é mesmo?

Mas, além disso, temos que ser independentes, bonitas, ter filhos e fingir de vez em quando que somos santas, ajuizadas, responsáveis, e que nunca, mas nunca pensaremos em jogar tudo pro alto e embarcar num navio-pirata comandado pelo Johnny Depp, ou então virar uma cafetina, sei lá, diga aí uma fantasia secreta, sua imaginação deve ser melhor que a minha.

Eu só conheço mulher louca. Pense em qualquer uma que você conhece e me diga se ela não tem ao menos três dessas qualificações: exagerada, dramática, verborrágica, maníaca, fantasiosa, apaixonada, delirante. Pois então. Também é louca. E fascina a todos. Todas as mulheres estão dispostas a abrir a janela, não importa a idade que tenham.

Nossa insanidade tem nome: chama-se Vontade de Viver até a Última Gota. Só as cansadas é que se recusam a levantar da cadeira para ver quem está chamando lá fora. E santa, fica combinado, não existe. Uma mulher que só reze, que tenha desistido dos prazeres da inquietude, que não deseje mais nada?

Você vai concordar comigo...

Apropriando-me da crônica de Martha Medeiros, justifico os momentos de ausência, dúvidas, intolerâncias que o estudo desencadeou. Em contrapartida, fico feliz pelas descobertas, alegrias, novas ideias e crescimento intelectual e pessoal que ele me proporcionou; e que, sem dúvida, sem o apoio de meus amigos, colegas, familiares, de minha orientadora Jussara Bittencourt de Sá, e principalmente do amor do meu marido Alexandre Mânica, eu poderia ser considerada “doida”.

Um pouco “santa”, por acreditar que, estudando a história das mulheres, dos relacionamentos, das dúvidas que a humanidade deixou para pesquisa sobre gênero, poderei, quem sabe, descobrir uma pequena parcela do porquê de tantos mistérios, injustiças e indiferenças em relação ao comportamento de homens e mulheres que, durante séculos, servem de palco para a imaginação e criação de heróis e heroínas, mitos e lendas.

“Não importa o que fazem com você. Importa o que você faz com o que fizeram
de você”. (Jean Paul Sartre)

RESUMO

Escrever sobre a presença da mulher na História e nos fatos que marcaram a humanidade não é tarefa simples, pois a complexidade começa no ato de gerar uma nova vida e que certamente acompanhará e terá forte influência na construção da identidade dessa geração. A construção de mitos, heróis e heroínas sempre estiveram presentes no imaginário humano, e quando são encontradas suas características em uma mulher como Anita Garibaldi, é de grande interesse seu estudo. Por isso optou-se por essa temática na presente dissertação. Nos romances, nas minisséries e filmes que narram a vida dessa personagem, há fatores divergentes e similitudes para serem analisados. O comportamento, o espaço, o tempo são partes da estrutura narrativa que desencadeiam dúvidas em relação ao real e ao fictício. O dialogismo de Bakhtin contribui para esclarecer algumas atitudes dos narradores para com o enredo que reproduzem, pois a vida de Anita Garibaldi, juntamente com seu marido Giuseppe Garibaldi, está cheia de lacunas. O objetivo geral desta dissertação consiste em: analisar a representação da persona/personagem Anita Garibaldi nas narrativas de Wolfgang Ludwig Rau, Walter Zumblick, A. Garibaldi e Paulo Markun. Elas são comparadas e analisadas em dois momentos, a partir de duas abordagens: da macroanálise e microanálise das obras, verificando sua totalidade, como são narrados o enredo, o tempo, o espaço e a descrição da personagem. A metodologia utilizada consiste em um estudo de caso com análise qualitativa descritiva, realizada por meio da técnica de análise de conteúdo. Os fatos são divididos em quatro categorias para a realização da microanálise. As considerações finais expõem que, diante das significações encontradas na personagem Anita Garibaldi, sua personalidade apresenta facetas desconhecidas e dúvidas que merecem pesquisa e representação autêntica.

Palavras-chave: Anita Garibaldi. Narrativa. Dialogismo. Personagem.

ABSTRACT

Write about the presence of women in history and facts that have marked the humanity is not a simple task, because the complexity begins in the Act of generating new life and that certainly will follow and will have strong influence in the construction of the identity of this generation. The construction of myths, heroes and heroines have always been present in the human imagination, and when they are found its characteristics in a woman as Anita Garibaldi, is of great interest to your study. So we opted for this theme in this Dissertation. In the novels, in the miniseries and movies that tell the life of this character, there are divergent factors and similarities to be analyzed. The behavior, space, time, are parts of the narrative structure that trigger doubts about the real and the fictional. The Bakhtin's dialogism contributes to clarify some attitudes of narrators to with the plot that reproduce, because the life of Anita Garibaldi, along with her husband Giuseppe Garibaldi is full of loopholes. The overall goal of this dissertation is to: analyze the representation of persona/character Anita Garibaldi in narratives of Wolfgang Ludwig Rau, Walter Zumblick, a. Garibaldi and Paulo Markun has. They are compared and analysed on two moments from two approaches: the macro analysis and microanálise of the work, noting its entirety, as are narrated the plot, time, space and the description of the character. The methodology consists of a case study with descriptive qualitative analysis, accomplished using content analysis technique. The facts are divided into four categories for the achievement of microanálise. Final considerations that, faced with the meanings set found in the character Anita Garibaldi, his personality presents facets unknown and doubt they deserve authentic representation and research.

Keywords: Anita Garibaldi. Narrative. Dialogic. Character.

.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM	13
2.2	A LINGUAGEM LITERÁRIA: ESPECIFICIDADES E CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA.....	16
2.3	HISTÓRIA E LITERATURA: INTERFACES POSSÍVEIS	21
2.4	A PERSONA/PERSONAGEM: A HEROÍNA, O MITO	25
2.5	ASPECTOS SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES.....	28
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	33
3.1	RECORTE E DIVISÕES PARA ANÁLISE.....	35
4	ANITA GARIBALDI, PERSONA/PERSONAGEM, MULHER-HEROÍNA: ESTUDO SOBRE SUA REPRESENTAÇÃO NAS OBRAS DE RAU, ZUMBlick, MARKUN E ANNITA GARIBALDI	37
4.1	ALGUNS ASPECTOS DA BIOGRAFIA DE ANITA GARIBALDI E GIUSEPPE GARIBALDI	37
4.1.1	Anita Garibaldi.....	37
4.1.2	Giuseppe Garibaldi	39
4.2	ANITA GARIBALDI, PERSONA-PERSONAGEM, MULHER HEROÍNA.....	40
4.2.1	Anita Garibaldi, O perfil de uma heroína brasileira (1975) – Wolfgang Ludwig Rau	40
4.2.2	Aninha do Bentão (1980) – Walter Zumblick.....	43
4.2.3	Anita Garibaldi, A mulher do General (1989) – A. Garibaldi	47
4.2.4	Anita Garibaldi, uma heroína brasileira (1999) – Paulo Markun.....	50
5	APRESENTAÇÃO, VIDA E MORTE DE ANITA GARIBALDI.....	54
5.1.1	Apresentação de Ana Maria de Jesus Ribeiro.....	54
5.1.2	Casamento de Ana Maria de Jesus Ribeiro em Laguna e encontro com Giuseppe Garibaldi	62
5.1.3	Vida de Anita com Giuseppe Garibaldi no Brasil.....	72
5.1.4	Vida de Anita Garibaldi com Giuseppe Garibaldi em Montevideu, e morte na Itália	81

5.1.5 Anita Garibaldi: mulher heroína.....	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	113
ANEXO A – CAPAS DAS OBRAS.....	114
ANEXO B – FIGURAS DA OBRA DE RAU	115
ANEXO C – FIGURAS DA OBRA DE ZUMBLICK.....	116
ANEXO D – FIGURAS DA OBRA DE MARKUN.....	117
ANEXO E – FIGURAS DA OBRA DE MARKUN.....	118
ANEXO F – FOTOGRAFIAS (ACERVO DA PESQUISADORA)	119

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação está relacionada à linha de pesquisa “Linguagem e processos culturais”, vinculando-se ao Projeto de Pesquisa: Identidade e Migrações, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

No âmbito deste contexto, investigamos a linguagem, em especial a literária. A linguagem literária possui peculiaridades para representação do verossímil ou inverossímil. É por meio da palavra que os textos são tecidos e o imaginário recebe forma. Quanto à verossimilhança literária, muitas mulheres, consideradas personalidades históricas, aparecem em narrativas ficcionais. Dentre essas, destacamos Anita Garibaldi.

Ao ser representada nas narrativas, a *persona*/personagem recebe focalização e visualização. Neste contexto, ensejam-se questionamentos de como os autores a recriam em palavras, quais características a aproximariam e a diferenciariam das mulheres de seu tempo e quais seriam as que evidenciam Anita Garibaldi como personalidade histórica.

A motivação advinda das reflexões e dos questionamentos demarca como objetivo norteador para a pesquisa: observar a representação de Anita Garibaldi nas obras: *Anita Garibaldi, o perfil de uma heroína brasileira*, de Wolfgang Ludwig Rau¹, (1975), *Aninha do Bentão*, de Walter Zumblick² (1980), *Anita Garibaldi, a mulher do general*, de Annita Garibaldi³, (1989) e *Anita Garibaldi, uma heroína brasileira*, de Paulo Markun⁴ (1999); com

¹ Considerado um dos grandes biógrafos de Anita Garibaldi, Rau nasceu em 3 de fevereiro de 1916, na Suíça. Veio para o Brasil em 1930, fixando-se com a família em Lages-SC. Naturalizou-se brasileiro em 1940. Faleceu em Florianópolis, em 7 de fevereiro de 2009.

² Foi escritor e cronista brasileiro. Nasceu em Tubarão-SC, no dia 17 de abril de 1908 e faleceu em 15 de dezembro de 1989. Publicou ainda as obras *Este meu Tubarão...!* (1974) e *Teresa Cristina, a Ferrovia do Carvão*. (1987).

³ *Annita Constance Beatrice Garibaldi Jallet* nasceu em Neuilly-sur-Seine (França) em 25 de Maio de 1942. É a única filha de Sante Garibaldi e Beatrice Borzattied Garibaldi. Sante era filho de Ricciotti, o quarto e último filho de Giuseppe Garibaldi e Ana Maria de Jesus Ribeiro (Anita Garibaldi). Estudou em Bordeaux, onde se formou em ciências políticas (1963) e em direito público (1964). Lecionou direito constitucional e ciência política na mesma universidade até 1985 e tem dirigido ou participado na direção da tese e diplomas relativos às instituições italianas e a situação da emigração italiana na França.

⁴ Jornalista brasileiro nascido em 7 de setembro de 1952. Já trabalhou em várias emissoras de TV, e atualmente é editor do *Jornal de Debates*. É autor de oito documentários e doze livros. Dentre eles o documentário *Anita Garibaldi, amores e guerras* (1999). Em 2011 lançou o site *O Brado Retumbante*, cuja proposta é ampliar o conhecimento do grande público sobre os fatos e acontecimentos, sobretudo a Campanha das Diretas, que levaram ao fim da ditadura militar no Brasil.

Disponível em: http://revistahistoriacatarina.zip.net/arch2009-02-08_2009-02-14.html; <http://www.ereaditadigaribaldi.net/annexes.php?annex=annita>; <http://www.bradoretumbante.org.br/tags/paulo-.Amarkun>. Acesso em: 12 fev. 2012.

intuito de analisar como os autores apresentam a mulher e a personagem histórica em suas obras, a partir da perspectiva enunciada pela teoria literária e da história privada das mulheres.

A eleição das referidas obras deu-se a partir dos critérios: títulos que constassem o nome e a personalidade histórica Anita Garibaldi; autores do lugar onde Anita nasceu; historicidade da obra de Wolfgang Ludwig Rau, porque inspirou os demais autores e pela sua amplitude; autora do lugar onde Giuseppe Garibaldi nasceu – Itália (familiaridade).

Como objetivos específicos, este estudo empreende: comparar enredos das narrativas, observando suas similitudes e diferenças; analisar o perfil de mulher a partir das características e das ações de Anita Garibaldi enunciadas nas obras; investigar Anita Garibaldi demarcando época e contexto, visto que o século XIX marcou a história do Brasil; destacar as considerações dos historiadores e analisar o papel de Anita Garibaldi nos momentos da História do Brasil apresentados, avaliando como os autores a enunciam.

Cabe destacar que a opção por investigar esse tema desenha-se a partir das considerações:

A época e o contexto: o século XIX demarcou a história do Brasil, dentre outros, pela transição do *status* de colônia portuguesa, capital do Império e nação independente. Esse tempo também foi pontuado por um cenário de lutas e revoltas civis.

Na região Sul do Brasil, mais especificamente em Santa Catarina, a Guerra dos Farrapos é apontada como um fracasso revolucionário. A Revolução Farroupilha teve Anita e Giuseppe Garibaldi como grandes personalidades que marcaram a história brasileira pela luta e pelo romance inusitado.

A mulher personalidade histórica: os dados da biografia de Anita Garibaldi, ou Ana Maria de Jesus Ribeiro, mostram que, em seus breves anos de vida, ela se destaca frente às mulheres de seu contexto. A coragem e a audácia parecem estar distantes de muitas mulheres do século XIX. Neste sentido, sua personalidade sempre foi motivo de especulação entre a maioria dos moradores de sua terra natal, Laguna-SC, seja pela decisão tomada em relação ao seu casamento imposto, seja pelo seu atrevimento em enfrentar um mundo desconhecido ao lado do amor de sua vida, Giuseppe Garibaldi.

Sobre Garibaldi, faz-se oportuno registrar que alguns historiadores o apresentam ora como mercenário, ora como bravo guerreiro de dois mundos; para outros, Garibaldi veio da Itália com a intenção de lutar pelas causas daqueles que tinham a liberdade como bandeira de guerra. Liderado e incentivado por ideologias libertárias, ajudou a compor a Revolução

Farroupilha, levando junto com ele Ana Maria, que, desde seu primeiro encontro, passou a ser *Anita*. Em meio às lutas, ideologias, formação de nações do século XIX, este casal simbolizaria a história de um povo, de identidades marcantes e decisivas.

A mulher: Anita Garibaldi insurge-se para além do vaticinado à mulher de seu tempo. Relatos sobre sua personalidade e atitudes são contraditórios. Observam-se narrativas que a demarcam como heroína, guerreira, como sofredora, como amante, como leviana, como sedutora, como audaciosa, como submissa, dentre outros.

Esta dissertação está estruturada: pelo presente capítulo Introdutório; o segundo capítulo, que trata do referencial teórico, no qual são abordadas considerações sobre a linguagem, a partir dos pressupostos de M. Bakhtin, a Linguagem Literária, sob a perspectiva de Massaud Moises, Alfredo Bosi, dentre outros, destacando a narrativa e seus elementos constitutivos, como o narrador, tipos de personagem, tempo, espaço, enredo e recursos narrativos. Apresentam-se as reflexões sobre a História e a Literatura e suas possíveis relações, aportadas nas percepções de White, Hans U. Gumbrecht. Discute-se sobre os elementos que constroem a representação do herói e o mito, como possibilidade de analisar a persona/personagem, Anita Garibaldi, como heroína, dentre outros aspectos. Reflete-se ainda sobre papel da mulher na sociedade do século XIX, a partir das considerações dos teóricos.

O terceiro capítulo aponta os aspectos metodológicos da pesquisa, enfatizando especificidades. Destacam-se, dentre outros, as observações de Rauen sobre a pesquisa qualitativa, caracterizando este como um estudo bibliográfico, com análise qualitativa descritiva. Os procedimentos metodológicos desenvolvidos ressaltam os aspectos considerados para a eleição das quatro obras sobre a história e vida de Anita Garibaldi. A análise das obras seguiu orientações apontadas por Massaud Moisés acerca da análise literária, observando os elementos da macroestrutura e da microestrutura das narrativas.

O quarto capítulo procura desenvolver os objetivos propostos. Nele são apresentadas as obras e as reflexões que compõem análise proposta neste estudo. Nos momentos escolhidos para a análise, são aplicadas as classificações dos elementos da narrativa, bem como comparações entre os enredos, estilos dos autores, descrições dos momentos históricos e “participação” de conceitos de gênero.

No quinto capítulo, destacam-se as considerações finais apreendidas a partir da pesquisa.

Com intuito de ilustrar e documentar este estudo, são inseridos anexos com imagens contidas nas obras e outros.

Estudar a linguagem a partir da arte literária faz-se instigante. Assim sendo, destaca-se a relevância deste estudo, na medida em que uma pesquisa científica no campo das ciências da linguagem deva apontar as contribuições para conhecimento histórico-literário, cultural e o que esta poderá proporcionar ao contexto atual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são apresentadas as linhas teóricas que servem de base ao estudo que se empreende. Em sua composição, desenvolvem-se abordagens e reflexões sobre a linguagem, a linguagem literária: especificidades e considerações sobre a narrativa, História e Literatura: interfaces possíveis, a Persona/Personagem: a heroína, o mito e os aspectos sobre a História das mulheres.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM

Uma das formas mais concretas de interação humana se dá por meio da linguagem. Não por acaso, a noção de “dialogismo” tornou-se um dos pontos centrais do pensamento de Bakhtin.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Sobre a palavra, Bakhtin (1995) afirma que esta é vista como signo ideológico por excelência e estudada como processo e não simplesmente como produto, como instrumento ou como mercadoria. Para o autor, cada enunciado proferido é constituído de vozes, de

lugares variados, ou várias fontes (polifonia), por sua multiplicidade significativa ou polissemia, sua abertura e incompletude, o que significa que um texto sempre se vincula a outros textos de várias origens: a chamada intertextualidade. Tudo isso remete a um princípio que ele chamou de dialógico.

Nessa perspectiva, como promotora de palavras, a arte, como texto não-verbal, ao ser colocada em cena, é promotora do diálogo. Segundo Bakhtin (1995), o diálogo acontece de forma mediadora na constituição da atividade mental, na medida em que estímulos externos vão se interiorizando e possibilitando desenvolvimento de consciências do mundo e consciências de si mesmo. E, mesmo quando ocorrem monólogos, existe aí forma de diálogos apesar de aparentemente aparecer de maneira solitária. As palavras que se usam diariamente surgem de fatos, de outros sujeitos, de outros lugares, de outros tempos. O mais importante neste princípio é que deva existir uma orientação para o outro, e não necessariamente um interlocutor concreto. É sempre o outro como possibilidade e imagem que define o que é meu e o que eu sou, é sempre na coletividade que o eu reconhece e se apreende.

A linguagem da arte suscita a atividade da linguagem. Conforme Bakhtin (1995), a linguagem é sempre vista como um trabalho, uma prática de caráter institucional. Por isso, a unidade linguística privilegiada para ele é a enunciação: recorte de um diálogo ininterrupto no processo de interação verbal.

Para Bakhtin,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (1995, p. 123).

Da arte decorrem enunciados. Estes são acontecimentos da linguagem, processos de constituição dos enunciados. O sentido dos enunciados nasce, por isso, do movimento da própria enunciação, de tudo o que compõe o quadro enunciativo.

Cabe apontar ainda que, de acordo com Bakhtin (1995), no trabalho da linguagem é preciso que se produzam sentidos, os quais estão sempre atrelados a uma moldura social e a uma audiência. Todo contexto necessário à constituição da linguagem, neste caso, da linguagem artística, forma o que se chama de condições de produção, ou seja, condições de

possibilidades para a ocorrência da linguagem, quais sejam: os valores, as crenças, e as situações concretas de intercâmbios que compõem quadros próximos para a realização da prática da linguagem, envolvendo pessoas, temas e circunstâncias definíveis. Esses sentidos que são elaborados na coletividade compõem efeitos produzidos a cada instante, a cada situação. E tal movimento tem o caráter *polifônico*, ou seja, cada voz explora vozes próximas ou distantes, e as vozes de cada um podem revelar valores contraditórios produtores de confrontos mais ou menos abertos.

Bakhtin destaca que a compreensão passiva das significações do discurso ouvido ou lido é apenas uma etapa do processo que é a compreensão responsiva ativa, que corresponde a uma resposta subsequente, não necessariamente fônica ou gráfica. No caso de uma ordem, por exemplo, ela pode realizar-se como um ato; pode também corresponder a uma atitude que retarde um pouco, e ainda ao mutismo da indiferença ou desprezo. O próprio locutor pressupõe essa compreensão: ele não espera que sua exteriorização seja apenas duplicada na mente do outro. O autor comenta que ele espera uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc.

Percebe-se, assim, que os processos mediados, dialógicos, polissêmicos e polifônicos são formados por um conteúdo de conhecimento sobre o mundo e as relações humanas, um conteúdo semiótico e ideológico que é, simultaneamente, o reflexo ativo da realidade e o material que a constitui.

As ideias de Bakhtin sobre o homem e a vida são caracterizadas pelo princípio dialógico. A alteridade marca o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua constituição. Logo, a dialogia é o confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão. “[...] na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem.” (BAKHTIN, 1995, p. 35-36).

Bakhtin (1995) argumenta, portanto, que cada um de nós ocupa um lugar e um tempo específico no mundo, e que cada um é responsável ou “respondível” por suas atividades. Estas ocorrem nas fronteiras entre o eu e o outro, e, portanto, a comunicação entre as pessoas tem uma importância fundamental.

A análise se empreende das obras neste estudo, e se aporta nos pressupostos deste autor, na medida em que se considera também que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Dessa forma, os discursos que delas advêm não são assimilados como algo individual, tanto pelo fato de que eles se constroem entre, pelo menos, dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais, como pelo fato de que eles se constroem como um diálogo entre discursos, isto é, mantêm relações com outros discursos. Para Bakhtin, “O discurso é uma ‘construção híbrida’, constituído por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (BAKHTIN, 1995, p.38).

Entende-se, então, que a vida cotidiana pode promover uma realidade material tecida por códigos culturais que a apresentam e ou representam a partir de identidade coletiva própria de um grupo social. A linguagem, no caso desta pesquisa, a linguagem artística, mais precisamente a literária, é essencialmente dialógica e complexa. Há, portanto, permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma comunidade, uma cultura, o que possibilita a leitura dinâmica e que explora a intertextualidade contida nas obras analisadas.

2.2 A LINGUAGEM LITERÁRIA: ESPECIFICIDADES E CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA

Conforme mencionado, a linguagem literária é dialógica e complexa. No presente estudo, o caráter dialógico desenha-se a partir das leituras das obras em análise, observando as relações, similitudes ou aspectos que ensejam ou são ensejados. Sobre a complexidade da linguagem literária, faz-se oportuno apresentar, inicialmente, algumas considerações acerca das narrativas, uma vez que, dentre as classificações das especificidades da arte literária, essas obras podem ser consideradas grandes narrativas, e qualificadas próximas dos romances.

As narrativas vêm ao longo das décadas despertando o imaginário dos leitores, não só de maneira lúdica ou recreativa, mas também de forma culturalmente crítica e reveladora. O ideal humano de cada época é retratado em ordem evolutiva e sequencial diante de um mundo que lhe cabe realizar-se como ser participante e capaz de refletir seu papel de personagem

principal ou secundário, tanto ficcional quanto atuante nos movimentos decisivos de sua vida social e privada.

As manifestações literárias e históricas empreendem os esboços de ideias e ideais, trocadilho interessante que, ao longo das análises de pesquisadores e historiadores, revela a necessidade de registrar acontecimentos para que estes posteriormente sirvam de relato e exemplo aos que, porventura, se interessarem em pesquisas bibliográficas, biográficas e estruturais. Também há quem busque na História confirmações para suas dúvidas e a constante busca de respostas para a representação do indivíduo na sociedade.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. (...) à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

A humanidade procura representar o equilíbrio entre suas ações e emoções, e a Literatura cria uma estrutura significativa que constrói essa ponte imaginária. Para Coelho (1986, p.30) “a Arte é na realidade em suas diferentes manifestações, o fenômeno que descobre o mundo à Humanidade”. Sendo assim, os impulsos, as aspirações, os temores da figura humana são revelados por meio das palavras na Literatura, criando um universo paralelo ao real.

A evolução histórica é relatada de diversas maneiras através da narrativa. É evidente que a Literatura transforma o cotidiano podendo intensificá-lo segundo propósitos de expectativa tanto do narrador quanto do leitor, já que esse último representa a mudança constante do ponto de vista de interpretação de qualquer obra em diferentes épocas.

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual. (JAUSS, 1994, p. 25).

Cada ser é exclusivo e pode trazer consigo uma estrutura construída desde crianças. O leitor é, por assim dizer, um sintoma de como a obra foi recebida em certa época e dentro de certa situação formal (LIMA, 2002, p. 807). Não é ingênuo afirmar que, distraidamente, às

vezes somos induzidos a interpretar e acreditar em certas narrativas que, ao longo dos tempos, foram reproduzidas para contento e realização pessoal de alguns, geralmente de pessoas em situações formalmente comprometedoras perante a sociedade.

A Literatura contribui para a formação de opinião e construção ideológica, mesmo sendo a arte da palavra, teoria mais popular conhecida, sua representação histórica não pode ser ignorada e nem relacionada apenas com ficção e teorias lúdicas.

A definição de Literatura, segundo Eagleton, “fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido. Se ela não tem uma finalidade prática imediata, a interpretação terá como aliados os conhecimentos prévios do leitor, suas vivências, suas ideologias e seus preconceitos”. (2006, p.12).

Os tempos mudam e as opiniões também. A Literatura vai se construindo com as mudanças históricas e a linguagem se adaptando à realidade. Para Eagleton, “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’.” (2006, p. 19).

Ao focalizarmos o Gênero Narrativo⁵, observamos que neste se combinam vários elementos, sua forma pode ser em prosa ou em verso, seu conteúdo é sempre objetivo ou objetivo-subjetivo, e sua composição é expositiva representativa. De acordo com Tavares “há um narrador, que mantém um distanciamento em relação aos acontecimentos pelo aspecto temporal (passado). O narrador dita as características das pessoas e também, pode ser um personagem”. (2002, p. 120).

O Gênero Narrativo, conforme destaca Tavares (2002, p. 120), pode ser apresentado nas modalidades textuais como o romance, a novela, o conto e a crônica.

O romance empreende uma narrativa mais longa. Apresenta um corte mais amplo da vida, verossímil ou não, com personagens e situações densas e complexas, com passagem mais lenta do tempo.

⁵ O Gênero Narrativo possui sua gênese no Gênero Épico. Este pode ser considerado um dos mais antigos Gêneros Literários, com sua narrativa constituída em versos. A Epopeia é assim um extenso poema narrativo onde o divino se confunde com a realidade, e a lenda com a história, geralmente invocando algo ou alguém de valor extraordinário.

Disponível em: <http://www.brasilecola.com/literatura/genero-narrativo.htm>. Acesso em: 10 dez. 2011.

Cabe ressaltar que narrar uma história empreende a utilização de elementos como:

- 1) *Ação*: É o enredo contado tanto de forma externa: viagem, deslocamentos, ou interna: quando se passa no consciente ou subconsciente: histórias introspectivas. Há uma ligação dessas ações no desenrolar da história.

Ao iniciar o contato com o romance de qualquer tipo, o leitor é obrigado a concordar como as normas estabelecidas pelo ficcionista; acrescidas de verdade (verossimilhança interna a própria obra) e necessidade (interna ou externa). (MOISÉS, 1977, p. 90).

- 2) *Tempo*: É um dos elementos mais importantes da narrativa. É nele que fluem os fatos e acontecimentos, desde o enredo até a linguagem. Existe o tempo cronológico, marcado por dias, horas, meses, anos e, geralmente, linear; e o psicológico, que é demonstrado pelo estado de espírito e consciência das personagens, sendo introspectivo, subjetivo e espiral. Em um texto narrativo é possível encontrá-los juntos, marcando um equilíbrio para a história em análise ou simples leitura e sendo assim uma terceira forma temporal.
- 3) *Espaço*: Onde ocorre(m) o(s) fato(s). Na verdade, a frequência e a intensidade e densidade com que o lugar geográfico se impõe no conjunto de uma obra ficcional está em função de suas outras características (MOISÉS, 1997, p. 107). O cenário influi nas decisões das ações das personagens, no seu estado emocional, psicológico e físico. O lugar será relevante de acordo com a forma literária (conto, novela ou romance).
- 4) *Personagens*: São os elementos de destaque da narrativa. Podem ser personagens redondas ou planas. As personagens redondas possuem muitas características envolvidas, enquanto as planas não têm tanta profundidade: ou tem qualidades ou defeitos. Nos romances psicológicos e introspectivos encontramos mais as personagens redondas; de outra forma nos contos e romances lineares delimitamos as personagens planas.

As personagens planas, segundo Moisés (1977, p. 111), são estáticas por natureza, pois suas características principais jamais se modificam; já as personagens redondas possuem dinamismo.

Há duas formas de análise de personagens: análise estática, que diz respeito à descrição integral da personagem: seus aspectos físicos e psíquicos e aplica-se geralmente às personagens planas, cujas ações se confirmarão como o passar dos fatos. Já na personagem

redonda há certa dificuldade de enquadramento, pois esta pode ser desconhecida até mesmo pelo próprio romancista.

Outra forma é a análise dinâmica que se realiza pela desmontagem da evolução da personagem, plana ou redonda, ao longo do romance. Assim ao contrário da análise estática, que cuida da imobilidade, esta se ocupa da continuidade (MOISÉS, 1977, p. 113).

Enfim, a personagem plana não nos surpreenderá com suas mutações quanto possível assim fará a personagem redonda.

- 5) *Narrador*: É o ponto de vista que o escritor estabelece para contar a história. Pode ser em primeira pessoa, quando o personagem principal conta sua história ou uma personagem secundária comenta o drama do protagonista; e terceira pessoa, quando outros personagens contam sem participar das ações principais. Existe o narrador onisciente: o que nos conta a história; e o observador, aquele que apenas comunica o que estiver ao seu alcance.
- 6) *Recursos narrativos*: Temos o *diálogo*: fala das personagens por meio de discurso direto, monólogo ou solilóquio; a *descrição*: compõe-se de pormenores narrados; a *narração*: implica em acontecimentos; e a *dissertação*: explanação de ideias.

A narrativa, em sua estrutura, pode promover enredos, personagens, espaços, tempos, próximos da realidade, verossímeis, ou para além dela, inverossímeis. Faz-se oportuno evidenciar que linguagem literária, pelas palavras, procura em suas histórias, representar a imaginação e a emoção do homem com o seu grupo social ou em suas relações com o mundo que o cerca.

De fato, a memória biográfica dum ficcionista serve-lhe, via de regra, para a composição de diários e memórias. Quando lhe serve para a criação de romance, isto só ocorre em duas circunstâncias: ou trata-se da observação alheia depositada na memória e um dia transferida deformadamente para a ficção, ou trata-se de converter em imaginação tudo quanto se vai acumulando na memória, seja produto da observação, seja o da própria experiência. (MOISÉS, 1977, p. 198-199).

Moisés (p. 199) afirma que “o ficcionista tira suas personagens de dentro de si, pois mesmo quando emprega a observação ou a memória, ele transforma tudo em matéria própria”. Nas obras analisadas, os autores projetam a personagem Ana Maria de Jesus Ribeiro de acordo com suas pesquisas e seu momento histórico.

2.3 HISTÓRIA E LITERATURA: INTERFACES POSSÍVEIS

Na pesquisa que se desenvolve ficaria difícil isolar a Literatura da História. Percebe-se que, ao analisar somente a História, as perspectivas e fundamentos têm apresentação eurocêntrica e elitista, ocultando as faces dominadas, vencidas e excluídas. No caso da Literatura, há uma extrema dificuldade de contextualização e fluxo de leitura quando não acrescentamos a face histórica.

Na obra Rau, o narrador, comenta:

Quase na mesma época, quando na longínqua Laguna, Ana Maria de Jesus Ribeiro contraía o seu infeliz primeiro matrimônio com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, aportava no Rio de Janeiro, com vários companheiros, o homem que seria o seu destino. Giuseppe Maria Garibaldi, italiano, nascido em Nice, a 4 de julho de 1807, entusiasta das lutas de libertação e independência.. De olhos castanhos penetrantes, barbudo, trazia o cabelo louro avermelhado “a la nazareno”; de mediana estatura, era de compleição atlética, e em certos momentos possuía um certo ‘que’ de leonino. (RAU, 1975, p. 79).

Destaca-se que, mesmo relatando um fato histórico, a palavra “infeliz” sinaliza o caráter subjetivo da escritura, concedendo a essa obra aspectos da historiografia literária. Assim sendo, pode-se sugerir que linguagem literária possibilita outros olhares, e os fatos históricos podem ser apreendidos e analisados a partir de diferentes perspectivas. Para White (*apud* MUNSLOW, 2009, p. 187) “as narrativas não são veículos neutros para a transmissão das realidades passadas, nem muito menos os historiadores podem descobrir a verdade narrativa do passado na evidência das intenções e crenças humanas”. O historiador seguiria o fluxo da narrativa e forneceria significados para a história.

Percebe-se a relevância do relacionamento entre historiadores e as estruturas narrativas ficcionais com as mudanças históricas. A subjetividade contribuiria para que seu trabalho recebesse maior credibilidade em meio a uma sociedade que busca no passado as justificativas para acontecimentos atuais.

Além dessa relação, é preciso diferenciar história de ficção, a fim de tornar relatos em história objetiva. Entendemos que a história pode ser contada em versos, como no caso da epopéia de Camões, os *Lusíadas*⁶:

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

Entretanto, a necessidade de entender o passado passa por uma narrativa (em prosa) organizada e objetiva e, sendo assim, o texto escrito nos é proposto de acordo com as mudanças ideológicas e estruturais da sociedade.

Na obra de Markun,

Garibaldi encontrou uma mulher em Laguna, apaixonou-se por ela e a levou consigo. Sobre o episódio em si, muito se escreveu e existem versões baseadas em depoimentos orais que contestam a deixada pelo protagonista em suas memórias. Uma delas diz que os dois se encontraram no hospital onde estavam sendo cuidados os feridos nos combates. Outra, que eles se conheceram numa famosa fonte de água da cidade – existe inclusive um quadro que idealiza esse momento. Mas a única versão consistente é a de Garibaldi em suas memórias. (1999, p. 137).

Suas interpretações podem ser imparciais e oniscientes para que seu relato não se torne incontestável, entretanto, observa-se a subjetividade quando comenta sobre os protagonistas: “Garibaldi encontrou uma mulher em Laguna, apaixonou-se por ela e a levou consigo”. Também se verifica que, para os historiadores, torna-se importante mostrar para o leitor que seu ponto de vista e sua pesquisa não são únicos: “Sobre o episódio em si, muito se escreveu e existem versões baseadas em depoimentos orais que contestam a deixada pelo protagonista em suas memórias.”

João Hernesto Weber afirma que “Toda história é uma narrativa, e o que as diferencia entre si é o modo de narrar. E os modos de narrar foram retirados da teoria literária, o trágico, o cômico e assim por diante...” (WEBER, 2009, p.16).

⁶ 10. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 95.

Esta característica apontada por Weber encontra eco na peculiaridade das narrativas em estudo, na medida em que se observam, entremeados às narrativas em estudo, fragmentos de documentos que contribuem para o curso do enredo, dentre outros, os aspectos trágicos.

Pode-se mencionar como exemplo, na obra de Zumblick, o aparecimento da certidão de casamento⁷ de Anita com Manuel Aguiar:

Aos trinta de agosto de mil oitocentos e trinta e cinco, nesta Matriz de Santo Antonio dos Anjos de Laguna, pelas onze horas do dia, depois de feitas as denúncias na forma do Sagrado Concílio Tridentino e Constituição do Bispado, sem impedimento algum canônico, em presença das testemunhas abaixo assignadas João Joaquim Mendes Braga e Antonio Duarte de Aguiar, se receberam em matrimônio na fé da Igreja Manoel Duarte de Aguiar, filho legítimo de Francisco José Duarte já falecido e de Joaquina Rosa de Jesus, natural da cidade de Desterro, com Anna Maria de Jesus, filha legítima de Bento Ribeiro da Silva, já falecido, e de Maria Antonia de Jesus, natural da cidade de São Paulo, sendo os contratantes moradores desta freguezia. E logo lhes conferi as Benções Nupciais na forma do Ritual Romano. E par constar mandei fazer este assento, que assignam. (ZUMBLICK, 1980, p. 29).

Há também, segundo Burke (1992, p. 331-332), os que defendem a narrativa a partir de uma análise estática e, assim, em certo sentido, não-histórica [...] Os historiadores da narrativa tradicional tendem a exprimir suas explicações em termos de caráter e intenção individuais. [...] Os historiadores estruturais, por outro lado, preferem explicações que tomam forma.

Dividem-se os historiadores em analistas e narradores. O equilíbrio se faz necessário e assim a narrativa tenha a simultaneidade de um observador bem informado que combinou acontecimentos com ficção e transformou seu relato em pesquisa narrativa.

White (apud MUNSLOW, 2009, p. 192) insiste que o passado enquanto história não é *a* estória - ele é a invenção ficcional dos historiadores, na tentativa de recontarmos o que foi o passado. Então, quando descobrimos o passado, desconstruímos a História.

A linguagem tem grande poder nesta mudança de paradigmas. A desconstrução com base na pesquisa histórica se apropria da ferramenta que figura ou transfigura os fatos, dependendo do que e de quem se quer atingir. O poder de explanação do historiador é uma forma de apropriação dos acontecimentos, e dependendo da intenção, a microestrutura sofrerá

⁷ Na transcrição do documento em referência foi respeitada a sua grafia conforme consta na sua forma original.

modificações consideráveis para o registro verdadeiro dos fatos revelados posteriormente na macroestrutura.

Destacamos também que o leitor pode ser envolvido através de uma narrativa bem feita que fora desenvolvida a partir do intuito do historiador agradar ao público, apropriando-se de ideologias sociais e criando referências em sua obra. Esta estratégia geralmente é bem sucedida quando a obra se torna um romance histórico ficcional, ao invés de pesquisa historiográfica. Para os analistas de obras biográficas essa generalização confunde e em certos casos até ajuda a omitir a publicação da verdade histórica.

A História, assim concebida, é mais uma pintura do que uma reconstrução legítima – uma apreciação estética de um mundo passado, e não a recuperação de sua realidade perdida a partir das fontes compostas de afirmações individuais sobre a realidade passada (WHITE, *apud* MUNSLOW, 2009, p. 199).

O historiador compõe uma narrativa significativa e não quer dizer que seja ‘verdadeira’. Geralmente uma pesquisa sobre fatos históricos tem um propósito científico, pois dificilmente dependeria dos fatos e sim do que significa.

Hans Gumbrecht (1996) acredita que, “somente o desaparecimento do conceito global de ‘história’, no horizonte temático da história da literatura, possibilita a transição para a historiografia literária (não-marxista) dos séculos XIX e XX”. As reflexões de Gumbrecht permitem concluir que a História não pode ser vista como algo linear, lógico e acabado. Assim, a Literatura precisou também reencontrar-se no tempo, já que a história “tradicional” mostrou-se ser incapaz de traduzir o todo. (GUMBRECHT, 1996, p. 227).

Nesse contexto, encontram-se as considerações de Hayden White (2009), que também entende a História como uma espécie de ficção, um discurso narrativo em prosa que combina uma série de eventos presumivelmente ocorridos no passado. Para White, a História precisa necessitar cada vez mais discutir o problema do conhecimento histórico, de modo que:

[...] enquanto um historiador pode entender que é sua tarefa reevocar, de maneira lírica ou poética, o ‘espírito’ de uma época passada, outro pode presumir que lhe cabe sondar o que há por trás dos acontecimentos a fim de revelar as ‘leis’ ou os ‘princípios’ de que o ‘espírito’ de uma determinada época é apenas uma manifestação ou forma fenomênica. Ou, para registrar uma outra diferença fundamental, alguns historiadores concebem sua obra primordialmente como uma contribuição para a iluminação de problemas e conflitos sociais existentes, enquanto outros se inclinam para suprimir tais preocupações presentistas e tentam determinar em que medida um dado período do passado difere do seu, no que parece ser um

estado de espírito bem próximo daquele do ‘antiquário’. (WHITE, *apud* MUNSLOW, 2009, p. 20).

A ficção e a história são narrativas próximas que se distinguem apenas por suas estruturas. Essa interação pressupõe a dúvida com relação à autenticidade e a inautenticidade dos objetos a serem analisados. Assim, reescrever o passado na ficção constitui o mesmo processo da escrita da história, ambos os casos revelam o fato ao presente.

2.4 A PERSONA/PERSONAGEM: A HEROÍNA, O MITO

A personagem é um ser de ficção. Conforme destacamos, pode ser plana ou redonda. A personagem redonda é elaborada, segundo Moisés (1968, p.196), “com profundidade e tão somente se revelam por uma série de características, identificadas pelo desenvolvimento irregular de uma virtude ou de um vício. Dinâmicas, as coisas se passam dentro delas e não a elas; por isso causam surpresa ao leitor graças à sua ‘disponibilidade’ psicológica.” Ainda segundo o autor, ela passa uma visão global e completa, embora singular onde a sensibilidade e a intuição ocupam lugares estratégicos durante a narrativa.

Neste estudo, aparece imbricada a relação *persona* (pessoa) personagem. Como pessoa, Ana Maria de Jesus - Anita Garibaldi, viveu, possuindo registros documentais sobre sua existência. Ao ser representada nas narrativas, como as obras em estudo, Anita Garibaldi torna-se personagem dos enredos que essas promovem. A complexidade de sua composição atribui o caráter de personagem redonda. Entretanto, para além deste caráter, agregam-se tanto à *persona* Ana Maria como à personagem Anita características peculiares à heroína e ao mito.

Segundo Campbell (2007), o herói passa por muitos estágios: O primeiro grande estágio é o da *separação ou partida* (Anita sai de casa), seguindo o estágio *das provas e vitórias da iniciação* (batismo de fogo no navio de Garibaldi e outras provações até chegarem em Montevidéu); e o terceiro, que é o mais difícil, o *retorno e reintegração à sociedade* (Anita vive em sociedade em Montevidéu e na Itália).

Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas (ELIADE, 2004, p. 06), sendo assim, saber da existência, de como encontrar e fazer com que reapareçam determinados fatos que desapareceram por conta do esquecimento, ou o simples fato de se perder na memória de algumas pessoas, faz com que a busca curiosa sobre como se torna um mito, passa ser interessante.

Definir mito parece ser complicado, pois dependente da época, ele assume determinado papel e valor histórico. Para Eliade,

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (2004, p. 11)

Se, então, o mito relata algo que foi produzido e começou a ser; o fato de Aninha do Bentão como era de antemão conhecida passa ser Anita, sugere essa mediação de criação do mito Anita.

A personalidade dessa personagem feminina atípica e real de nossa história aponta uma mulher que construiu sozinha um mito que serviu e serve de inspiração para demonstrar coragem e originalidade própria da mulher que não se prende ou se deixa arruinar pelas adversidades de seu tempo.

Conforme aponta Campbell,

Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. Como Freud demonstrou, os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. E essas nascentes podem ser muito profundas – tão profundas quanto a própria alma. O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino. (CAMPBELL, 2007, p. 60)

É notável a resistência em assumir a importância de Anita para a construção dessa mulher mito, heroína brasileira e essencialmente feminina demonstrada veementemente durante sua trajetória de vida. De acordo com Campbell, “os mitos e contos de fadas de todo o mundo deixam claro que a recusa é essencialmente uma recusa a renunciar àquilo que a pessoa considera interesse próprio.” (1989, p. 67).

Temos, em outras palavras, a concepção de mito como “a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser. De outro lado, o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação de mundo. Mito é, por conseguinte, a *parole*, a palavra “revelada”, o dito” (BRANDÃO, 1990, p. 48). Então, nada mais justo, encarar Anita como parte dessa representação coletiva, pois ela é o relato de uma construção heroica de mulher, mãe, guerreira e expressão de liberdade feminina.

De acordo com Eliade,

Por outras palavras, o mito conta como, graças aos actos dos seres sobrenaturais, uma realidade teve existência, quer seja a realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma Instituição. É sempre uma narrativa de uma 'criação': conta-se como qualquer coisa foi produzida, como começou a ser. O mito não fala senão daquilo que aconteceu *realmente*, naquilo que se manifestou completamente. As personagens dos mitos são seres sobrenaturais. (ELIADE, 2004, p. 98).

Sabe-se que Anita mantém o título de “heroína de dois mundos”, reconhecimento adquirido na Itália devido sua participação ao lado de Garibaldi nas lutas da Unificação Europeia. Depois de morta, serviu de motivação para dar coragem aos soldados italianos que lutaram ora contra franceses, ora contra os austríacos. Anita assumiu o nível de importância histórica tal qual Joana D’Arc⁸, Catarina da Rússia⁹ e Eva Perón¹⁰.

Segundo Bierlen (2004, p. 65), “para uma cultura tradicional, tudo o que fazemos nas nossas vidas é apenas uma repetição de eventos que ocorreram nos mitos. Toda a experiência humana no passado deriva seu valor do mito, que foi percebido como infinitamente mais significativo do que a vida de um indivíduo”.

⁸ É a santa padroeira da França e foi uma heroína da Guerra dos Cem Anos, durante a qual tomou partido pelos Armagnacs, na longa luta contra os borguinhões e seus aliados ingleses. Nasceu em Domrémy-la-Pucelle, em 6 de janeiro de 1412, e faleceu em Ruão, no dia 30 de maio de 1431.

⁹ Foi uma imperatriz déspota russa de 1762 a 1796. Durante o seu reinado, o Império Russo expandiu-se, melhorou a sua administração e continuou a modernizar-se. Nasceu em Stettin, em 2 de maio de 1729, e faleceu em Tsarskoye Selo, no dia 16 de novembro de 1796.

¹⁰ Conhecida como **Evita**, foi uma atriz e líder política argentina. Tornou-se primeira-dama da Argentina quando o general Juan Domingo Perón foi eleito presidente. Nasceu em Junín, província de Buenos Aires, em 7 de maio de 1919, e faleceu em Buenos Aires, no dia 26 de junho de 1952.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_d'Arc; http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_a_Grande; http://pt.wikipedia.org/wiki/Eva_Per%C3%B3n. Acesso em: 05 fev. 2012.

Observa-se a representação de mulher e mito em uma mesma personagem histórica e que, de acordo com Eliade (1994, p. 47), a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas.

As definições de Roland Barthes parecem oportunizar estas reflexões, na medida em que para o autor:

o mito não cega as coisas, sua função, ao contrário, é falar delas; simplesmente purifica-as, inocenta-as, funda-as em sua natureza e eternidade, dá-lhes uma clareza que não advém da explicação, mas da constatação [...] o mito funda uma clareza feliz: as coisas parecem significar elas mesmas. (2003, p. 67).

O mito é essencial à natureza humana, por isso de essência poética; todavia, indo os tempos dominados pela razão e pelo desencantamento do mundo, seria necessário reclamar e construir uma nova mitologia.

A verdade do narrador histórico não exclui a “mentira” da mitologia, pois esta funciona como elemento estruturador e decorativo indispensável dentro da mentalidade da época, contendo, em seu nível, a sua verdade. Estudar o imaginário humano sempre é algo instigante. Adentrar no estudo das linguagens que veiculam esse imaginário torna-se algo ainda mais fascinante. A linguagem permite que exista o mito, como diz Barthes.

Além disso, são várias as vozes sociais que perpassam estas qualidades. Como salienta Bakhtin nesta mistura de vozes familiares, religiosas, dentre outras, este diálogo que se dá entre a linguagem que mitifica e a sociedade que cria coisas que não existiam até então, remete-se a algo novo, mas que sempre se cria a partir de algo que a sociedade ofereceu.

2.5 ASPECTOS SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES

A identidade feminina, durante muito tempo, foi motivo de pesquisa e contestação. Em todos os tempos, muitos homens tiveram medo das mulheres. A Mulher foi/é considerada a Outra, a estrangeira, a sombra, a noite, a armadilha, a inimiga. A Mulher é a Judite ou Dalila, que se aproveita do sono do homem para cortar-lhe os cabelos: a sua força. De acordo

com Perrot, este medo ancestral, primitivo, ligado talvez à sexualidade, encontra, em cada época, sua expressão própria. (2005, p. 265).

A possibilidade de encontrar um espaço igualitário na sociedade fez com que teorias fossem escritas em nome dessa liberdade. Feministas ou não, as descobertas deixam clara a marginalização sofrida pelas mulheres nos núcleos familiares, religiosos e sociais. Muito mais do que esposas, amantes ou mães, as mulheres foram sempre servis, independente da época ou classe social.

A História revela que o centro dos conflitos entre homens e mulheres é o poder. A evolução das relações entre os sexos varia de acordo com as décadas e as ideologias que marcaram as sociedades. Desde quando surgiram os primeiros estudos sobre as mulheres, o termo “feminismo” fazia referência política e automaticamente criava discriminação. A modificação para Gênero (*gender*) tornou mais acessível e amplo o campo de produção e pesquisas, mas não deixando de ser *historiadores feministas*. Nas últimas duas décadas se acentua e se firma esse campo da História das Mulheres.

Desde *Beauvoir*, teorias são escritas para justificar e esclarecer o papel da mulher e situá-la adequadamente na sociedade. No século XIX, embora legalmente as mulheres ocupem uma posição muito inferior aos homens, elas constituem, na prática, o sexo superior. Elas são o poder que se esconde atrás do trono. (PERROT, 2005, p. 265).

A primeira força da mulher vem da Natureza. Ela tem o poder procriador, com seu ventre fecundo ela dá a vida; isso já acarreta uma imagem dominadora. O poder feminino é oculto e desconhecido, gera, portanto, um temor ao homem que a quer dominar, mas ao mesmo tempo eles se interrogam de como é o mundo das mulheres.

A modernidade que se instaura no século XIX revela que as mulheres não começaram a trabalhar fora quando as máquinas chegaram, elas já exerciam essa função há muito tempo, não ficando difícil essa adaptação social.

O século XIX acredita nas capacidades morais das mulheres; por um lado ele as exalta, como uma força de regeneração, uma trama de continuidade; por outro lado, ele as teme como um bloco de inércia que freia a modernidade. Da missão civilizadora das mulheres ao pesado obscurantismo tão contrário ao progresso, o século XIX fantasia o poder feminino. (PERROT, 2005, p. 266).

Para se pensar sobre a História das Mulheres, é preciso perceber que as mulheres estão adicionadas a ela e que proporcionam uma reescrita, complementando a superficialidade deixada nas lacunas historiográficas.

Nos documentos oficiais da História do Brasil, a participação das mulheres não pode ser separada da construção política, econômica, social e cultural. Os colonizadores europeus que chegaram a esta terra farta de riquezas naturais descobriram a preciosidade do gênero humano residente e diferente das que conhecia em suas terras. A princípio, se aproveitaram de sua ingenuidade e ao mesmo tempo as recriminavam por sua facilidade de conquista. Quando perceberam estavam dominados e iniciou-se então uma violenta desagregação do modo de vida indígena. Doenças contagiosas dentre outras pestes, exterminaram boa parte das mulheres. As que restaram, a escravidão se tornou uma espécie de cela social.

Segundo Bauer,

As expedições também foram responsáveis pela presença das primeiras mulheres europeias no Brasil: as prostitutas e outras “criminosas” perseguidas em Portugal. Sua chegada foi fundamental para refrear o anseio dos primeiros colonizadores de voltar a sua terra natal, na medida em que, pelo menos, satisfaziam suas “necessidades sexuais” e se prestavam à realização dos serviços domésticos cotidianos, cuidando da limpeza e costura das roupas, do preparo da comida e mesmo da administração de algumas feitorias. (2001, p. 115).

Chegaram também os representantes do Clero no Brasil e junto com eles as ações discriminatórias sobre o papel da mulher na sociedade que estava sendo construída. O “pecado” deveria ser expurgado do meio cristão e a mulher era uma das fontes desse desvirtuoso perigo eminente. A monogamia foi uma forma de “frear” e enclausurar a mulher, assim, ela teria uma casa para cuidar, filhos para criar e não se ocuparia nem com problemas econômicos ou políticos, ficando longe das decisões patriarcais.

Algumas mulheres casaram-se por amor, mas a maioria o arranjo matrimonial foi a forma mais coerente de cercar os bens materiais da família. Muitas trabalhavam em diversas profissões, outras se prostituíam. As mulheres pobres tinham uma união não formalizada por causa das altas taxas cobradas pela Igreja. Mas, de qualquer forma, a mulher sempre foi submissa.

Estudos feitos nas regiões do sul do Brasil revelam peculiaridades deixadas pelos imigrantes europeus italianos, alemães e portugueses. Principalmente, em Santa Catarina, havia um predomínio da etnia alemã e estereótipo de mulheres dóceis e trabalhadeiras. Elas

foram estritamente necessárias para a colonização do Vale do Itajaí. Na capital catarinense, mulheres eram vistas no comércio atendendo à freguesia.

No Rio Grande do Sul, onde a economia baseava-se no cultivo da terra, o auxílio das mulheres como mães, educadoras e nas plantações as caracterizavam como “prendas”. As longas viagens de seus maridos as deixavam como responsáveis pelas terras e as administrando sozinhas desde então.

Segundo Joana Maria Pedro (*apud* DEL PRIORE, 2004, p. 291), muitas das imagens idealizadas das mulheres sofreram mudanças e intensificações por conta das transformações que se operaram com a proclamação da República. Mulheres de origem alemã sofriam com a miscigenação iminente e seria uma desgraça se houvesse mudança racial. As polonesas eram consideradas subalternas, ocupando os lugares das africanas e luso-brasileiras mantidas como escravas.

Em Porto Alegre, a diversidade cultural projetou mudanças nas relações entre homens e mulheres. Com a Ditadura Republicana Científica implantada através da Constituição de 14 de julho de 1891, o casamento civil foi uma forma de colocar “ordem” às uniões matrimoniais, principalmente das classes menos favorecidas. A mulher sempre foi uma ameaça para a civilidade e integridade moral da sociedade.

Diante da pluralidade étnica, religiosa e social, a mulher não pôde ser facilmente caracterizada. Em uma breve citação, Joana Maria Pedro (*apud* DEL PRIORE, 2004, p. 318) lembra a personalidade de Anita: “Entre aquelas de carne e osso, encontramos figuras muito diversificadas. Desde mulheres como Anita Garibaldi, da Laguna, em Santa Catarina – que abandonou o lar e o prestígio de “mulher honesta” para seguir o amante italiano [...]”.

Salienta-se que estudar as representações do imaginário, as representações do feminino sempre podem se tornar algo instigante.

Segundo Del Priore,

[...] se isso não bastasse, ainda poderíamos nos perguntar: para que serve a história das mulheres? E a história viria simples: para fazê-las existir, viver e ser. E mais, fazer a história das mulheres brasileiras significa apresentar fatos pertinentes, idéias, perspectivas não apenas para especialistas de várias ciências-médicas, psicólogos, antropólogos, sociólogos etc. -, como também para qualquer pessoa que reflita sobre o mundo contemporâneo, ou procure nele interferir. Esta é, afinal, uma das funções da história. (1997, p. 9).

Para Del Priore (1997), o que interessa não é fazer a história das mulheres que apenas conte a saga em heroínas e mártires, isso poderia ser um terrível engano. Importa, sim, enfocar a mulher através dos tempos em suas tensões e contradições estabelecidas nas diversas épocas, entre elas e o seu tempo, entre elas e a sociedade em que estavam inseridas.

Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante. As transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher. (DEL PRIORE, 1997, p.9).

Uma questão deixada por Scott (*apud* BURKE, 1992, p. 78) é a seguinte: “Através de que processos as ações dos homens vieram a ser consideradas uma norma representativa da história humana em geral, e as ações das mulheres foram subestimadas, subordinadas ou consignadas a uma arena particularizada, menos importante”?

É possível acreditar que, em momentos históricos, a necessidade de obediência e subordinação eram virtudes e deviam ser respeitadas para se manter a integridade. Evoluindo, mudanças mostraram a clara participação efetiva da mulher e que sempre ficou subentendida, e só não foi admitida por falta de coragem do sexo oposto.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresenta-se a descrição dos aspectos metodológicos e da técnica utilizada para a análise, visando atingir os objetivos propostos e responder às indagações desta pesquisa.

O presente estudo procura analisar a representação de Anita Garibaldi em quatro obras que contam sua trajetória de vida: *Anita Garibaldi, o perfil de uma heroína brasileira* de Wolfgang Ludwig Rau, (1975), *Aninha do Bentão*, de Walter Zumblick (1980), *Anita Garibaldi, a mulher do general*, de Anita Garibaldi, (1989) e *Anita Garibaldi, uma heroína brasileira*, de Paulo Markun (1999).

Rudio (1986) descreve que o método é o caminho a ser percorrido, demarcado, do começo ao fim, por fases ou etapas. E como a pesquisa tem por objetivo um problema a ser resolvido, o método serve de guia para o estudo sistemático do enunciado, compreensão e busca de solução do referido problema.

Rauen (2002) explica as diversas modalidades de pesquisa em cinco grupos: pesquisa bibliográfica; pesquisa quantitativa de descrição; pesquisa quantitativa de intervenção; pesquisa qualitativa de descrição e pesquisa qualitativa de intervenção. Para cumprir os objetivos propostos nesta pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa de descrição.

A pesquisa bibliográfica surge para dar fundamento ao problema. Segundo Rauen (2002, p. 65), “a pesquisa bibliográfica consiste na busca de informação bibliográfica relevante para a tomada de decisão em todas as fases da pesquisa”. Essa forma de pesquisa apresenta três funções: 1) discorrer sobre o tema de pesquisa, para que haja o aprofundamento sobre o tema; 2) oferecer subsídios para responder ao problema formulado; 3) demonstrar o que fazer com os dados da pesquisa, fazer a relação, subsidiar a análise do objeto coletado. (RAUEN, 2002).

Rauen (2002, p. 190) afirma que “na pesquisa qualitativa, não se quer provar a existência das relações particulares entre variáveis. O trabalho busca uma descrição do fenômeno estudado, está interessado nas histórias dos eventos e nas suas interdependências”.

Entre as diversas modalidades de pesquisa, determina-se que o modo mais indicado para aplicar no presente estudo é o de pesquisa qualitativa de descrição. Qualitativa porque se

atém ao estudo aprofundado das virtudes e características particulares da questão abordada. “Na pesquisa quantitativa, geralmente, os dados coletados são ajustados às variáveis enfocadas. Dados que extrapolem essa realidade são indesejáveis. Na pesquisa qualitativa, justamente, dados novos e inesperados são bem-vindos e encorajados”. (RAUEN, 2002, p. 190). Para o mesmo autor, a pesquisa qualitativa não admite que números sejam analisados e tomados como verdade absoluta, pois existem os valores e a crença de que, por mais que sejam estudados, não podem ser quantificados. Mas destaca que não existe uma forma de pesquisa melhor ou pior, apenas a mais adequada para o estudo proposto. Outro ponto levantado por Rauen quanto à pesquisa qualitativa descritiva, é que essa forma de pesquisa se esforça para entender acontecimentos únicos dentro de um contexto e de suas reações com o meio, objetivando uma descrição aprofundada dos processos analisados.

Para Rauen, a análise qualitativa também implica na categorização dos elementos, em que nuances relacionadas à pesquisa devem ser apontadas e também relacionadas ao objeto de estudo. “Os procedimentos são menos codificados, pois não há regras formalmente definidas, o que não implica que as ações sejam aleatórias e subjetivas, mas estruturadas e rigorosamente sistemáticas.” (RAUEN, 2002, p. 198).

Uma pesquisa qualitativa também é considerada descritiva. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador não interfere nos dados recolhidos, isso significa que os dados relacionados à pesquisa são levantados e apresentados, entretanto, não são manipulados pelo autor.

A técnica utilizada nesta análise é a de conteúdo. Para Rauen (2002, p. 200), a análise de conteúdo se dá quando o pesquisador está “diante de dados discursivos provenientes de várias espécies de documentação. Ela se configura como um conjunto de vias possíveis, por vezes não definidas, para o desvelamento do sentido do conteúdo.” Por utilizar de diferentes fontes e confrontar a análise extraída de cada uma delas, o presente estudo utiliza esta técnica de pesquisa. Aqui também estão presentes a organização dos dados e o estudo em profundidade dos conteúdos recolhidos.

Sendo este um estudo de caso, torna-se necessário explicá-lo. Uma delimitação do tema possibilita que seja desenvolvido um estudo mais preciso, visto que reduz o universo da pesquisa e dá margem a estudos específicos. Rauen (2002, p. 210) destaca que, nas pesquisas com estudo de caso, “o alvo são as características que o caso tem de único singular ou particular”.

Além de definir o universo da pesquisa, o estudo de caso apresenta outras vantagens, como o estímulo a novas descobertas, que abre a possibilidade de o pesquisador se deparar com fatos interessantes que não haviam sido previstos no plano inicial. (GIL, 1991, p. 59).

Como as obras em análise são romances, segundo Moisés (p. 155), “o romance é uma visão macroscópica do Universo, em que o escritor procura abarcar o máximo captável por sua intuição”; os procedimentos terão como os pressupostos da microanálise e da macroanálise.

A macroestrutura objetiva o “todo”, uma visão totalizante que, envolvendo os elementos da microestrutura compõe o corpo da narrativa. Elas não podem ser vistas, mas apenas supostas ou imaginadas. Observa-se que o conjunto de significados expostos pela macroanálise irá constituir a base para microanálise e vice-versa.

A análise macroscópica, ou macroanálise, volta-se para a interpretação das macroestruturas, ou seja, o texto em sua totalidade. A análise microscópica, ou microanálise, visa ao exame das microestruturas (MOISÉS, 1977, p. 86). A microestrutura envolve elementos do texto como personagens, tempo, lugar, ação, narrador, se o texto é descritivo, narrativo ou dissertativo.

3.1 RECORTE E DIVISÕES PARA ANÁLISE

Para atingir os objetivos desta pesquisa, tendo como aporte os pressupostos da macroanálise e microanálise, conforme mencionado, foram estabelecidos os critérios:

- a) Para a macroanálise, uma abordagem dos enredos das obras em sua totalidade, avaliando suas especificidades, possíveis semelhanças e diferenças;
- b) Para a microanálise, o recorte de quatro momentos das obras, com intuito de analisar com mais especificidade como cada autor representa a trajetória de vida de Anita Garibaldi.
 - 1. Apresentação de Ana Maria de Jesus Ribeiro;
 - 2. Casamento de Ana Maria de Jesus Ribeiro em Laguna e encontro com Giuseppe Garibaldi;

3. Vida de Anita com Giuseppe Garibaldi no Brasil;
4. Vida de Anita Garibaldi com Giuseppe Garibaldi em Montevideu e morte na Itália.

Cabe destacar que a opção por essa divisão deu-se também por sua incidência nas narrativas. Nestas, verifica-se que ocorre a apresentação da personagem nos primeiros capítulos de todas as obras, de seus familiares, do lugar onde viveu até seus 18 anos, a princípio.

O terceiro momento narra as dificuldades da família Garibaldi, a situação precária, o nascimento do primeiro filho do casal ainda no Brasil. Muitas guerras e momentos desagradáveis acontecem, inclusive o fracasso da Revolução Farroupilha.

O quarto momento apresenta a vida de Anita e a importância de Garibaldi em terras estrangeiras. Revela a Anita mulher que cuida dos filhos e da casa. A decisão da família de partir para uma nova aventura: voltar para a terra natal de Giuseppe e que fadidamente encerra a vida da persona/personagem em estudo.

Em relação à aplicação de estudo de caso, a personagem será analisada, conforme já destacado anteriormente, a partir das microestruturas: características da personalidade, tempo e espaço. Os enredos, levando em conta sua macroestrutura, são comparados quanto às suas intertextualidades, originalidade, historicidade, semelhanças e diferenças.

4 ANITA GARIBALDI, PERSONA/PERSONAGEM, MULHER-HEROÍNA: ESTUDO SOBRE SUA REPRESENTAÇÃO NAS OBRAS DE RAU, ZUMBLICK, MARKUN E ANNITA GARIBALDI

Neste capítulo apresentam-se as biografias de Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi, suas aventuras, construções de identidades e trajetória final de vida. Tais aspectos são investigados tendo como aporte os pressupostos da macroanálise. Assim sendo, as reflexões das quatro categorias foram divididas para a melhor compreensão das representações de Anita em vários momentos de sua vida, bem como a importância histórica e mitológica da persona/personagem analisada.

4.1 ALGUNS ASPECTOS DA BIOGRAFIA DE ANITA GARIBALDI E GIUSEPPE GARIBALDI

4.1.1 Anita Garibaldi

De acordo com os dados coletados por Cadorin, divulgados na revista História Catarina (2011), o casamento dos pais de Anita aconteceu em 13 de junho de 1815, em Lages, Santa Catarina. Eles eram: Bento Ribeiro da Silva, de São José dos Pinhais, e Maria Antônia de Jesus Antunes, natural de São Paulo.

Provavelmente em 30 de agosto de 1821, nasce Ana Maria de Jesus Ribeiro. Sem registro de batismo, alguns pesquisadores afirmam que foi em Lages o local de seu nascimento. Entretanto, por iniciativa de algumas autoridades lagunenses, foi reconhecido seu registro de nascimento em Laguna/SC.

No dia 30 de agosto de 1835, acontece o primeiro casamento de Ana Maria com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, na Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

Em setembro deste mesmo ano, começa a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul. Em 22 julho de 1839, Laguna é tomada pelo então Coronel David Canabarro e Capitão Garibaldi. Em 27 deste ano é proclamada a República Juliana.

Em agosto de 1839, sem dia exato, Garibaldi encontra na barra da Laguna “o amor de sua vida” Ana Maria de Jesus Ribeiro, mulher separada do marido (ele a havia abandonado há um ano). Conhecida por “Aninha”, Garibaldi a chama de Anita, diminutivo de seu nome.

Durante o mês de setembro de 1839, Anita e Garibaldi consolidam sua relação perante a sociedade lagunense.

No dia 04 de novembro de 1839, Garibaldi é atacado, no episódio conhecido como o “Combate Naval de Imbituba”. Foi neste combate que Anita recebeu seu batismo de fogo. Já no dia 15 de novembro, depois de muitas batalhas, dá-se o fim da República Juliana.

Em janeiro de 1840, acontece um combate noturno no rio Marombas, Curitiba. Anita cai prisioneira dos imperiais. Anita foge e, cerca de oito dias depois, tendo atravessado 80 km de mato e rio, Anita reencontra Garibaldi na Vila de Lages.

Nasce, no dia 16 de setembro de 1840, Domingos Menotti Garibaldi, o primogênito de Anita e Garibaldi, em São Luiz de Mostardas, no Rio Grande do Sul. Um fato sempre mencionado foi o de Anita fugir “em pelo” a cavalo, com Menotti nos braços, dos soldados que disparavam fogo em sua direção.

Em maio de 1841, Garibaldi desliga-se do movimento farroupilha. Partem para o Uruguai, levando uma tropa de gado que, em seguida, vai perdendo pelo caminho até Montevidéu, em junho deste mesmo ano.

O casamento de Anita e Garibaldi acontece em 26 de março de 1842, na igreja de São Francisco, em Montevidéu. Em 11 de agosto de 1843, nasce Rosita Garibaldi e que morre em 23 de dezembro de 1845. Em 22 de março de 1845, nasce Terezita Garibaldi, em Montevidéu. Em 24 de fevereiro de 1847 nasce Ricciotti Garibaldi, em Montevidéu.

Anita e os três filhos vão para Itália em 27 de dezembro de 1847 e desembarcam no dia 02 de março de 1848. Anita foi aclamada quando chegou, fazendo seu primeiro discurso em italiano.

Garibaldi parte de Montevidéu para a Itália no dia 15 de abril de 1848, no navio *Speranza*. Chega a Nizza em 21 de julho de 1848, às 11h, após onze anos de ausência da terra natal.

A partir de julho de 1849, Anita acompanha Garibaldi e cerca de 4.700 legionários (legião Italiana) na “Retirada de Roma”. Já nesta saída, Anita demonstra sinais da febre tifóide.

Nesta viagem passam por Orvieto, Ficulle, Cetona, Monte Luna, Mercatello, Macerata Feltria, Carpegna, entre outras cidades. Em San Marino, Garibaldi tenta persuadir Anita para ficar, pois sua febre precisa ser tratada. Ela não aceita e decide partir junto a Garibaldi.

No dia 03 de agosto de 1849, chegam à praia de Magnavacca. São os últimos momentos de lucidez de Anita, pois seu estado piorou consideravelmente.

Após serem abandonados em um barco, foram socorridos por volta da oito horas da manhã pelos irmãos Michele e Mariano Guidi, que então os levam à Feitoria de Mandriole. Anita é conduzida até à Fattoria Guiccioli, pois ali se encontraria um médico. Porém, após muito sofrimento, às 19h45 de sábado, dia 04 de agosto de 1849, Anita morreu.

4.1.2 Giuseppe Garibaldi

De acordo com os dados coletados por Elma Sant’Ana¹¹, divulgados na revista História Catarina (2011), Giuseppe Garibaldi nasceu em 04 de julho de 1807, em Nizza, na Itália.

Diferente da estrutura política atual, a Itália de 1807 era o país constituído por um grupo de pequenos estados, há muito tempo sob o domínio estrangeiro. Durante algum tempo, o território onde ficava Nizza fora controlado pela França.

Com a queda de Napoleão Bonaparte, a cidade de Nizza retornou ao reino de Sardenha-Piemonte. Posteriormente, pelo Tratado de Turim (24 de março de 1860), Cavour cedeu Nizza à França e hoje cidade é conhecida como Nice.

General, guerrilheiro, condottiere (comandante, líder) e patriota italiano, Giuseppe Garibaldi, alcunhado de “herói de dois mundos”, devido a sua participação em conflitos na

¹¹ Além de “As Parteiras”, e “Benzedeiras e Benzeduras”, Elma Sant’Ana publicou mais de vinte livros nas áreas de folclore, história e biografias. É idealizadora e presidente do Instituto Anita Garibaldi, palestrante sobre Cultura Gaúcha e conferencista sobre políticas culturais nos municípios do Rio Grande do Sul.

Europa e na América do Sul, dedicou sua vida à luta contra a tirania e foi uma das mais notáveis figuras da unificação italiana, ao lado de Giuseppe Mazzini e do Conde de Cavour.

Giuseppe era ainda menino quando se tornou marinheiro. Aos 25 anos, chegou ao posto de capitão da marinha mercante, e, ao mesmo tempo, aproximou-se do movimento “Jovem Itália”, que lutava pela independência e unificação dos diversos Estados em que se dividia a península Itálica.

No processo e na luta pela unificação da Itália, Cavour é considerado o “cérebro da unificação”, ou seja, aquele que organizou o novo estado; Mazzini “a alma”, pois foi ele quem inspirou o povo a exigir a libertação; e Garibaldi, que, nos campos de batalha, acompanhado pela brava e fiel Anita, lutou por esta unificação, é considerado “a espada”.

Envolvido em conspirações na pátria de origem, condenado à morte, fugiu para a França e Tunísia e, por fim, ao Brasil. Em 1835, desembarcou no Rio de Janeiro, encontrando Bento Gonçalves. A partir desse encontro, a parceria fora criada para o nascimento da Revolução Farroupilha: Bento Gonçalves dominava por terra e Giuseppe Garibaldi comandava os ataques pelo mar.

Em julho ou agosto de 1839, Garibaldi encontra Ana Maria de Jesus, em Laguna. A partir desta data, os dois permaneceram juntos até a morte de Anita, em agosto de 1849.

Em 2 de junho de 1882, aos 74 anos, Giuseppe Garibaldi morreu em sua casa na ilha de Caprera. Embora tenha deixado instruções detalhadas para sua cremação, seu corpo foi enterrado na ilha de Caprera, onde repousa com sua última esposa e alguns de seus filhos.

4.2 ANITA GARIBALDI, PERSONA-PERSONAGEM, MULHER HEROÍNA

4.2.1 Anita Garibaldi, O perfil de uma heroína brasileira (1975) – Wolfgang Ludwig Rau

Esta obra identifica-se como uma pesquisa biográfica histórica. O autor preocupou-se em pesquisar e relatar o que considera como verídico sobre a vida da protagonista. Entretanto,

faz uso da licença poética e subjetividade, permitindo ao narrador utilizar de adjetivos que valorizam as atitudes da heroína e suas participações ao lado de seu amor, Giuseppe Garibaldi.

A primeira parte da obra inicia com a descrição da terra natal de Anita, Laguna,

Convidamos o leitor para tomarmos como ponto de partida deste trabalho, a simpática cidade de Laguna, no estado de Santa Catarina. Localizada a 28°31' latitude sul e a 48°48' a oeste de Greenwich, constituiu durante séculos sentinela avançada do Brasil, ponto de partida importante que foi, também, de irradiação cultural e de expansão do domínio pátrio. (RAU, 1975, p. 33).

Percebemos nesta introdução certa proximidade com a escritura de obras de Machado de Assis. Uma das características machadiana é o diálogo em que o narrador procura estabelecer com o leitor. Na obra de Rau, este diálogo predomina em grande parte da narrativa, marcando assim a linguagem que aproxima o narrador de seu público.

Essa peculiaridade também recebe eco no pensamento de Bakhtin (1995), quando aborda a significação das palavras no texto. Para o teórico, nenhuma significação é isolável. Conforme seu pensamento, tanto o autor (neste caso o narrador), quanto o espectador (leitor) fazem parte do objeto estético, ou o texto literário. (TEZZA, 2005, p. 210 *apud* Bakhtin, 2005).

Muitos detalhes essenciais para conhecer Ana Maria de Jesus Ribeiro são encontrados na obra. Rau concede ao narrador a capacidade de ser exímio em descrições que fornecem explicações para os acontecimentos da época que viveu Anita.

Desde relatos históricos da vida de Garibaldi e vinda para o Brasil, a relação deste com David Canabarro, Bento Gonçalves e a Revolução Farroupilha no período Regencial Brasileiro, as lutas ocorridas no Uruguai, a volta de Garibaldi para Itália, a fuga de Anita e Garibaldi dos austríacos e franceses e o fatídico final de Anita em Mandriole no dia 4 de agosto de 1949, são dados fornecidos pelo autor.

A linguagem literária que ecoa nesta obra aproxima-se das reflexões apontadas por Moisés (1977, p.201), “o romancista, nem deve desprezar o estilo em que vaza suas obras, nem deve torná-lo fim por si próprio. Embora se possa afirmar que também não é meio, pois está identificado indissociavelmente à ideia que transmite, o ficcionista ambicioso de perenizar sua obra deve atentar para a linguagem empregada.”

Cheio de angústia apertava contra o peito e abraçava o corpo quente já sem vida de sua mulher; seu desespero toca o delírio. Na pequenês do quartinho mortuário de escassos dez metros quadrados, o General sentiu todo o horror do adeus definitivo, do irreversível, do nunca mais! Ecoava pelo recinto o pranto de um homem sozinho na terra. Estava vencido, derrotado pela primeira vez inteiramente. De nada valeram os ingentes esforços dos cinco últimos dias; as contínuas peripécias e todos os temores; nem o permanente perigo. Tudo fora inútil, fracassara! Ali estava inerte a sua Anita! Morta a doce e brava companheira; morta a mãe de seus três filhos.” (RAU, 1975, p. 469).

São registradas as imprecisões da data de nascimento de Ana Maria, o falecimento de seu pai e de seu primeiro marido, bem como a não justificativa pelo abandono de Anita por Giuseppe aos inimigos imperiais em Curitiba.

Sobre este aspecto, podemos observar que a História também se faz presente através dos dados apresentados pelo narrador, suas fontes de pesquisas, os registros e visitas apurados e que, segundo White (*apud* MUNSLOW, 2009), conforme mencionado, o historiador não descobre nada, ele segue a narrativa e fornece significado para história, pois com suas revelações para os leitores, revive e, ao mesmo tempo, relata um fato supostamente ocorrido e que ficcionalmente pode ser contado de forma singular e aparentemente única. Os historiadores necessitam relacionar as estruturas narrativas com as mudanças históricas, para que o trabalho deles seja creditado como real e satisfatório, em meio a uma sociedade que busca, no passado, as justificativas para acontecimentos atuais.

A preocupação com a historicidade parece estar mais presente nesta obra, em relação às demais analisadas nesta pesquisa. Documentos, registros e fotos são expostos de maneira que o leitor verifique a possível veracidade dos fatos e descrições feitas.

Decorre daí a razão de sua carta a Antonini, cuja tradução para o vernáculo damos a seguir:

“Estimadíssimo Senhor:

Tenho o prazer de lhe dar a notícia de minha chegada feliz a Gênova, após uma viagem felicíssima de cerca de dois meses. Tenho sido festejada pelo povo genovês de modo extraordinário. Mais de três mil pessoas vieram gritar em frente à casa: “Viva Garibaldi! Viva a família de nosso Garibaldi!, e me fizeram presente de uma bandeira com as cores italianas, pedindo-me para entregá-la ao meu marido logo que ele chegue à Itália.” (RAU, 1980, p. 289).

A narrativa de Rau descreve e procura destacar que, embora Anita Garibaldi tenha tido uma vida curta, sua trajetória foi intensa, demarcada por suas ações e atitudes que a colocam como uma mulher a frente de seu tempo.

A obra termina no capítulo quinze, intitulado: A “Heroína dos dois mundos” sete vezes enterrada. O narrador relata os lugares onde Anita foi sepultada e o último destino: Roma, no *Piazzale Anita Garibaldi*, sobre o monte *Gianicolo*.

Seria interessante também mencionarmos a simbologia do número sete. Conforme SA, dentre tantas, destacam-se às sugeridas no “Livro do Apocalipse”, do *Novo Testamento*. Nesse, segundo São João, o sete indica, entre outros, a plenitude e totalidade. João, sobre a visão do Julgamento Final, se dirige a toda Igreja representada pelas comunidades da Ásia. São sete as estrelas que remetem às Igrejas e sete são os chefes, simbolizados pelos anjos das comunidades. Sete são os selos que lacram o livro do “Projeto de Deus”. Sete são as cabeças da Besta que subia do mar com dez chifres. Sete são as taças de ouro entre os anjos e cheias do “Furor de Deus” que vive para sempre. Ainda sobre o número sete, gostaria de retornar ao *Apocalipse*, das sete Igrejas que apontei anteriormente, destaco a de Tiatra, segundo o versículo 18, capítulo 2, onde Jesus teria revelado que “Mas há uma coisa que eu reprovoo ...Jazebel... essa mulher que se diz profetisa. Vou lançá-la um leito de doenças e aos que cometerem adultério com ela lançá-los numa tribulação... farei também que os filhos dela morram.” (S.A., 2010, Um caminho para o Desmundo).

Na parte dos anexos, são registradas as correspondências oficiais sobre o achado do cadáver de Anita, o Decreto do Governo de Santa Catarina que criou a Medalha do Mérito Anita Garibaldi, fotos do autor com familiares de Anita, lugares de comemorações cívicas, marcos comemorativos, vistas parciais da coletânea Garibaldina e os agradecimentos.

4.2.2 Aninha do Bentão (1980) – Walter Zumblick

Em um primeiro momento, na obra *Aninha do Bentão*, o narrador demonstra estar insatisfeito em relação ao perfil histórico de Anita Garibaldi, ao colocar em sua narrativa uma espécie de protesto literário em memória a esta personalidade catarinense. Percebe-se o narrador como alter-ego do autor. Este, através da voz do narrador, procura tecer sua opinião sobre Anita e a época que viveu. Segundo Bakhtin, “o autor-criador é componente da obra; ele não é simplesmente *Fulano de Tal*, que escreveu o livro. [...] O autor-criador é a

consciência de uma consciência, uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo”. (1995, p. 210).

O narrador também dialoga com outras obras: cita a obra de Wolfgang L. Rau para representá-la:

Não será para admirar, por isso, que quando ainda em vida, na Itália, dela dissesse um borra-botas qualquer metido a avaliador dos méritos alheios, que a nossa patrícia não possuía nenhuma beleza, apresentando, mesmo, uma tez muito escura onde visíveis apareciam marcas de varíola. Esta última afirmativa, relacionada com os sinais no rosto de Aninha por tão insidioso mal, jamais foi mencionada pelos seus historiadores, inclusive por Wolfgang L. Rau, em seu brilhante trabalho *Anita Garibaldi – O perfil de uma Heroína Brasileira*. (ZUMBLICK, 1980, p. 26).

O registro do narrador feito acima se encontra também em *Anita Garibaldi, uma Heroína Brasileira* (1999) de Paulo Markun, obra também analisada neste trabalho:

Mas, poucas semanas depois, Anita passou diante de Ettore Marziali, morador de Cetona, no interior da Itália. E ele a lembrou de outro modo: *Cavalgava com muita desenvoltura um cavalo baio claro, vencendo com facilidade o calçamento defeituoso de mármore travertino mal rejuntado das rampas de Cetona. Um chapéu de feltro negro, ornado de rica pluma da mesma cor, cobria-lhe a abundante cabeleira que lhe descia pelo pescoço. Era bela? Muito ao contrário! De tez muito escura e traços não muito regulares: a varíola tinha marcado o seu rosto visivelmente. Malgrado isso, ninguém podia fixá-la senão com admiração e com crescente simpatia.* (MARKUN, 1999, p. 24, *apud* Rafele Belluzi, *Il Ritratto di Anita Garibaldi*, p. 5).

O narrador mostra que todos os homens que figuraram a vida de Ana Maria foram, de certa forma, controladores e a fizeram de submissa às suas vontades, ora familiares (pai), ora matrimoniais (primeiro marido), ora carnis (Giuseppe Garibaldi): “era Aninha do Bentão, a Anita Garibaldi que iniciava o seu caminho para o país dos espíritos, para o reino dos glorificados, cujo roteiro áspero e ingrato foi vencido com dores, com desenganos, com canseiras e desilusões”. (ZUMBLICK, 1980, p. 81).

Aparece, nessa narrativa, uma descrição física detalhada de Ana Maria. O título “*Aninha do Bentão*” é justificado por seu pai ser conhecido na redondeza de Tubarão e Laguna por Bentão, assim como sua mãe era conhecida como *Maria do Bentão*.

Na narrativa, observa-se que Garibaldi realmente se encantara com Anita, mas, com o passar do tempo, já que ele era aventureiro e “mulherengo”, cansara-se da jovem; entretanto, a jovem Ana Maria insiste em ficar com ele, passando, então, por muitos desafios e privações.

Não voltaria ao Rincão vencida e desprezada pelo amante e enfrentar a sua vizinhança rebentando de ironia e a galhofa daquelas mesmas pessoas que iriam festejar, com zombaria, o possível fim de um romance de pecados. Antes morrer num convés de navio cortado pela metralha que encarar o mulherio da rua do Rincão, com os seus risos e as suas chacotas que feriam mais que os balaios imperiais! (ZUMBLICK, 1980, p. 43).

Esta obra não traz muitos detalhes e descrições históricas. Apenas procura situar o leitor na época e justificar os acontecimentos vividos pelos dois protagonistas do romance.

Mas, se bafejo oficial não me falha neste rememorar histórico que pretende revolver fatos que vivem atirados e esquecidos, cresceu o meu entusiasmo porque irei enfrentar uma atividade que vive comigo, ou seja, iniciar uma pesquisa séria e cuidadosa. O enredo, no entanto, ou a sua linha pontuada de feitos onde, mais que a coragem, despontam atos que o heroísmo enfeita, toda uma história deverá ser reativada nos seus mais recônditos detalhes. Vou, por isso, à busca das “chepas” quase apagadas e das aparas atiradas ao lixo”. (ZUMBLICK, 1980, p. 06).

O narrador apresenta-se em terceira pessoa e onisciente, procurando reforçar a participação de Anita, tanto na Batalha Naval de Imbutiba, como na luta de Curitibanos. Nesta última, afirma que Garibaldi a abandona nas mãos dos adversários, já que o italiano não volta para resgatá-la, mesmo sabendo que ela estava grávida de seu primogênito.

Longe dali Giuseppe Garibaldi já se acreditasse, talvez, livre da mulher que o seguia desde Laguna... Jamais será possível marcar os dias que a mesma esteve detida no campo de presos “farrapos”. Foram dias, entretanto, que permitiram a que Ana, em meio a uma soldadesca irreverente, procurasse encontrar a razão ou o motivo pelos quais Garibaldi, fugindo do combate, permitiu que ela ficasse atirada à própria sorte. (ZUMBLICK, 1980, p. 56).

Quando Garibaldi e Anita vão para o Uruguai, o narrador parece se compadecer da vida miserável que Ana Maria vive com seus filhos. Evidencia o fato de Giuseppe não deixar Anita ajudar nas despesas, deixando-a submissa a ele. Estes passam necessidades, enquanto Garibaldi reparte o pouco que tem com seus companheiros de luta.

Ana Maria por sua vez e, às escondidas, querendo contribuir, também, para que o minguado orçamento mensal recebesse mais algum reforço, vira modista a costurar para uma clientela pouco exigente. Garibaldi discorda de tal proceder, exigindo que Aninha deixe de trabalhar nos seus babados e seus vestidos com fins lucrativos. Na mulher-soldado que viera do Brasil, despontava meio a medo, mas com certo destaque, a mulher de sociedade que a capital uruguaia a reconhecia como a “heroína brasileira”. Vivía, é verdade, pobremente em um lar onde, muita vez, faltava o azeite para alimentar uma simples lamparina da mais modesta iluminação. (ZUMBLICK, 1980, p. 67).

Em grande parte da obra de Zumblick, há relação de Anita mulher e a heroína, o que, segundo Campbell, se justifica, pois o “herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas”. (2007, p. 28).

Já na Itália, Anita é recebida com toda glória de uma heroína, mas fica evidente que isso se dá pelo fato de Garibaldi ter reconhecimento no Velho Continente, sendo esperado para a Unificação da Itália.

Mas, a verdade, a quase impossível verdade, era que aqueles gritos, aquela festiva recepção, com aquele povo satisfeito e vivendo vinha no caminho que era seu. Era Anita que aquela enorme massa humana queria saudar. No outro dia os jornais trouxeram a explicação que se fazia necessária. Aquela multidão alegre e bulhenta saudava a chegada à Itália da esposa de Garibaldi. (ZUMBLICK, 1980, p. 75).

O jogo de interesses por parte dos fugitivos fica evidenciado, pois a fuga se torna uma espécie de calvário para Anita. Não resistindo à septicemia não diagnosticada de acordo, a heroína acaba falecendo.

Mas, estava escrito naquele livro misterioso onde são anotados os atos e os merecimentos de cada um, que a esposa de Garibaldi não teria nem a graça para poder morrer em paz. Ainda quente no seu leito de morte e com uns últimos estertores, numa cena tão terrivelmente chocante, resolvem, os guias de Giuseppe, em afastá-lo da esposa. É que, a cada momento, poderiam surgir as patrulhas inimigas que varejavam, num cerco, a região do Lago Comacchio. A despedida do corpo da esposa foi rápida, tendo comovido a quantos, desconhecidos, que por ali estavam. (ZUMBLICK, 1980, p. 81).

Seu enterro é descrito de forma macabra e sem glórias. Seus sete sepultamentos revelam, a princípio, uma indecisão a respeito de sua personalidade, tanto histórica quanto humana.

4.2.3 Anita Garibaldi, A mulher do General (1989) – A. Garibaldi

A autora é bisneta de Anita Garibaldi. Esta narrativa também se compõe de forma híbrida: são entrelaçadas cartas, descrições dos momentos históricos e da narrativa apresentada por um narrador em terceira pessoa, onisciente. Percebe-se o desenho de uma visão do tanto do ponto de vista de uma mulher quanto familiar. As cartas em primeira pessoa são de Anita para sua irmã Felicidade, casada e que mora no Rio de Janeiro. O tom lírico predomina nas epístolas.

Minha querida irmã,

dou risada ao pensar na surpresa que a espera. Sei que você vai ficar de boca aberta quando vir que esta carta é minha. Mas é isso mesmo! Ontem, quando ouvi que dentro de poucos dias Pablo vai para o Rio, tive a ideia de pedir para Maria do Rosário escrever esta carta para mim. Combinamos que, em troca, vou engraxar os sapatos dela todos os dias do mês. Ela que é feliz, pois tem sapatos, e você tem que ver como são finos! Tudo isso começou porque sinto muito a tua falta e não tenho mais com quem falar, agora que Fortunata arrumou emprego. (GARIBALDI, 1989, p. 10).

De acordo com historiadores, Anita não fora alfabetizada antes de conhecer Giuseppe, mas, com o convívio com a classe média alta de Montevidéu, foi o que a fez conhecer a leitura e a escrita.

A princípio, quem escreve as primeiras cartas para Anita, que, em troca, engraxa seus sapatos em Laguna, é sua amiga Maria do Rosário. Nelas, a personagem descreve suas angústias por viver em um lugar onde se sentia uma estranha, pois queria conhecer o mundo. Suas ideias de liberdade e de luta eram povoadas pelas ideologias de seu tio Antônio, que morava em Lages.

Não há muita referência aos outros familiares de Ana Maria. Nas cartas dirigidas à irmã, a protagonista comenta que sua mãe trabalha muito para sustentar seus irmãos pequenos, já que seu pai falecera jovem e a deixara com toda a responsabilidade familiar. Encontramos nessa passagem características para análise da mulher do século XIX – aquela que trabalha fora, sustenta a casa e é desvalorizada pela sociedade.

Tio Antônio está cada vez mais bravo. Desde que queimaram a casa dele, parece mesmo decidido a organizar a revolta, e você vai ver como ele vai conseguir. Ele me

disse que, depois da revolução, vamos até poder pagar um médico para curar a mamãe, que estes dias não anda muito boa. Parece sempre muito cansada. É claro que ela trabalha demais e em casa o dinheiro nunca é suficiente, com tantas bocas para sustentar. (GARIBALDI, 1989, p. 19).

O conteúdo das cartas revela que Ana Maria é “obrigada” a casar com Manoel Duarte de Aguiar, sapateiro e guerreiro civil que desaparece na Revolução Farroupilha. Seu desaparecimento seria uma maneira de comprovar que ele realmente teria servido aos Imperiais e foi morto pelos Farrapos.

Verifica-se também que, de certa forma, Anita fica aliviada pelo desaparecimento de seu marido, pois o achava muito diferente dela e isso não a atraía.

Conforme mencionado, Anita supostamente ‘escreve’ suas cartas, que têm um tom romântico e de caráter aventureiro. As coincidências relatadas do primeiro encontro de Giuseppe e Ana Maria aproximam-se as narrativas dos contos de fadas, onde a mulher que sofre é libertada pelo guerreiro que veio salvá-la do perigo.

Ele voltou logo depois daquele primeiro encontro incrível. Não foi preciso ir procurá-lo. Fugimos de Laguna juntos, a cavalo, para longe, junto ao mar. Nos beijamos na solidão da natureza. Senti pela primeira vez o amor terno, ardente e apaixonado do meu homem. Agora sou totalmente sua. Perco os sentidos em meio aos seus beijos, suas carícias, seu ardor. O tempo já não quer dizer nada. Sinto que faço parte dele e do universo. (GARIBALDI, 1989, p. 46).

Levando em consideração os fatos, a época e a maneira como Garibaldi encanta a heroína, fica evidente que Ana Maria sofre discriminação por ser uma mulher que desonra os princípios cristãos e familiares. Assim sendo, a vida da protagonista fica marcada de alegrias, prazeres e confrontos com os habitantes de Laguna.

Porque com certeza você vai ouvir falarem horrores de mim. E não vá me dizer que eu sou exagerada ou que todos já estão acostumados com o que dizem a meu respeito. Fique sabendo que as más línguas de sempre já começaram com o falatório. Desta vez, juntaram-se a elas as condenações dos que não têm simpatia pela causa revolucionária. Todos eles, e são muitos, falam da afronta que estamos fazendo ao Manuel, que se transformou, na história deles, num herói do exército imperial. Eu, a sem-vergonha, o estou traindo com um aventureiro estrangeiro. (GARIBALDI, 1989, p. 47).

Um detalhe também peculiar desta narrativa é uma carta que Anita escreve quando está no barco Rio Pardo, junto com Garibaldi, em plena batalha Naval de Imbituba, quando

Anita ainda não está alfabetizada. Fica a dúvida de quem estaria escrevendo estas cartas naquele momento.

Fui correndo transportar os homens e o material, levando-os até o molhe. Ajudei os feridos a desembarcar, mas contrariando as ordens, não fiquei com eles em terra. Decidi ir e vir transportando outras cargas. Enquanto eu remava, parecia que caía uma chuva de pedras ao nosso redor, a água espirrava, crivada de estilhaços e balas. (GARIBALDI, 1989, p. 64).

Todas as passagens de vida da heroína dos dois mundos são descritas em forma de cartas, grande parte enviadas para sua irmã no Rio de Janeiro, outras, para seu tio Antônio, em Lages.

Na batalha de Curitibanos, quando Anita foi capturada pelos homens do coronel Oribe, demonstrou coragem e ousadia. Ela revela na narrativa seu desespero ao separar-se de Giuseppe e o quanto sofreu até encontrá-lo em Lages.

O caso é que, de repente, fomos cercados pelos soldados inimigos. Empunhei a espada e meus homens me imitaram, mas a nossa tentativa de defesa foi inútil. Num segundo, uma bala perfurou meu chapéu, passando de raspão pela minha cabeça e me arrancando uma mecha de cabelos. Outra acertou meu cavalo, que caiu e morreu na hora, jogando-me ao chão. Como estava meio tonta, os imperiais me capturaram com facilidade. (GARIBALDI, 1989, p. 68).

Assim, as sucessivas aventuras, os filhos, a mudança para o Uruguai, a viagem para Itália, a fuga de Anita e Garibaldi e a morte da heroína são relatadas com muitos adjetivos e expressões românticas e pouco históricas. Nomes dos envolvidos no romance são verdadeiros e de acordo como a História.

Primeiro eclodia, em 12 de janeiro, a revolta em Palermo, seguida na França pela queda de Luís Felipe e pela proclamação da república. [...] um mês depois, em abril, Carlos Alberto de Savóia decidiu apoiar com seu exército a casa da unidade nacional, estimulando outros movimentos e aumentando os fervores e o entusiasmo das pessoas. (GARIBALDI, 1989, p. 158).

Nesta obra, segundo o narrador, Garibaldi respeita a esposa e mãe de seus filhos, mas a ignora em relação à mulher que foi Anita. Isso desvincula a imagem feminina de guerreira e de gênero corajoso e impetuoso pintado em telas, homenageado em livros e prestigiado em algumas regiões e nações:

Agora meu amor, tudo para mim se fecha, no escuro. Mas já não tenho mais medo. Queria só falar com meus filhos. Você fará isso por mim. Tente explicar como é difícil ser esposa, mãe e amante de um homem como você. Diga a eles que eu sempre os amei muito, que os criei do melhor modo que conhecia, que escolhi estar perto de você quando se aproximava a hora decisiva, a sua batalha mais solitária. E pago esta escolha com a vida. (GARIBALDI, 1989, p. 205).

Conforme observa-se, a obra termina com o adeus de Anita para com Giuseppe, sua fraqueza exposta, mas, ao mesmo tempo, a sensação de poder ter vivido o suficiente para amá-lo, deixar-lhe filhos e ser Ana Maria de Jesus Ribeiro que saiu de Laguna para tornar-se Anita Garibaldi.

4.2.4 Anita Garibaldi, uma heroína brasileira (1999) – Paulo Markun

O autor faz uma descrição/narração heroica do protagonista Giuseppe Garibaldi, dos momentos históricos que ele participou e que, de certa forma, coloca Anita Garibaldi como personagem secundária da narrativa, o que destoa com o título da obra. A construção da obra deu-se a partir da pesquisa em outros textos, relatos históricos e registros de pesquisadores.

Bakhtin afirma que “todo texto se reporta a outros textos, todo discurso remete a outros discursos. Implica heterogeneidade também – não há texto, é claro, também, que, porque existe um autor e objetividade no texto, mas diferente dele, e também porque há um leitor, ou antes, leitores”. (2005, p. 190)

A narrativa começa com o relato macabro dos irmãos Dal Pozzo, que encontram o corpo de Anita, pouco enterrado na estrada onde brincavam. Para ser mais exata a descrição, foi o cachorro da família que farejou a mão em putrefação da heroína. Têm-se então registros de delegado, padre, comunidade de Mandriole, Itália.

A sexta-feira, 10 de agosto de 1849, amanheceu quente e abafada, na região de Ravenna, no nordeste da Itália. Para os camponeses que cuidavam da plantação de trigo, em Mandriole, a 4 quilômetros do Adriático, era apenas mais um dia de trabalho na terra plana como uma mesa de bilhar e abaixo do nível do mar[...] Quando chegaram ao local, fez-se um estranho silêncio. Diante dos garotos estarecidos e de um cão excitado, emergia da areia cor de chumbo uma mão parcialmente descarnada. Mão de mulher. Outros homens se aproximaram. Um deles disse: - Ce la donna che stava com Garibaldi! (MARKUN, 1999, p. 14).

Dando continuidade à narração da vida de Anita, são relatados momentos que marcaram a vida da protagonista, em Montevidéu e na Itália, juntamente com a sociedade que idolatrava Giuseppe Garibaldi.

No fim de junho de 1849, em Roma, Garibaldi apresentou-a aos oficiais de seu Estado-Maior. O suíço-alemão Gustavo Von Hoffstetter era um deles e escreveu em seu diário, no dia 1º de julho:

Uma noite dessas vi pela primeira vez a célebre mulher de Garibaldi. Ela se apressara a vir aqui para acompanhar seu marido. O general me apresentou no Palácio de Corsini. Ela era um mulher de cerca de 28 anos, de pele muito escura, traços interessantes e delicada constituição física. Ao primeiro olhar, porém, se reconhecia nela a amazona. À ceia, para a qual me convidara o general, me foi possível observar todo o carinho e a atenção que ele dispensa à esposa. (MARKUN, 1999, p. 24).

Há um distanciamento do título com relação às descrições e à narrativa apresentada nesta obra, na medida em que a participação de Anita é extremamente reduzida. O foco maior é concedido a Garibaldi, ocorrendo a predominância de descrições de suas lutas e guerras travadas no além-mar. O narrador afirma que Anita estava ao seu lado como uma espectadora apaixonada, ora necessitando ser valente para não morrer, ora sendo corajosa para se salvar.

Mas, para a história que se pretende contar aqui, o mais importante talvez sejam as teses de Saint-Simon¹² em relação às mulheres. Na sociedade ideal do conde, elas seriam emancipadas, iguais aos homens. E o corpo devia ser usado em honra de Deus, como fonte de prazer sexual. Garibaldi jamais esqueceu aquelas ideias. Trabalhadores e capitalistas, para o Saint-simonismo, eram parte da mesma categoria, dos industriais, que deveria proteger a sociedade dos ricos – os nobres e os militares – promovendo o bem-estar dos mais numerosos e mais pobres. Garibaldi aceitou bem essa tese. (MARKUN, 1999, p. 43).

A narrativa segue em ordem cronológica histórica e, em certos momentos, o narrador apresenta certo lirismo romântico.

Os registros do historiador Wolfgang Ludwig Rau também serviram de base para a obra de Paulo Markun. Com pesquisas nessa e em outras fontes, o autor apresenta apanhado dos fatos documentados e dos relatos da memória de pessoas que conheciam familiares de Ana Maria ou de Giuseppe.

¹² Claude-Henri de Rouvroy se dizia descendente de Carlos Magno. Esteve na América lutando pela independência dos EUA. Durante a Revolução Francesa comprou terras nacionalizadas, com dinheiro emprestado, e ficou rico com a inflação. Mas era um socialista acima de tudo, capaz de distribuir sua renda numa vida pródiga. O objetivo da sociedade era melhorar as condições morais e físicas da classe mais pobre. (MARKUN, 1999, p. 45).

O pesquisador Wolfgang Ludwig Rau pesquisou livros de óbitos da Enseada do Brito, Desterro, Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, São José, Barra da Lagoa, Canasvieiras, Palhoça, Lagoa da Conceição e Garopaba do Norte, entre 1839 e 1884, e não achou o registro da morte. Seja como for, um mês depois de ter batizado o garoto (Eduardo Ferreira), Anita deu suas tesouras de costura para a amiga Maria Fortunata e mudou-se para bordo. (MARKUN, 1999, p. 139).

Segundo leitura e análise da obra, os fatos históricos estão em evidência para envolver e mostrar a participação de Giuseppe Garibaldi e Anita Garibaldi nesses momentos. Não há um olhar mais detalhado para a protagonista desta pesquisa, pois ela apenas faz parte da vida de Giuseppe e merece destaque ao lado do herói. Muitos adjetivos e homenagens são descritas no decorrer da narrativa, mas nada que justifique a presença de Anita para a história de uma nação.

A mais importante fonte de informação sobre a vida de Garibaldi são as memórias. Tem mais pontos de exclamação do que parágrafos. Sua trajetória não foi documentada como a de outras figuras históricas da mesma dimensão, seu grupo dissolveu-se sem deixar arquivos, suas batalhas não seguiam nenhum plano pré-estabelecido que permitisse recriá-las e ninguém anotava seus passos. (MARKUN, 1999, p. 166).

Em certas passagens, quando não havia um consenso em relação à história registrada e a história oral, ocorre a interferência do autor na obra, retirando o caráter ficcional da narrativa. Fica, então, a impressão de que a valorização de Anita só é feita de acordo com a convenção instaurada ou para que algum movimento social não se revolte com a ausência dela, numa das revoluções mais conhecidas durante o período Regencial Brasileiro, que foi a Revolução Farroupilha.

Como a obra inicia com a descoberta do corpo de Anita, o final descreve sua morte, o desespero de Garibaldi para encontrar um lugar e abrigá-la e impossivelmente tentar salvá-la. No epílogo, há a continuação da descoberta do corpo, sobre as investigações dadas ao caso e um suposto assassinato de Anita, fato este não mencionado em nenhuma das obras analisadas:

O dr. Naninni se escondeu e os irmãos Ravaglia foram presos, acusados de cumplicidade em assassinato e furto. Mas outras testemunhas, como Gaspere Baldini, foram interrogadas e no dia primeiro de setembro o Tribunal de Ravenna reconheceu que não havia base para acusar os Ravaglia de homicídio. (MARKUN, 1999, p. 349).

Ao final da obra, o narrador descreve os destinos do corpo de Anita que, por fim, segundo Markun, “quase cem anos depois de ter abandonado o marido e sua terra para juntar-se a Giuseppe Garibaldi, os ossos de Anita ganharam um monumento de bronze e toda a cerimônia que o fascismo pode arregimentar. Mas não conseguiram um espaço ao lado dos restos de seu grande amor”.(1999, p. 362).

5 APRESENTAÇÃO, VIDA E MORTE DE ANITA GARIBALDI

Neste capítulo, a investigação sobre as obras procura, nos tópicos seguintes, aporte nos procedimentos de microanálise. Assim sendo, as obras recebem um olhar mais minucioso sobre a cronologia de acordo com as narrativas, bem como as fases da vida de Anita no Brasil, no Uruguai e na Itália.

5.1.1 Apresentação de Ana Maria de Jesus Ribeiro

A obra *Anita Garibaldi – O Perfil de uma heroína brasileira*, de Wolfgang Ludwig Rau, é dividida em três partes: Primeira parte “Brasil” com capítulos que narram a vida de Anita em Laguna – SC, seu primeiro casamento, o encontro e lutas ao lado de Garibaldi e o primeiro filho do casal.

Na segunda parte denominada “Uruguai”, temos as narrações da vida de Anita no Uruguai, a pobreza que enfrentou ao lado de Giuseppe e a ida para à Itália.

Denomina-se a terceira parte como “Itália”, e os capítulos contam a chegada de Anita e seus filhos na Itália, a vida ao lado de Giuseppe e seus compatriotas, a perseguição dos inimigos de Garibaldi, a morte de Anita e seus enterros.

Por fim os anexos com Correspondências Oficiais do achado do cadáver de Anita Garibaldi e o Decreto do Governo de Santa Catarina que criou a Medalha do Mérito Anita Garibaldi.

A primeira parte descreve Laguna – Santa Catarina, sua composição etnológica, a mistura de costumes e tradições da região sul deste estado. Dentre muitas contrariedades o autor define Morrinhos de Tubarão como local de nascimento de Anita.

Segundo as pesquisas do autor (p. 66), a família de Anita era assim constituída: o pai – Bento Ribeiro da Silva, mãe - Maria Antônia de Jesus (Antunes), casados em Lages, no dia 13

de junho de 1815, os filhos do casal – Felicidade, Manoela, Ana Maria, Manoel, Sissília, Francisco, Bernardina, Antonia, João e Salvador.

O narrador procura descrever Anita de forma peculiar:

A moça Anita não apresentava propriamente um tipo de clássica beleza. Era, porém, uma dessas jovens fascinantes, cuja passagem jamais ocorre despercebida. Exuberante e ágil de corpo, com mais ou menos 1,65cm de altura, tinha um pisar de dama e uma elegância de porte que as vestes pobres não escondiam. Seus grandes olhos, negros e expressivos eram um encanto. Na boca, trazia sempre um leve jeitinho de zangada. Era inteligente, um pouco afetada, mas de índole espontânea e tornou-se muito simpática e atraente... Entretanto, seus maiores ornamentos formam, sem dúvida, os maravilhosos olhos amendoados e a riqueza de seus cabelos negros, além do seu busto excepcionalmente avantajado. Ao primeiro olhar se reconhecia nela a “amazona”. (1975, p. 52).

Conforme se observa, essa passagem da narrativa permite uma aproximação, uma intertextualidade com a descrição de *Iracema*¹³, de José de Alencar. A presença de detalhes sobre as roupas da personagem, descrições de pessoas que a conheciam, dos poucos retratos deixados por ela, mas, sobretudo, um narrador preocupado em situar o leitor no contexto da trama e também encantado com sua protagonista.

O contexto colocado em cena apresenta um desenho de características físicas apresentadas que são típicas das mulheres que moravam na região de Laguna e, segundo Joana Maria Pedro, essas particularidades eram das mulheres do Sul. Para a autora, “As mulheres são muito claras; de um modo geral, têm olhos bonitos, os cabelos negros e, muitas vezes, uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos”. (PEDRO, *apud* Del Priore, 2009, p. 279).

A segunda obra em estudo, *Aninha do Bentão*, de Walter Zumblick, conforme se destacou anteriormente, é uma narrativa composta de forma peculiar. Utilizando um narrador onisciente, procura apresentar o enredo a partir de uma linguagem tecida por detalhes e lirismo poéticos. Pinturas de seu irmão Willy Zumblick¹⁴ ilustram os 14 capítulos.

¹³ *Iracema* (ou *Iracema*, lenda do Ceará) é um romance da literatura romântica brasileira, publicado em 1865 e escrito por José de Alencar (nasceu em Messejana, Ceará, em 1º de maio de 1829, morreu no Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1877), fazendo parte da trilogia indianista do autor. O romance conta, de forma poética, o amor quase impossível entre um branco, Martim Soares Moreno, pela bela índia Iracema, a virgem dos lábios de mel e de cabelos mais negros que a asa da graúna e explica poeticamente as origens da terra natal do autor, o Ceará.

Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/iracema.html>. Acesso dia 15 mar. 2012.

¹⁴ Willy Alfredo Zumblick nasceu em Tubarão, no dia 26 de setembro de 1913 e faleceu em Tubarão, em 3 de abril de 2008. Foi um pintor brasileiro. Devido a suas obras e sua posição sócio-cultural na cidade de Tubarão, foi concedida a designação Museu Willy Zumblick ao museu situado na praça denominada com o nome de seu irmão, o historiador Walter Zumblick.; Retrato Anita Garibaldi em muitas de suas obras-primas.

O início da trama sublinha como episódio principal o nascimento de Giuseppe Garibaldi, em 1807, na província de Nice, Itália.

O narrador descreve Garibaldi, evidenciando que, desde sua infância, possuía uma personalidade marcante.

Em suas palavras,

ceifando vidas de valentes e de sonhadores naquele ambiente de incertezas, de dores, de esperanças...” (p.06); “O mar e os seus impenetráveis mistérios viviam povoando de sonhos a mente do moço José.”; “Difícil será marcar com o dedo da exatidão, a época do desembarque de José Garibaldi...”; “(...) o roteiro seguido pelo soldado que, aos poucos, esculpia, a golpes de espada, a sua fama e a sua valentia.” (ZUMBLICK, 1980, p.09).

O narrador reitera características nomeadas e, desde sempre, julgadas por historiadores da vida de Garibaldi: sua adoração pela liberdade: “O condor precisava de mais espaço para alcançar a amplitude brilhante do céu.” (ZUMBLICK, 1980, p.11).

Na sequência da história, são destacadas algumas atitudes que provocaram a derrota dos revolucionários pela unificação italiana. Garibaldi foi condenado à morte e procurado por inimigos, forçando-o a fugir para o Rio de Janeiro, Brasil. Teve contato com Bento Gonçalves¹⁵, presidente da República Farroupilha, e com quem se aliou para uma nova designação de luta revolucionária.

Ao descrever Garibaldi, o narrador utiliza o adjetivo “galanteador” como uma de suas características marcantes, “Não provara, ainda, as suas possibilidades de combatente face ao inimigo, e já colocava a descoberto as suas qualidades de galanteador que não respeitava as mulheres, ainda que já comprometidas”. (ZUMBLICK, 1980, p.14).

Nesta obra, somente no terceiro capítulo, intitulado “Aninha e Licotea, Duas vidas em Morrinhos”, aparece a protagonista do enredo. O narrador procura destacar os detalhes sobre nascimento e a vida de Ana Maria de Jesus Ribeiro, sua família, seu pai Bento Ribeiro da Silva, conhecido por “Bentão”, sua mãe Maria Antunes de Jesus.

Pode-se verificar que a narrativa coloca as dificuldades vivenciadas pelo lugar. Embora seja registrada a incerteza do local do nascimento de Ana Maria, o narrador atribui à

Disponível em: <http://www.zumblick.com.br/content/zumblick/zumblick.asp>. Acesso em: 10 mar. 2012.

¹⁵ Bento Gonçalves da Silva nasceu em Triunfo/RS, no dia 23 de setembro de 1788 e faleceu em Pedras Brancas/RS, em 18 de julho de 1847. Foi um militar, maçom e revolucionário brasileiro, e um dos líderes da Revolução Farroupilha, que buscava a independência da província do Rio Grande do Sul do Império do Brasil.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_Gon%C3%A7alves. Acesso em: 10 mar. 2012.

localidade de Morrinhos, no município de Tubarão-SC, como sendo o local onde a família sempre residiu. Outro dado foi a inserção de um pronunciamento apresentado no município de Octacílio Costa, na Câmara de Deputados, do Estado de Santa Catarina, em 4 de agosto de 1949, primeiro centenário da morte de Anita: “ Na localidade de Morrinhos, outrora município de Tubarão, em 30 de agosto de 1821, nasceu Anita ...” (ZUMBLICK, 1980, p.16).

Neste capítulo, há preocupação também em descrever e registrar datas, locais e depoimentos de moradores locais, bem como peculiaridades sobre o nascimento e mocidade de Ana Maria de Jesus Ribeiro.

Verifica-se que os detalhes vão dando forma à narrativa. Um dado interessante seria o nome da melhor amiga de Anita, “Licota”, aparecer no título do capítulo. Percebe-se que a demarcação da infância, deste momento de sua vida, a partir da presença da referida amiga.

Essa velhinha que há dia se finou, foi em sua mocidade companheira de Anita Garibaldi. Só no fim da vida soube ela que o nome de sua amiga, “a quem um italiano virara a cabeça”, estava inscrito nas páginas da história dos dois continentes. Quando se lhe contavam os atos valorosos da heroína catarinense, praticados nas campanhas do Rio Grande ou na Unificação Italiana, dizia a sorrir beatamente: - Não duvido. Era mulher para isso. (ZUMBLICK, 1980, p. 19).

O narrador encerra esse capítulo utilizando linguagem permeada de metáforas, “Num gigantesco, mas invisível tabuleiro de xadrez, duas “pedras” – um rei e uma rainha – caminham, convergentes, para um encontro histórico e inesperado”. (ZUMBLICK, 1980, p.21).

A Monarquia absoluta é ligada algumas vezes a aspectos religiosos, pois se entende que governar é direito divino. Deus é o rei sagrado, sendo assim que o fosse seria sua encarnação. Muitos contos de fadas originaram-se quando a religião era muito presente na vida das pessoas; os heróis e heroínas eram criados nesse imaginário, podendo assim ser uma analogia do narrador para a presença marcante que Anita e Giuseppe deixaram ao longo de suas trajetórias de vida.

Na terceira obra *La Donna del generale de Annita Garibaldi*¹⁶ apresenta dados de uma biografia familiar sendo dividida em duas partes.

¹⁶ *Annita Constance Beatrice Garibaldi Jallet* nasceu em *Neuilly-sur-Seine* (França) em 25 de maio de 1942. É a única filha de Sante Garibaldi e Beatrice Borzattied Garibaldi. Sante era filho de Ricciotti, o quarto e último filho de José e Ana Maria de Jesus Ribeiro.

Disponível em: <http://www.ereditadigaribaldi.net/annexes.php?annex=annita>; Acesso em: 12 fev. 2012.

Na primeira parte destaca a infância de Anita, seu casamento em Laguna – SC, o encontro com Garibaldi e o primeiro ato de bravura de Anita. A segunda parte é iniciada com a ida das personagens para Montevidéu, os meses de dona de casa, mudança para Itália, fuga e morte de Anita.

Há, no início da narrativa, antes da primeira parte, o “Prelúdio”, o resumo da vida de Anita em forma de sutis metáforas, adjetivações em relação às personalidades de ambos, personagens históricos, e suas conquistas tanto no Brasil, como em Montevidéu e Itália.

No final do “Prelúdio”, o narrador utiliza uma linguagem poética para descrever a morte de Anita: “Assim, entre a recordação e a realidade, morria Anita, a mulher do Herói dos Dois Mundos, no dia 04 de agosto de 1849, depois de cerca de vinte e oito anos de vida. E esta é a sua verdadeira história.” (p.03)

Embora se apresentando como possível autêntica biografia, a linguagem do enredo aproxima-se a das narrativas ficcionais pelo caráter subjetivo da narrativa: “Situada na costa atlântica, no sul do Brasil, a cidadezinha de Laguna era um populoso povoado do estado de Santa Catarina.” (GARIBALDI, 1989, p.07).

A história é apresentada por um narrador onisciente e intercalando-se na condução do fio da trama das cartas de Anita para sua irmã Felicidade e seu tio Antônio. Na maioria delas, assinava Aninha, porém, quando conheceu Garibaldi, assinou “Aninha-Anita”. Depois dessa, apareceu Anita, Anita Ribeiro Garibaldi, Anita Garibaldi e Aninha novamente.

Aparece neste primeiro momento a composição da família de Bento Ribeiro da Silva, o nascimento de Felicidade (primeira filha do casal), Ana Maria de Jesus Ribeiro e os outros filhos do casal.

Ao mencionar a morte do pai de Anita, percebe-se a preocupação do narrador em registrar o quanto a mãe de Ana Maria precisou trabalhar para sustentar a família.

Sobre a história das mulheres, Del Priore menciona que, segundo Fonseca,

O inevitável trabalho feminino da mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”. (FONSECA, 2009, p. 516, *apud* DEL PRIORE, 2009).

Cabe destacar que a presença das cartas de Anita na constituição da narrativa sugere a preocupação e da autora em dar supostas vez e voz a protagonista. Assim, intercalando a voz

do narrador, aparece, na composição epistolar, a presença de Anita conduzindo o enredo que protagoniza.

Minha querida irmã,

dou risada ao pensar na surpresa que a espera. Sei que você vai ficar de boca aberta quando vir que esta carta é minha. Mas é isso mesmo! [...] Mamãe continua dizendo que vamos ficar para sempre em Laguna, porque aqui se tem com que viver. Mas acho que mesmo aqui as coisas não são tão fáceis. Não quero ficar aqui para sempre. Quero viajar, como você. Quero ver o mundo. Talvez um dia eu consiga ir me encontrar com você. Agora tenho que voltar para casa, mas logo que puder venho de novo à casa de Maria do Rosário para continuar a te escrever. Você não imagina como isso me diverte. (GARIBALDI, 1989, p. 10).

De acordo com as cartas, Ana Maria pede para uma amiga, Maria do Rosário, escrever cartas para sua irmã que mora no Rio de Janeiro. Não é possível identificar a identidade da irmã nas primeiras cartas, mas possivelmente seja a mais velha, Felicidade. A protagonista desabafa problemas particulares e familiares. Fala de seus irmãos e do quanto à mãe trabalha fora para sustentar a casa. De acordo com Del Priore,

A tentativa de definir como “verdadeiros” os trabalhos femininos ligados ao lar já estava presente nos jornais de Desterro em meados do século XIX; no entanto em Blumenau, essa preocupação só se tornou visível no final daquele século e início do século XX, quando a acumulação de riquezas permitiu a formação de núcleos urbanos. A antiga casa incluía o trabalho agrícola e o doméstico, ou a oficina, o comércio e o lar, envolvendo toda a família. Não estabelecia clara delimitação de papéis e as mulheres exerciam trabalhos tidos mais tarde como femininos e masculinos. (2009, p. 290).

Segundo Bakhtin, o “dialogismo e polifonia constituem as características, essenciais e necessárias, a partir das quais o mundo pode ser compreendido e interpretado de muitas e diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento”. (2005, p.325).

Outra obra analisada é do jornalista Paulo Markun¹⁷ intitulada Anita – heroína brasileira. É uma narrativa¹⁸ que retrata a história registrada de feitos heroicos muito

¹⁷ Paulo Markun, jornalista desde 1971, levou em consideração o contexto da época, realizou pesquisas, teve colaboração de historiadores e documentos legalmente reconhecidos para a construção de sua narrativa. Percebe-se a preocupação em imortalizar o momento histórico vivido pela família Garibaldi e acentuar os feitos dos principais personagens desta epopeia que os consagraram *heróis de dois mundos*.

¹⁸ Esta obra foi editada em comemoração aos 500 anos do Brasil da Editora SENAC, São Paulo.

MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi: uma heroína brasileira**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.

próximos aos mitológicos, envolvendo as personagens Giuseppe Garibaldi e Ana Maria de Jesus Ribeiro – Anita Garibaldi.

A narrativa começa com a descoberta do corpo de Anita feita em 10 de agosto de 1849, na região de Ravenna, no nordeste da Itália. As crianças Giuseppe dal Pozzo de nove anos, seu irmão Giovanni de sete e Evaristo Petroncini, também de nove anos ouviram latidos de seu cão Sirocco, pois este havia encontrado uma mão descarnada.

Observa-se que a ordem tempo linear da narrativa é quebrada, instaurando um tempo psicológico, na medida em que a sequência do enredo dá-se a partir de digressões do momento em que a narrativa tem início.

Um ano e cinco meses antes de morrer, Anita Garibaldi estava entre as mais de 2 mil pessoas que lotavam o Teatro Carlo Felice, assim chamado em honra do rei. O prédio, orgulho de Gênova, prova concreta de que a cidade se tornara a segunda capital do reino e do Piemonte-Sardenha, levou dois anos e dezoito dias sendo construído sobre os restos de um convento demolido, na Praça San Domenico. Foi inaugurado no dia 7 de abril de 1828, em plena primavera, com a ópera Bianca e Fernando, de Bellini, com uma festa que parou a cidade. (MARKUN, 1999, p. 21).

Chamaram então a irmã mais velha e, a partir daí, a investigação leva a descoberta de um corpo de mulher, confirmado então a ser de Anita Garibaldi. São feitos os devidos registros, tanto policiais quanto religiosos. Em primeiro relatório, há menção de gravíssimo delito culpando os irmãos Stefano e Giuseppe Ravaglia, ambos de feitores da vila de Mandriole, como assassinos de Anita. O corpo foi sepultado pelo padre dom Francesco Burzatti, que colocou uma cruz maior que as outras, pois poderia se tratar da mulher de um general.

Mulher desconhecida, de aproximadamente trinta anos de idade. Cadáver descoberto no lugar vulgarmente chamado de Motta della Pastorara. Acabados os atos legais da Cúria Criminal, obtido o consentimento da autoridade eclesiástica, foi transportado a essa igreja e, feitas as devidas exéquias, hoje pelas quatro da tarde foi sepultado no cemitério e exatamente entre a cruz principal e a cerca da parte do horto. Em verdade de tudo quanto foi dito, Francesco, pároco Burzatti. (MARKUN, 1999, p. 17).

Na sequência, o narrador começa a descrição da infância de Garibaldi até sua iniciação como capitão de navios de guerra na Itália; seus envolvimento com personagens ilustres da época, tanto político como economicamente poderosos.

Depois de conhecer a história de Ciro Menotti, em livros e panfletos, Garibaldi teria um contato de primeiro grau com essa gente que queria mudar o mundo.[...]a rejeição aos conceitos marxistas não impediu que Garibaldi aderisse à Primeira Internacional,

à Liga pela Paz e pela Humanidade e apoiasse a Comuna de Paris. (MARKUN, 1999, p. 42-43).

Em paralelo, revela sutilmente a infância de Anita, como encontraram seus pais, as viagens de Lages a Laguna e a estada em Morrinhos, distrito de Tubarão – SC. O nascimento de Anita e Manuela provavelmente entre 1820 e 1824, e o registro de seus oito irmãos.

Neste momento percebemos que os historiadores se dividem em analistas e narradores. O equilíbrio se faz necessário e assim a narrativa tem a simultaneidade de um observador bem informado que combinou acontecimentos com ficção e transformou seu relato em pesquisa narrativa.

A personagem analisada, nesse primeiro momento, nas quatro obras possui perfis diferenciados: Rau assume o papel de historiador, pesquisador da vida de Anita Garibaldi, entretanto a relação do narrador com a trajetória de vida desta se confunde com admiração. De acordo com Bakhtin (1995, p. 210), “o autor-criador é a consciência de uma consciência, uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo; o autor-criador sabe mais do que seu herói”. Na esteira destas reflexões, inclui-se ainda o autor de *Aninha do Bentão*, pois além de ser sua memória, prepara o leitor para encontrar uma mártir subjugada pela sociedade e menosprezada pelo homem de sua vida e o amor que julgava ser verdadeiro. A autora de *Mulher do General*, por se tratar da bisneta de Anita Garibaldi, apresenta um foco narrativo que se dirige mais aos sentimentos da protagonista e a relação de cumplicidade que esta manteve com sua família. Na obra do jornalista Paulo Markun, verifica-se uma preocupação maior em procurar reproduzir em sua dados históricos, sem contudo deixar de mostrar o olhar subjetivo sobre estes.

Quanto ao tempo, nas obras de Rau e Markun, prevalece o tempo linear. Nas narrativas de Zumblick e Garibaldi verifica-se a quebra da linearidade através das digressões, que instituem também o tempo psicológico.

Em relação ao espaço, são enunciados diversos e diferentes espaços ao longo das narrativas: Lages, Morrinhos-Tubarão, Mirim, Laguna, Curitiba, Mostardas, Montevideu, Nice, Gênova, Roma, Paris, Marselha e Mandriole.

Nas descrições do narrador, encontramos registros dos lugares por onde a família de Anita passara:

Na época em que os pais de Anita se casaram, Lages continuava parte da província de São Paulo – só passaria para Santa Catarina em 1820. [...viveram em várias casas, antes de fixar-se no Rincão dos Morrinhos, na margem esquerda do rio Tubarão, na época vinculado a Laguna. (MARKUN, 1999, p. 64).

Nos momentos de descrição dos lugares é possível perceber que, de acordo com Hall (2006), o lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas, analisando assim os comportamentos e atitudes de Anita e que revelavam sua origem.

5.1.2 Casamento de Ana Maria de Jesus Ribeiro em Laguna e encontro com Giuseppe Garibaldi

Na obra de Wolfgang Ludwig Rau, há o registro do matrimônio de Ana Maria de Jesus Ribeiro e Manoel Duarte de Aguiar, em 30 de agosto de 1835, na igreja matriz de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Após as descrições do casamento, o narrador cita que “em breve, compreendeu não estar realizada ao lado do pacato marido, o qual não lhe confirmou, sequer, fecundidade...” (RAU, 1975, p. 77). Essa passagem da vida da personagem em momentos históricos não é mencionada, ou é abstraída, ou simplesmente registrada rapidamente para feitos burocráticos ou religiosos.

O narrador compara esse feito com a atitude que Ana Maria também fizera com seu primeiro casamento: não mencionou, abstraiu ou teve que revelá-lo publicamente para poder casar-se novamente com Giuseppe Garibaldi perante a lei civil e religiosa na paróquia de São Bernardino em Montevideu no dia 26 de março de 1842. (RAU, 1975, p. 233)

A personagem é demarcada como uma “mulher normal, cheia de vida, feita pela natureza para ser mãe, para ser esposa de um homem que fosse viril em todos os sentidos” (RAU, 1975, p. 78), descreve o narrador a típica condição feminina da época e uma comparação de ser saudável à normalidade da mulher, que nasce pré-disposta para procriar, não importando seus interesses e desejos junto ao homem que escolheu para conviver. E essa

imposição da sociedade foi uma das frustrações da personagem quando percebeu que com filhos não poderia acompanhar Giuseppe Garibaldi em suas viagens e expedições.

O primeiro encontro de Anita e Garibaldi foi descrito em muitos momentos de romântico a inesperado, porém, pelo que consta, após a morte de um de seus melhores amigos, Giuseppe “necessitava urgente reequilibrar sua alma com alguma demonstração de afeto humano, e desejo físico pelo amor sincero de uma mulher” (p. 118) e avistando Ana Maria pelo telescópio na prainha da Barra de Laguna “ao divisar o busto dessa mulher (Anita) que lhe pareceu uma visão, quedou-se por momentos absorto, enlevado, em extasis...” (RAU, 1975, p. 118).

Portanto, a necessidade de Garibaldi de ter uma mulher ao seu lado para amenizar seu sofrimento tanto psicológico quanto físico, e Ana Maria insatisfeita no casamento, foi a justificativa e razão mais plausível encontrada pelo historiador para a “eclosão” daquilo que se convencionou chamar simplesmente de amor...” (RAU, 1975, p.120)

De acordo com Del Priore,

Existia um alto nível de violência nas relações conjugais. Não só violência física, na forma de surras e açoites, mas a violência do abandono, do desprezo, do malmequer. Os fatores econômicos e políticos que estavam envolvidos na escolha matrimonial deixavam pouco espaço para que a afinidade sexual ou o afeto tivessem grande peso nessa decisão. (2011, p. 65).

Na sequência, no capítulo “Anita, uma mulher diferente”, o narrador destaca que “neste trabalho nos propusemos motivar os leitores para merecida redenção de Anita Garibaldi”. Há a justificativa de que o “diferente” decorre do fato de estar motivado pelas atitudes da personagem, tudo nela demonstra uma mulher nada convencional, com tomadas de decisões espontâneas e irreverentes perante a sociedade da época, e que ainda hoje tem seus reflexos preconceituosos. Dentre outros, esse comportamento desenha Anita como personagem redonda.

Segundo Moisés:

A personagem redonda é ela própria e mais ninguém, precisamente como seres vivos o são ou podem ser, graças ao nome, ao aspecto físico irrepetível, à voz, etc. Daí que constitua o chamado “caráter”. Mas, sendo tão “humana”, a personagem redonda não raro acaba por se transformar em símbolo, símbolo duma “possibilidade” humana por momentos elevada à sua dimensão mais alta. (1977, p. 196).

Rau, nos últimos parágrafos, manifesta-se como que num desabafo, o desconhecimento histórico ou falta de melhor juízo, vestígios persistentes, às vezes paradoxalmente irreverentes, de uma fama injusta, trazida oralmente desde então até nossos dias. Há possivelmente, segundo o narrador, uma parcela do clero envolvida em relação à atitude de Anita Garibaldi e que justificaria o respeito não existente no Brasil pela Heroína de dois mundos, como é conhecida na Europa.

Para White (*apud* MUNSLOW, 2009, p. 187), “as narrativas não são veículos neutros para a transmissão das realidades passadas, nem muito menos os historiadores podem descobrir a verdade narrativa do passado na evidência das intenções e crenças humanas”. O historiador não descobre nada, ele segue a narrativa e fornece significado para a história.

Anita revelou sua coragem ao lado de Giuseppe em vários combates, entretanto, essa demonstração só aconteceu, segundo o narrador, porque precisava mostrar a Garibaldi que era digna de ser sua companheira (RAU, 1975, p.134).

Anita era para ele a companheira ideal, sensual e apaixonada, dedicada e valente. Ela durante o dia se ocupava na cozinha e cuidando dos feridos, ou então combatia ao lado dos comandados, forçando até os acovardados a lutarem. Chegada a noite e encerrada a faina, porém, voltava para o lado de seu amado, meiga e carinhosa, para ambos desfrutarem da sua doce intimidade”. (RAU, 1975, p.133).

Conforme Joana Maria Pedro, a personagem é o retrato do ideal de mulher do século XIX: sensual e destemida, amante e mãe.

Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. (PEDRO, *apud* Del Priore, 2009, p. 281).

Nestes mesmos momentos na obra *Aninha do Bentão*, no capítulo IV, intitulado de “O enlace”, o narrador procura destacar a união imposta pela mãe de Ana Maria de Jesus Ribeiro com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar. Esse sublinha que personagem não queria ter filhos com seu marido por este não ser o homem de seu coração.

Na narrativa, a personagem delineada pelos moradores da cidade, que a denominam de “menina” Aninha.

Ele, o marido, cada vez mais enclausurado, mais encaramujado, no seu ciúme, no seu silêncio, nas suas intransigências, ensimesmado e resmunguento. Aninha, por sua vez, era a menina-moça que, apesar dos seus quase quinze anos, ainda não havia amadurecido de todo. Expansiva, valente e teimosa, sentia que, talvez, a ausência de um filho fosse, também, um foco doentio a gerar um diário acirramento que marcava as desavenças na mais franca ebulição. (ZUMBLICK, 1980, p. 24-25).

O narrador se distancia dos detalhes que desvelariam suas emoções, seus sentimentos. Assim sendo, características como: expansiva, valente e teimosa, são adjetivos que marcam a “ebulição” da personagem principal. Não há alusão às transformações físicas, nem mesmo à sua capacidade de procriação.

Segundo Del Priore:

A mulher tinha que ser naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal. (2011, p. 90).

Na obra de Walter Zumblick, existe a afirmação de que Ana Maria e Garibaldi encontravam-se às escondidas, motivo que justifica para a sociedade da época, o julgamento de mulher infiel.

A situação de Ana Maria se transforma e também as vozes de outrem recebem espaço na narrativa, na medida em que os moradores comentam que ela é abandonada pelo marido Manoel. Alguns afirmam que ele foi para a guerra, ou que fora detido por marinheiros de Garibaldi, ou que simplesmente fugiu de vergonha (p.26). O fato é que, além de José, Ana Maria também participa da descrição de “mulher que busca sua liberdade”.

Nesta parte da narrativa não há preocupação em seguir a linearidade histórica. O narrador conta e descreve a proposta de casamento, a situação de abandono de Ana Maria, a beleza da personagem, o cortejo de um sargento-galã chamado João Gonçalves Padilha e o então compromisso de casamento com Manoel Aguiar.

Com tantas qualidades, fácil foi inspirar nas moças das redondezas de Tubarão e Laguna autênticos desejos de casamento. Ana Maria de Jesus Ribeiro, a noiva feita por interesse da família, também foi contagiada pelas artes do sargento-galã, custando à sua mãe, além de um justificado susto, sérias providências que, em surdina, viessem fazer desmoronar no nascedouro, um sonho que, por pouco, não atirou à sarjeta um compromisso a tanto custo assumido. Aninha do Bentão, porém, não faltaria à palavra empenhada. Iria, na verdade, desposar o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar! (ZUMBLICK, 1980, p. 27).

Em certos momentos na obra de Zumblick, percebe-se um relatório histórico, modificando-se para romance, narrativa especulatória e até declarações quase que poéticas dos fatos que marcaram a vida de Garibaldi e Ana Maria.

No capítulo VI, intitulado “O encontro”, o narrador tece a história fazendo uso de linhas de uma linguagem poética. O lirismo da o tom a história de Ana Maria.

Todo ser humano, como que de berço, traz um simbólico roteiro ou um rosário de realizações que, por todos os instantes do seu viver, deverá cumprir. Terá os rumos de uma estrada ou uma caminhada mesmo que para o desconhecido e abrirá como que uma “carta de prego”, cujos desígnios terá que seguir. (ZUMBLICK, 1980, p. 36).

O narrador trata a personagem, por vezes, Ana Maria, Aninha, Anita, mulher do general, Ana de Jesus, Aninha do Bentão. Ana Maria e Aninha do Bentão quando ainda morava com os pais; Aninha nos primeiros encontros com Garibaldi; Anita quando então mulher de Garibaldi, Ana de Jesus ao assumir compromisso com Manoel Aguiar e perante a sociedade Lagunense; mulher do general para então impor o respeito que lhe era de direito ao lado do comandante das tropas de Bento Gonçalves.

Ana Maria de Jesus Ribeiro, nome completo, é somente usado quando o narrador decide mostrar o lado da valentia e bravura da personagem: “Ana Maria de Jesus Ribeiro, que não temia morrer lutando, tinha pavor do linguajar e das falas em surdina dos moradores da rua do Rincão”. (ZUMBLICK, 1989, p.43)

Nesta passagem da narrativa, o narrador busca metáforas bíblicas para explicar o primeiro encontro de Ana Maria e Giuseppe, como se dessa forma a comparação amenizasse ou explicasse tamanha atração sentida por ambos:

Mas, seja à beira da fonte, reeditando aquele quadro bíblico, quando Mestre, cansado e sedento, numa tarde colorida de tintas vivas do poente, pediu água à mulher samaritana, ou já mirando com um binóculo um grupo de moças e deste destacar aquela que selaria a sua à de um empertigado marinheiro que viera cumprir um encontro marcado pelos cordéis de Cupido, a história em nada sofrerá. (ZUMBLICK, 1980, p.41).

Nesta mesma ordem dos fatos, o romance escrito pela bisneta de Anita Garibaldi, Ana Maria recebe respostas da irmã, que da mesma forma a corresponde com questões familiares e descrevendo sua vida atual no Rio de Janeiro. Ana conta que irá casar-se com Manuel, mas

está feliz por isso. Na página 23, há uma descrição de autopunição em relação às brincadeiras e peraltices de menina, o quanto a mãe das duas irmãs se incomoda com os filhos e principalmente com a rebeldia de Ana Maria: “Irmã, diga uma coisa: por que será que eu não posso andar sossegada na rua? Qual é o mal em passear pelo campo e pelas praias que eu amo tanto? O que é que incomoda tanto as pessoas? Não consigo entender.”

Nesse trecho, percebe-se que desde menina os olhares de aprovação ou desaprovação eram constantes em relação às atitudes de Ana Maria. Já era, de certa forma, “visada” pela população do vilarejo, e provavelmente isso seja indício de sua personalidade marcante e de identidade única.

As datas são de junho de 1835. Nessa época, a personagem tinha 14 anos de idade e haviam decidido seu casamento com Manuel Duarte. Em seu conteúdo, fica o registro dos sentimentos de Anita: “muito infeliz”.

Minha querida irmã, nesses quatorze anos de vida, nunca me senti tão triste. Acho que para mim está tudo acabado: meus sonhos, meus desejos, minha própria razão de viver. Não sei se você já soube que a mamãe e a família escolheram Manuel Duarte para ser meu marido. Tudo por culpa daquelas megeras e do padre, que acabaram convencendo até o padrinho de que o casamento é o único jeito de garantir minha salvação eterna, neste mundo e no outro. (GARIBALDI, 1989, p. 24).

Del Priore afirma que “não era por amor que os cônjuges deviam se unir, mas sim por dever; para pagar o débito conjugal, procriar e, finalmente, lutar contra a tentação do adultério. No casamento o amor-paixão era inimigo. (2006, p. 28).

Entre um capítulo e outro, são descritos resumos de momentos da vida de Anita, do envolvimento de Giuseppe com Bento Gonçalves, das guerrilhas, e outras partes da trajetória de vida de ambas as personagens. É uma introdução aos momentos que serão contados nas cartas “escritas” por Ana Maria.

No capítulo III, intitulado “Um casamento errado”, a narrativa se desenrola com a descrição do casamento de Anita e Manuel. Está angustiada com o compromisso desnecessário e precipitado. Manuel pertencia à reserva militar do exército imperial, sendo convocado para a Revolução Farroupilha desapareceu de Laguna, deixando sua mulher sem notícias e todo o povo em dúvida quanto ao seu paradeiro.

Neste capítulo, há a descrição do “porquê” da Revolução Farroupilha, desta se estender até Santa Catarina e a chegada de Giuseppe Garibaldi no Brasil participando deste momento histórico.

As cartas agora são para “tio Antônio” e datadas de novembro de 1835. Nestas Anita conta seu casamento, toda a cerimônia, as vergonhas que passou devido aos trajes não condizentes com seu tamanho, enfim a decepção amorosa em particular, pois confessa ao seu tio que ainda não havia se deitado com Manuel e ele também não exigiu isso.

As cartas voltam a aparecer datadas de junho de 1837 para sua irmã Felicidade. Seu conteúdo mostra Anita a parabenizando pelo nascimento de seu filho Pedro, bem como sua preocupação com uma possível revolta que vem se aproximando de Laguna vinda do Rio Grande do Sul.

Mas depois do casamento me senti um pouco deprimida para dizer qualquer coisa. Já faz tempo que não tenho vontade de falar com ninguém. Mas anteontem fiquei sabendo do nascimento do seu filho Pedro. Quero dizer que estou contente por ser tia e espero que você encontre nele e no seu marido toda a felicidade que merece, pela sua doçura e altruísmo. (GARIBALDI, 1989, p. 33).

A seguinte carta é de abril de 1839 e é para o tio Antônio. Anita fala do governo e de sua vontade de lutar com os revolucionários. Nessa confissão é possível perceber o desenvolvimento de uma mulher com espírito guerreiro e diferente das outras de sua época.

Em maio de 1839, Ana escreve uma carta para sua irmã Felicidade dizendo o quanto o vilarejo ficou destruído com a chegada da guerrilha, pois Laguna era linha de frente para os revolucionários. A personagem revela que não vê a hora dos revolucionários chegarem:

Correm boatos que de logo chegarão os revolucionários e conquistarão Laguna. Imagine que beleza! Passo noites acordada só pensando nisso. Parece que entre eles há homens sinceramente dedicados à libertação de nossas terras. Muitos são estrangeiros exilados de seus países, onde não podem viver porque foram condenados à morte pelos seus governos tirânicos. Assim, enquanto esperam poder voltar para casa, eles não perdem tempo, ajudando a luta dos nossos homens. (GARIBALDI, 1989, p. 37).

Nessa passagem, pode-se estabelecer uma relação de seu espírito guerreiro com a ânsia de guerrear, idealizar os homens que ali chegarão para ajudar seu povo. De certa forma essa idealização pode ter projetado em Giuseppe o homem perfeito que ela encontraria e seria dele

para o resto da vida, já que ele a “completaria” no sonho de liberdade, tanto pessoal quanto amoroso.

Na mesma carta, a personagem revela à sua irmã que Maria do Rosário elogiou sua letra, marcando assim o início do processo de alfabetização de Ana Maria.

Na carta do dia 08 de agosto de 1839, Ana descreve o momento em que viu Giuseppe pela primeira vez na igreja de Laguna:

Ontem na igreja, entre os comandantes, vi um homem que me pareceu maravilhoso. À luz da velas, seus longos cabelos loiros brilhavam como se fossem de ouro. Era bronzeado, tinha olhos claros. Logo pensei: um marinheiro. Depois, ouvi dizerem à minha volta que ele é estrangeiro e está no comando da esquadrilha revolucionária. Foi ele quem levou os navios rebeldes à captura vitoriosa do nosso porto. Quanto mais eu olhava para ele, mais sentia uma vontade louca de me aproximar. (GARIBALDI, 1989, p. 43).

Na sequência, a personagem diz não dormir, pois fica a noite toda pensando nele, o quanto ele poderia lhe achar bonita se a encontrasse novamente, pois era capitão e lutava, liderando os guerrilheiros.

Em carta seguinte, sem data, o encontro acontece em sua própria casa. O padrinho de Ana convidou o estrangeiro para jantar. Na despedida, José, como se apresentou, cumprimentou a personagem e disse: “Você tem que ser minha!” Nesta frase, e praticamente em todas as biografias de Anita e Garibaldi, é o marco da promessa de vida conjugal, o ponto de partida de uma união historicamente conhecida e privilegiada anos depois da morte de ambos.

Minha força é o nosso amor, que é forte como a seiva da primavera. Acabo dando risada quando me chamam de puta. Até me sinto purificada, lavada da hipocrisia da minha situação, através da entrega humilde e total de mim mesma. (GARIBALDI, 1989, p. 48).

Como na anterior, a carta de Ana para sua irmã está sem data e traz o quanto ela está feliz ao lado de Giuseppe: declara que o primeiro casamento era uma farsa e agora realmente vive um matrimônio. Relata que as más línguas já iniciaram a difamação e que as condenações também são pela causa revolucionária:

Há a mesma passagem da história de Anita Garibaldi na obra de Paulo Markun: a descrição do casamento de Ana Maria, aos quinze anos de idade com Manuel Duarte de Aguiar, que fora registrado pela Igreja e pelas pessoas humildes que residiam em Laguna.

Esse primeiro casamento foi pouco mencionado por outros historiadores, mas, nas memórias de Garibaldi, há uma menção de culpa por ter tirado Anita de seu lar: “Se algum erro foi cometido, por ele somente eu devo responder. E um erro teve lugar se, ao enlaçarem-se, dois corações dilaceraram a alma de um inocente”. (GARIBALDI, 2000, p. 97).

O narrador procura enfatizar sucintamente a Revolução Farroupilha e sua importância para a nação brasileira. Participações, como a de Bento Gonçalves, para o contexto histórico brasileiro, serviram para demonstrar a bravura e persistência de um povo.

O encontro entre Bento Gonçalves e Giuseppe Garibaldi é mencionado para a narrativa ser encaminhada até a tomada de Laguna como sendo parte do plano da Revolução Farroupilha. Garibaldi é responsável da guerra pelo mar e Bento Gonçalves e seus homens, por terra. O autor conta de modo simples e especulatório um possível romance de Garibaldi com a filha de Bento Gonçalves, mas o noivado não acontece, pois a fama do herói é de aventureiro, não deixando a filha do coronel feliz. Esta então morre aos 86 anos, solteira e chamada para sempre de “a noiva de Garibaldi”.

Entretanto, ao chegar a Laguna, Garibaldi encontra Anita. Algumas vezes esse encontro é descrito de forma romântica: poderia ter sido em uma fonte, no hospital e o mais provável e confirmado pelas memórias desse personagem foi quando a avistou, através de uma luneta, na Barra quando estava no convés de seu navio. Ordenou então que o transportassem à terra para ver se encontrava sua amada, mas infelizmente já não a viu mais. Foi convidado a tomar um café e nessa casa encontrou então a mulher que marcaria sua vida.

Nas palavras de Garibaldi,

Eu passeava pelo convés da Itaparica revolvendo esses meus tetricos pensamentos e depois de muito raciocinar decidi finalmente me aproximar de uma mulher, para tirar-me daquela entediante e insuportável condição.

Olhei ao acaso para as casas da Barra... Lá, com a ajuda da luneta que tinha habitualmente à mão, descobri uma jovem. Ordenei que me transportassem à terra na direção dela. Desembarquei e, me dirigindo à casa onde deveria encontrar-se o objeto de minha viagem, não consegui revê-lo. Foi quando cruzei com um indivíduo do lugar, que tinha conhecido logo que cheguei. Ele convidou-me a tomar café em sua casa: entramos e a primeira pessoa que me apareceu era aquela cujo aspecto me tinha feito desembarcar. Era Anita! A mãe de meus filhos! A companheira da minha vida, nos bons e nos maus momentos! A mulher cuja coragem tantas vezes ambiciono. Ficamos os dois estáticos e silenciosos, olhando-nos reciprocamente como duas pessoas que não estão se vendo pela primeira vez, que identificam na fisionomia do outro qualquer coisa que desperta uma reminiscência. (MARKUN, apud Giuseppe Garibaldi, *Memorie di Garibaldi*, 1872, p. 54-55).

A partir desse fato, a narrativa de Markun fornece dados históricos, fictícios e supostamente reais da vida de Ana Maria de Jesus Ribeiro. Mesmo Anita não sendo de família rica, as atitudes em locais públicos não diferenciavam classes sociais. Mary Del Priore sobre a situação da mulher naquela época:

As mulheres de elite eram ‘aparentemente’ muito bem vigiadas. Namoros se faziam na igreja, entre beliscões e pisadelas, ou às janelas, sob as quais os aspirantes a namorado colocavam-se rentes, murmurando palavras de amor pelas rótulas...”. (DEL PRIORE, 1999, p.132).

Em outra passagem, segundo Markun, Langsdorff (1804) classificou os moradores de Desterro como atenciosos e cordiais:

As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se firmarem como beldades. Na maioria das vezes são de estatura média, bem constituídas, de cor castanha, se bem que algumas são muito claras, têm fortes cabelos pretos e olhos escuros e sensuais; acresce-se que o belo sexo recebe com muita gentileza os hóspedes. (MARKUN, 1999, p. 134, *apud* HARO, p.163).

Conforme já mencionado, alguns habitantes do município de Laguna não veem com bons olhos a união de Anita e Garibaldi, pois ela estava casada perante a igreja e a sociedade, embora seu marido tenha desaparecido há muito tempo. No momento em que Ana decide partir com Giuseppe todos percebem que ela nunca mais retornaria à Laguna.

Nesta segunda análise, cada narrador, em seu estilo singular, contou fatos similares, apropriados para a construção da personagem e seu caráter que intitula todas as obras aqui analisadas: mulher diferente das que convivia em Laguna; mulher que chamou a atenção e conquistou Giuseppe Garibaldi, seja na praia num primeiro momento, seja na sua própria casa; heroína por encarar tanto a comunidade quanto a guerra que decidiu participar.

Neste momento das narrativas, o tempo e o espaço são descritos de forma quase parecida, salvo alguns narradores descreverem mais alguns locais como fez Rau e Zumblick. Em relação a A. Garibaldi, as memórias são mais sentimentais, e para Markun esses capítulos servem para narrar a Revolução Farroupilha.

De acordo com Bakhtin “a unidade de experiência e da verdade do homem é polifônica. Somente a tensão entre as múltiplas vozes que participam do diálogo da via pode dar conta da integridade e da complexidade do real”. (2005, p. 325).

Alguns dados são mais detalhados com base na historicidade e a procura de comprovação e autenticidade dos acontecimentos: primeiro casamento de Anita e o fim que dera Manuel Duarte de Aguiar. Zumblick condena, A. Garibaldi demonstra o ato fadado ao fracasso, Rau e Markun se utilizam de dados históricos.

5.1.3 Vida de Anita com Giuseppe Garibaldi no Brasil

Na obra Rau, o narrador começa a revelar a coragem Anita ao lado de Giuseppe em vários combates, entretanto essa demonstração só aconteceu, segundo o autor, porque ela precisava mostrar a Garibaldi que era digna de ser sua companheira (RAU, 1975, p.134).

Anita era para ele a companheira ideal, sensual e apaixonada, dedicada e valente. Ela durante o dia, ocupava-se na cozinha e cuidando dos feridos, ou então combatia ao lado dos comandados, forçando até os acovardados a lutarem. Chegada a noite e encerrada a faina, porém, voltava para o lado de seu amado, meiga e carinhosa, para ambos desfrutarem da sua doce intimidade. (RAU, 1975, p.133).

Nesse trecho, nota-se como a personagem é o retrato do ideal de mulher do século XIX: sensual e destemida, amante e mãe.

Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. (PEDRO, *apud* Del Priore, 2009, p. 281).

Durante a pesquisa histórica, há também registros pessoais do narrador, com adjetivos e palavras que enaltecem os feitos de Anita Garibaldi. Um desses momentos pode ser lido: “sob fogo do inimigo que, refilando e cruzando, renova seus ataques, faz Anita a traiçoeira travessia, contra a vontade de seu amado, deixa pasmos os homens pela abnegação e incomparável bravura de mulher fora do comum”. (RAU, 1975, p.142).

No capítulo XV, intitulado “Quando a mulher se torna heroína”, o narrador inicia com a comparação entre homem e mulher em relação as suas posturas físicas e psicológicas

perante a sociedade e a família. O que se espera de ambos diante de situações de desafios ou ameaças.

Ele esclarece que do homem já se esperam, conforme sua educação, propriedades físicas, morais e intelectuais adequadas para poder praticá-las em proveito próprio e para o bem da coletividade e, quanto à mulher, é destinada a ter uma vida nem perigosa nem acidentada. (RAU, 1975, p. 163).

Del Priore, afirma que “a norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua”. (2009, p. 517).

O autor propõe a seguinte análise: o que faz uma mulher ter todas as combinações de bravura do homem e devoção à família da mulher; e já que na História Universal o maior número de registros em relação à bravura, episódios gloriosos e memoráveis foram praticados pelos homens, e que pouco se diz sobre a mulher, fariam então de Anita um símbolo de heroísmo pelas atitudes que tomou e consequências que suportou:

O amor ao marido e sua bravura leonina demonstrada incansavelmente no Brasil, nas privações em Montevideu e durante as campanhas pela unificação da Itália, sua segunda pátria, somente findaram quando ela, demasiado jovem, expirou em seus braços. Anita Garibaldi é o símbolo da mulher heróica brasileira e, definitivamente ligada à história de nossa terra; não há como negar-lhe o atributo justíssimo de “heroína dos dois mundos. (RAU, 1975, p. 165).

O autor afirma a veneração de Anita em relação a Garibaldi, mesmo com contradições num dos episódios de fuga, em Curitiba, quando Anita foi prisioneira do coronel Antônio de Melo Albuquerque e somente encontrou Giuseppe em Lages (a distância era de 80 quilômetros) ou Vacaria (distância de 200 quilômetros):

Garibaldi era marinheiro? Acompanhava-o, a bordo. Era guerrilheiro? Ao seu lado, ia lutar. Garibaldi construía lanchões na Lagoa dos Patos? Anita o aguardava na mísera choça de pau-a-pique. Em Montevideu, era abnegada dona de casa; na Itália, nora dedicada e companheira de lutas; sempre, porém, mãe carinhosa de seus filhos, - e acima de tudo: sempre esposa fiel do homem a quem, cheia de ciúmes, adorava: seu capitão Garibaldi. (RAU, 1975, p. 190).

No final da maioria dos capítulos, Wolfgang Rau tece elogios e homenagens à Anita como a brasileira catarinense, que se tornara um exemplo da mulher que todo o seu amor, toda a sua vida consagrou ao homem idolatrado. (RAU, 1975, p. 191).

Os historiadores necessitam relacionar as estruturas narrativas com as mudanças históricas, para que seu trabalho seja creditado como real e satisfatório em meio uma sociedade que busca no passado as justificativas para acontecimentos atuais.

Nas páginas 194 e 195, há fotos da fuga de Anita e seu filho Menotti de Mostardas, monumentos e pinturas que retratam, segundo o narrador, imagem gloriosa e a bravura que raras mulheres se expuseram ao combate por amor e lealdade.

Da mesma forma como Rau, enalteceu a coragem de Anita, Zumblick a fez de maneira heroica. Quando é narrada a passagem onde a personagem participa da batalha naval no capitania “Rio Pardo”, há ênfase e repetições no nome “Ana Maria”; e logo que a batalha termina é então chamada de heroína.

Um momento de valorização da bravura da personagem e parecendo ser uma declaração de admiração incontestável, o narrador escreve:

Obscurecer e diluir os seus feitos de coragem, e eles foram tantos, para que só a Garibaldi fossem creditadas as honras, a divulgação e a vitória. Está chegando o tempo, entretanto, de uma devolução, de restituir à nossa Aninha do Bentão o que dela foi abandonado, seja em bravura como soldado, em amor ao homem que escolheu e como a mãe que foi, santa, nobre e carinhosa até o seu desaparecimento na velha Itália. (RAU, 1975, p. 46).

Na sequência dessa ordem, o narrador procura mostrar ao leitor como Garibaldi desencantara de Anita, entretanto, esta era alimentada por essa insatisfação e o desejo de mostrar ao seu amor suas qualidades a fizeram engajar-se nas mais horríveis batalhas.

O futuro soldado do “Rissorgimento” italiano, assim parece, fartou-se cedo de Ana de Jesus, a moça morena de Morrinhos. E, ao amor que esta oferecia a todo o instante, seja na hora dos combates como um anjo de proteção, no desconforto das caminhadas, no perigo que rondava a vida dos guerreiros “farrapos”, Garibaldi dava em troca, numa usura retribuição, a indiferença, a rispidez e aquele velado desejo de que Ana de Jesus fosse envolvida no roldão dos entreveros, a sumir, para sempre seja perdida na mata, prisioneira dos imperiais e, quem o negará, ferida e morta num instante que, épico, sagraria qualquer herói. (ZUMBLICK, 1980, p. 47).

Além do amor por seu italiano, o narrador deixa claro um motivo forte de encanto por parte da personagem: fora encantada pelo estrangeiro que lutava por um ideal de liberdade. (ZUMBLICK, 1980, p.47).

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: amor fati), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade. [...] A mulher é vida e o herói, seu conhecedor e mestre. (CAMPBELL, 2007, p. 119).

O capítulo VIII narra a derrocada de Garibaldi e seus homens. O narrador descreve o momento com inúmeros adjetivos: desordenada fuga, tropa arrogante e temida, caminhada incerta, passagem meteórica, canhões assassinos, entre outros. A reação de Anita e Garibaldi perante o fato os deixa sem rumo diante do que se apresenta depois de uma guerra que não era deles. Segundo o narrador, partem com os restos da efemeridade da luta: “A esquadra imperial estava embandeirada com as flâmulas da vitória, entrando barra adentro. Só Giuseppe Garibaldi e Ana Maria cumpriam uma derradeira missão, piedosa e cristã, ou seja, atear fogo aos restos dos gloriosos navios farroupilhas”. (ZUMBLICK, 1980, p. 52).

A coragem de Anita é descrita em muitos momentos da narrativa, porém, nesta parte de sua vida ela se evidencia; seja por ocasiões que presenciou ou atitudes que tomou, a personagem é construída com todos os adjetivos possíveis: “Mas estava escrito que Aninha do Bentão, a nossa Ana Maria de Jesus Bento Ribeiro iria ser testada naquele tremendo entrevero que a história convencionou chamar de combate do Lageado das Forquilhas, no Capão da Mortandade, às proximidades do Rio Marombas, junto a Curitiba”. (ZUMBLICK, 1980, p. 55).

Esta inusitada guerrilha fez das atitudes de Anita um marco para sua personalidade perante os homens da época e registros históricos. O narrador revela que ela consegue fugir, é capturada, e tem sua liberdade por ser uma mulher guerreira. Entretanto, também questiona o porquê do abandono da heroína por Giuseppe Garibaldi e sua tropa:

Ana não compreendeu jamais os motivos pelos quais Garibaldi a teria abandonado, quando ela, escrevendo o seu maior feito na luta “farroupilha” teve, até, instantes de maluco heroísmo e coragem, enfrentando sozinha uma soldadesca desordenada e sem consideração à sua qualidade de mulher. (ZUMBLICK, 1980, p. 56).

“Longe dali Giuseppe Garibaldi já se acreditasse, talvez, livre da mulher que o seguia desde Laguna...”. (ZUMBLICK, 1980, p. 56). Esta foi a hipótese que o narrador levanta diante daquele ato de Giuseppe. Pode ser inquietante o fato, nesta obra assim narrada, que pela primeira vez um narrador percebe o abandono de Anita por Giuseppe no rio da Mortandade. Há, portanto um desencontro de opiniões narrativas deste momento da história de Anita Garibaldi. Se considerada esta reflexão, alguns dos julgamentos e atos realizados por

Giuseppe seriam de outra natureza: heroísmo egoísta e insensibilidade perante o fato de Anita ser a mulher que o acompanha, o que não daria o direito dele a abandonar.

Antes de partirem para o próximo desafio, Anita e Garibaldi têm seu primeiro filho batizado com o nome de Domingos Menotti Garibaldi. Juntamente com o nascimento, nada fácil, segundo descrições do narrador, para completar quadro de atos de bravura da heroína Anita, narra o seguinte fato:

Há um episódio, ocorrido em São Simão que, envolvendo mãe e filho recém-nascido, mereceu de Aninha, por instantes, aquele reunir de coragem e decisão da antiga guerreira de tempos atrás...[Ausente Garibaldi, que deveria estar com seu compatriota Rosseti, Aninha avisada por pessoas amigas, foge de uma emboscada, a cavalo, levando consigo, em plena noite borrasqueira, o pequeno Menotti e, ambos quase desnudos, fato que por pouco não roubou a vida do filho de tenros dias. (ZUMBLICK, 1980, p. 61).

As características da mulher heroína e guerreira que Rau e Zumblick narram, possuem outra percepção sob o olhar da narradora de *A mulher do General*. A partir do capítulo V, a narradora descreve a falta de apoio à causa farroupilha e a iniciativa do capitão Garibaldi em retomar o comando da esquadilha rio-grandense e continuar a guerra por mar.

Essencialmente, nessa narrativa aparece a insistência, por parte de Giuseppe, de Anita acompanhá-lo e viver junto dele no *Rio Pardo*, uma de suas embarcações. Esta, por sua vez, passa por momentos violentos e perigosos como em toda guerra, sem perspectiva quanto ao futuro.

Além da situação política que se agravava, devido ao fim próximo da República Juliana, o casal voltava a Laguna entre uma e outra incursão naval, e eram duramente criticados pelas pessoas que lá viviam, pois transgrediam os costumes sociais. Segundo Joana Maria Pedro (2009):

a exigência do casamento civil, além de figurar na constituição e ser divulgada pelos jornais, era cobrada das camadas populares, num claro descompasso com a vivência dos mais pobres [...] Segundo o ideário positivista, ao homem cabia o trabalho e o sustento financeiro da casa; à mulher, respeitar ao pai e ao marido, cuidar da educação dos filhos e do lar. (PEDRO, 2009, p. 304 *apud* Del Priore).

Na primeira carta deste capítulo, a possibilidade de Ana Maria escrever suas próprias cartas é comprovada, pois no dia 30 de outubro de 1839, a bordo do Rio Pardo, ela desabafa para sua irmã a vida inesperada que agora tem ao lado de Garibaldi. Conta que seus

conterrâneos a repudiam: “Fui ameaçada, me chamaram de “puta”, de “traidora”. Tudo porque tive a coragem de mostrar o meu amor, com pureza e lealdade, rejeitando as hipocrisias que costumam ser impostas às mulheres”. (GARIBALDI, 1989, p. 54).

Segundo Bauer: “Se uma mulher vive com o marido e tem um ou mais amantes, ela é mulher respeitável. Se ama só um homem, mas sem documentos, torna-se objeto de violência e condenação”. (2001, p. 113)

A situação de Anita, naquele momento de sua vida, deixava-a confusa em relação a sua atitude perante a sociedade que a julgava. Devido a burocracia e ao demasiado respeito às normas jurídicas, sua posição como mulher de Garibaldi suscitavam comentários maldosos e hipócritas.

Nas cartas dos dias 04 e 06 de novembro do mesmo ano, Aninha descreve sua paixão, admiração e compromisso ao lado de Garibaldi. Vê naquele homem sua realização pessoal e um companheiro guerreiro como esperou a vida toda. Foram padrinhos de uma criança em Laguna, ela o ensinou português e José quis mudar seu nome para Anita. Todas as descrições com um “tom” amável e gentil, como se estivesse vivendo um conto de fadas, nada convencional sem dúvida, mas singular para uma adolescente que encontra o amor para a vida toda.

Os fatos narrados no capítulo VI, intitulado “Sem limites e sem medo”, oficializam o gênero diário, pois as cartas que a personagem Anita escreve ora para sua irmã Felicidade, ora para sua amiga Fortunata revelam peculiaridades inatas da personagem. Ao contrário do mito criado em torno da personagem corajosa e forte, ela se revela frágil e dependente do seu grande amor. Tem coragem de segui-lo, porém, sua cumplicidade é tão presente, que a justificativa para seus atos audaciosos e inesperados acabam por se revelar coincidências naturais.

Os nomes “Felicidade” e “Fortunata” também podem ser relacionados com abundância e vitalidade. Irmã e amiga que apoiavam Anita e a cercavam de carinho e compreensão em momentos difíceis.

Nas cartas que constituem esse capítulo, Ana Maria conta de sua fuga em Curitiba e o desespero para encontrar Garibaldi em meio aos mortos de guerra. Como era previsto, ele não morrera e Anita conseguiu encontrá-lo em Lajes. Ele se mostra furioso, pois ela carrega em seu ventre um filho e não pode mais aventurar-se como de costume. Isso não a convence, porque a aventura e o prazer de lutar ao lado de seu amor fazem parte constante de sua vida.

No capítulo VII, intitulado *O menino no poncho*, narra o nascimento do primogênito do casal Domingos Menotti Garibaldi, no dia 16 de setembro de 1840. O fato que marcou o título deve-se ao fato da fuga de Anita com Menotti pelo vale do Rio das Antas no Rio Grande do Sul. Em direção a São Gabriel, fizeram uma longa cavalcada com chuva intensa, falta de alimento e acampamento. Menotti passou fome e frio. Era aquecido no poncho de seu pai quando Anita já não tinha mais condições de deixá-lo quente junto ao seu peito. Garibaldi a conduziu a um acampamento, enquanto ele se direcionava junto com a tropa para outra direção. Nesta carta a personagem assina “Anita Ribeiro Garibaldi”.

Nesta primeira parte do livro, a narradora termina com uma carta de Ana para sua irmã, narrando o fato da possível viagem para Montevidéu no Uruguai. Ansiosa pelo fato de conhecer novos lugares, a personagem continua com a mesma personalidade e espírito guerreiro.

O retrato da guerreira, mulher valente e decidida evidencia-se também na obra Anita – uma heroína brasileira, e comprovada na última batalha em mar catarinense. Segundo Markun, em 1832, o almirante Henrique Boiteux descreveu a performance de Anita a bordo da nau Rio Pardo:

Quem ousaria fraquejar na tolda da Rio Pardo a valorosa Anita, de carabina em punho, desprezando a morte, batendo-se como o mais valente, emprestando valor aos que desfaleciam, animada, com as faces purpureadas, o olhar em chamas, os cabelos soltos ao vento percorrendo a bateria com febril atividade a animar a todos na defesa do estandarte, símbolo do ideal pelo qual se batiam? (MARKUN, 1999, p. 148 – apud Boiteux, p.67).

No dia 15 de novembro de 1839, findou-se a República Juliana e dez dias depois começava uma nova vida para Ana e Giuseppe. O autor descreve Anita como “tesouro” para Garibaldi e que este a levaria para onde ele fosse. A personalidade de Anita não tem muita “voz” como personagem dessa narrativa. Todas as descrições são feitas a partir das lembranças de Garibaldi em momentos propícios de ajuda e conselho por parte de quem o acompanha.

No dia 12 de dezembro de 1839, ao lado de seu marido, Anita presenciou e participou de uma guerra travada entre os imperiais e os farrapos nas margens do rio Marombas em Curitiba - SC. Nos quatro longos dias de deserções e prisões, Garibaldi não mencionou o nome de Anita, pode ser pelo fato de que sua trajetória não fora documentada e ficando assim

apenas as memórias de Garibaldi, recolhidas e escritas pela primeira vez por Alexandre Dumas, pai, em 1860 em Paris.

Henrique de Boiteux faz a descrição da presença de Anita e que efetiva o valor da personagem para o exemplo de gênero que a história deveria registrar como construção do símbolo da mulher forte e guerreira:

...Quando me foi apresentada, estava malvestida, desgrenhada, bem como com a voz embargada devido à tremenda luta e ao fato de ficar separada de seu marido; via-se que ela padecia horivelmente, tendo por tudo conquistado a minha admiração, como a de meus comandados, por nunca termos pensado ver uma mulher tão valorosa, tendo-nos enchido do maior orgulho, porque era uma catarinense, uma compatriota que dava ao mundo tão sublimes provas de valor e intrepidez... (MARKUN, 1999, p. 170, apud. BOITEUX, p. 128).

Não se sabe ao certo se Garibaldi abandonou Anita para os imperiais e estes a respeitaram e a deixaram fugir, ou ela se perdeu da tropa e os encontrou perto de Lages oito dias após a emboscada de Curitibanos:

Há muitas histórias sobre essa fuga – conflitantes, imprecisas, heróicas sempre. No rio Canoas, a 40 quilômetros de Lages, onde pernoitara com Garibaldi, Anita teria conseguido um cavalo branco. Meio montada, meia nadando, cruzou o rio e seguiu galopando pela noite escura, usando uma espécie de poncho branco do marido, que encontrara numa casa do caminho. Assim vestida e com seus cabelos negros despenteados pelo vento, acabou por espantar os que buscavam fugitivos, que a confundiram com uma aparição. (MARKUN, 1999, p. 171).

Essa cena parece próxima ao que, segundo afirma Campbell, “em nossos sonhos, os perigos, gárgulas, provas, auxiliares secretos e guias ainda são encontrados à noite; e podemos ver refletidos, em suas formas, não apenas todo o quadro da nossa presente situação, como também a indicação daquilo que devemos fazer para ser salvos”. (2007, p. 105).

No capítulo *Primeiro filho, segunda fuga*, há a descrição da retirada da tropa da cidade de Lages rumo ao passo do rio Caí, atravessando 18 quilômetros da picada do Pareci. Isto aconteceu em abril de 1840, tempo frio e chuvoso, ficaram sem comer e beber. Garibaldi conta, segundo o narrador, que muitas mulheres acompanhavam o exército e eram utilizadas para levar as cavalhadas. Com as mulheres vinham crianças de todas as idades. Estas eram chamadas de chinas. O desempenho dos homens e seus exércitos costumam ser registrado com pompa e circunstância. O narrador não menciona o destino dessas mulheres que acompanhavam seus homens.

Menotti, nome do primeiro filho de Anita e Garibaldi, já presenciou, em seus três primeiros meses de vida, uma fuga perigosa na picada das Antas. Não havia alimento e Anita foi mandada na frente juntamente com Manlio, companheiro de tropa. Garibaldi descreve a coragem de Anita:

Os dois cavalos que carregavam Anita alternadamente e a coragem sublime daquela minha companheira valorosa salvaram o que de mais caro eu tive na vida. Essa conseguiu deixar a picada e, por sorte, encontrou alguns homens com um fogo aceso, o que nem sempre se podia conseguir por causa da chuva...pegaram o menino que todos amavam, o envolveram, o aqueceram e fizeram com que voltasse à vida, quando a pobre mãe já pouco esperava daquela tenra existência. (GARIBALDI, Giuseppe, p. 75, *apud* MARKUN, 1999, p. 183).

A impossibilidade de congruência dos fatos neste momento da análise dificulta a organização em ordem cronológica e por vezes desassocia os argumentos utilizados pelos narradores em relação ao momento que Anita se separa de Garibaldi no Capão da Mortandade em Curitibanos, Santa Catarina. Na pesquisa de Rau são apontados dois possíveis encontros: um em Lages, cidade mais próxima ou em Vacaria, no Rio Grande do Sul. Zumblick já afirma que há possibilidades de Giuseppe tê-la abandonado. A. Garibaldi faz desse fato uma separação que deixaram aflitos ambos os personagens; e Markun menciona o mais provável: no meio da guerra a separação aconteceu, e dias depois Anita encontra Garibaldi em Lages.

Neste momento da história de Anita, encontramos a mulher e a personagem heroína. Mulher pela sua natureza acolhedora e paciente; e heroína pelas atitudes diante do inesperado. Segundo Campbell (1989) “esse primeiro estágio da jornada mitológica – que denominamos aqui “o chamado da aventura” – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida”.

A narrativa de Zumblick, “dialoga” com a narrativa de Rau sobre o episódio da fuga do Marombas:

o pesquisador Wolfgang L. Rau, no seu belo trabalho Anita Garibaldi – o Perfil de uma Heroína Brasileira, relata este saboroso atalho histórico que representou a curiosidade do Comandante Joaquim Teixeira Nunes ao ver de volta aquela mulher-moça que era, por onde cruzasse, um elemento de irradiar admiração. (1980, p. 58).

De acordo com Bakhtin, “toda grande obra, no processo de sua vida futura, se enriquece de novos significados, de novos sentidos, mostrando, com isso, a possibilidade de superar a si mesma, superar aquilo que foi na época de sua criação”. (2005, p. 328).

É possível perceber a admiração revelada pelos quatro narradores em relação às atitudes de uma mulher diante de situações que exigiam coragem, características não comuns para mulheres serem destacadas naquela época, tampouco ser uma personagem brasileira.

5.1.4 Vida de Anita Garibaldi com Giuseppe Garibaldi em Montevidéu, e morte na Itália

Nesta fase da vida da personagem, segundo a narrativa da obra de *Rau*, reflete em um momento de mudança. Em junho de 1841, Anita e Giuseppe chegam a Montevidéu e casam-se, em 26 de março de 1842, na Igreja de São Bernardino. Desde a chegada em Montevidéu, a vida de Anita muda em relação ao convívio em sociedade, já que obtiveram moradia fixa e filhos. A necessidade de tornar-se mãe devota a fez mudar hábitos e atitudes, como adquirir cultura e comportar-se perante pessoas da sociedade burguesa de Montevidéu.

O sentimento de dever e de disciplina reproduzia a perspectiva patriarcal em relação às mulheres bem como a seus sentimentos, dentro ou fora do matrimônio. Essa manobra não era inocente. Desde que o Concílio de Trento liberara, pelo menos teoricamente, a mulher da tirania do direito romano, uma vez que a monogamia fora definitivamente estabelecida, a indissolubilidade proclamada, os maridos proibidos de repudiar suas mulheres e relaxados os casamentos forçados, a mulher precisava ser reinscrita em um sistema de hierarquia e obediência. (DEL PRIORE, 2006, p. 29).

O narrador comenta que Anita vivia em extrema penúria, pois Garibaldi tirava a própria roupa do corpo para dar a quem precisava e não aceitava pagamento e, se os aceitasse, dividia entre os compatriotas. Por vezes, ela se zangava com as atitudes do marido, porque passava necessidades, não se vestia de acordo ou próxima às mulheres que frequentavam os lugares onde Giuseppe aparecia geralmente sozinho.

Conforme Del Priore,

Da esposa do rico comerciante ou do profissional liberal, do grande proprietário ou do alto funcionário do governo, das mulheres passa a depender também o sucesso da família, quer em manter seu elevado nível e prestígio social já existentes, quer em empurrar o status do grupo familiar mais e mais para cima. Num certo sentido, os

homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas do seu grupo de convívio. (2009, p. 229).

Os sete anos que viveram em Montevideu acrescentaram vitórias no currículo de Giuseppe e mais três filhos para o casal: Rosita (falecida em dezembro de 1845), Teresita (nascida em março de 1845) e Ricciotti (nascido em fevereiro de 1847).

Em março de 1848, Anita e seus filhos desembarcam em solo italiano, recebida pela sua sogra Rosa Raimundi e o povo que admirava os feitos de Giuseppe Garibaldi. Como descreve o narrador, foram 17 meses de vida que Anita teve na Itália.

José Garibaldi e Anita iniciam a marcha, à frente do grosso da tropa que se movia rápida mas cautelosamente. [...] Anita montava um belo cavalo zaino, vestida de Amazona em verde escuro, e trazia o chapéu calabrês com penacho do mesmo tipo que toda a coluna usava. Geralmente não seguia armada; somente à vista de perigo iminente afivelava às pressas uma espada leve de cavalaria, a mesma, aliás, que já lhe prestara serviços na América do Sul. (RAU, 1975, p. 390-391).

Giuseppe não ficara muito tempo com sua família, pois logo que chegou, dedicou-se à unificação da Itália juntamente com seus compatriotas. Entretanto, Anita dedicou parte de seu tempo aos seus filhos: “Como de outra forma não poderia ser, a vida de Anita, - casada com um homem do gabarito de um José Garibaldi, - é fortemente marcada pelas iniciativas do marido”. (RAU, 1975, p. 359).

O narrador descreve a solidão de Anita na Itália de forma a deixar-lhe mais frágil do modo que agira anteriormente em Montevideu e menos ainda no Brasil: “Eternamente apaixonada pelo marido, Anita, com ele solidária, as alegrias e os dissabores dividia por entre amplexos amorosos quando juntos na intimidade; ou os vivia, sofria e curtia à distância, quando só”. (RAU, 1975, p.359).

Mesmo assim, conforme o narrador, Anita partira ao encontro de Giuseppe e, junto a ele, seguia pela Itália, na sua luta pela unificação, fugindo de inimigos que, só de ouvirem o nome de Garibaldi, enfureciam-se.

Em junho de 1849, Anita não suporta as idas e vindas de seu marido e decide juntar-se a ele, mesmo doente e grávida o encontra em Roma:

Os fantasiosos exercícios mentais, mil vezes repetidos na solidão de seu “ego” – uma vez chegado o momento propício, capacitaram Anita para assumir prontamente seu papel de companheira ideal de um homem excepcional. Então já ao lado de José Garibaldi, vimo-la surgir mulher respeitável e capaz nas situações mais incríveis e

diversificadas; sempre em atitudes admiráveis pelo discernimento; estando, com relação a ele, perfeitamente à sua altura. (RAU, 1975, p. 36).

Nesse trecho é possível observar que o narrador começa a traduzir os pensamentos da personagem, com decisões advindas de sua personalidade.

O leitor pode ser envolvido através de uma narrativa bem feita que fora desenvolvida a partir do intuito do historiador agradar ao público, apropriando-se de ideologias sociais e criando referências em sua obra.

Acompanhando o marido, Anita veste-se como amazona, segundo a descrição do narrador: saia de seda verde escuro, que esteve em exposição em Bolonha, em 1888, chapéu de feltro negro, ornado de rica pluma da mesma cor cobria-lhe a abundante cabeleira que lhe descia pelo pescoço. (RAU, 1975, p. 400).

Em San Marino, Garibaldi pede à Anita para ficar aos cuidados dos republicanos e da família de Lorenzo Simoncini e ela, pelo contrário, dizia: “Tu queres é deixar-me!” (RAU, 1975, p. 424).

Em 31 de julho de 1841, deu-se, por fim, a primeira Legião Italiana. Muitos foram aprisionados, mortos e outros tanto fugiram, dentre eles, Anita e Giuseppe Garibaldi.

Depois de levá-la a várias casas para tentar curar-lhe da doença que trazia febre e calafrios, Giuseppe decide levar Anita até Mandriole e pedir ajuda aos amigos, pois os que o perseguiam já estavam o alcançando.

No dia 04 de agosto de 1845, às 19h45, morreu Anita Garibaldi: “Eu chorei amargamente a perda de minha Anita”, escreveu Garibaldi, “daquela que me foi companheira inseparável nas mais aventurosas circunstâncias de minha vida”. (RAU, 1975, p. 467).

Anita foi enterrada sete vezes e, que por fim, os restos mortais ficaram depositados em Roma, no monumento equestre da heroína levantado em sua honra no Piazzale Anita Garibaldi sobre o monte Gianicolo, o qual fora teatro das renhidas lutas republicanas de 1849. (RAU, 1975, p. 480).

O narrador termina sua historia elogiando: “exemplo inexcelável de bravura, de amor conjugal, de ternura maternal e de venerável resignação, dificilmente superados por outra mulher”. (RAU, 1975, p. 482).

Os muitos adjetivos e metáforas usados na obra de Zumblick agregam à narrativa características distintas das dos demais autores. No capítulo X, intitulado: “Montevideú, o trampolim para a Itália”, tem seu diferencial, logo no início:

Ali, investia de lança em riste contra imaginários moinhos de vento plantados pelos curvilíneos desenhos das coxilhas sem fim do panorama uruguaio. Depois, num outro cenário, este da própria Itália, surgem os mesmos moinhos de sonho. Por lá estará, é certo, feito um novo Dom Quixote, lavando honras alheias e encampando brigas que não eram diretamente suas! Assim, ou quase assim transcorreu a longa caminhada dos Garibaldi à procura de novas aventuras. (ZUMBLICK, 1980, p. 64).

A intertextualidade e o diálogo entre os personagens da obra de Zumblick e de Miguel de Cervantes são apropriados neste contexto histórico: Giuseppe, um italiano que não se contenta com uma vida medíocre e sem aventuras, procura por mar ou por terra atos heroicos que promovam sua coragem e audácia. De outro lado, Dom Quixote, que da mesma forma, enfrenta desafios, busca em seu mundo ideal, razões para tornar-se um herói. Sem dúvida, o que difere os personagens é a veracidade dos fatos da vida de Giuseppe Garibaldi e do personagem de Miguel de Cervantes.

A verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está na interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. O mundo em que vivemos fala de diversas maneiras, e essas vozes formam o cenário em que interagem a ambiguidade e a contradição. (BAKHTIN, 2005, p. 325).

Em relação à Anita, o narrador se detém no cotidiano pobre e sem perspectivas na capital do Uruguai: “a mulher-soldado que viera do Brasil, despontava meia a medo, mas com certo destaque, a mulher de sociedade que a capital uruguaiana a reconhecia como a “heroína brasileira”. Vivia, é verdade, pobremente num lar onde, muita vez, faltava azeite para alimentar uma simples lamparina da mais modesta iluminação”.(ZUMBLICK, 1980, p. 67).

Outra afirmação do narrador são as relações que Garibaldi assume na sociedade, tanto com os homens e principalmente com outras mulheres que o cercam: “enquanto Garibaldi despertava a atenção das damas que mariposeavam à sua volta, feito um autêntico galanteador, bem vestido e melhor falante, ela não possuía roupas com que decentemente, pudesse assistir às reuniões para as quais era convidada”. (ZUMBLICK, 1980, p. 68).

De acordo com a narrativa, o casamento aconteceu para conceder uma vontade de Anita e amenizar as exigências dela: “Se de Anita, o seu casamento foi recebido com muita satisfação pelas pessoas da sua amizade, a Garibaldi representou, sem dúvidas, uma concessão que ele fizera desejando unicamente satisfazer aos desejos da sua já agora esposa”. (ZUMBLICK, 1980, p. 69).

O narrador menciona que Anita teve outros filhos, entretanto, não os nomeia e nem comenta a morte de Rosita, aos dois anos de idade.

Antes de Anita partir para Itália, o narrador faz uma nova intervenção à afirmativa não contestada de outros autores/narradores: “Mas, o ímã que era Garibaldi atraiu finalmente a esposa para seu lado, para o lado dos combates, dos entreveros, da morte”. (ZUMBLICK, 1980, p. 73). Assim, Zumblick afirma que Anita apenas sofreu e teve muito azar em conviver com Garibaldi.

No último capítulo da narrativa de vida de Anita intitulado: “Morre uma heroína, viverá a sua história”, o narrador conta a viagem de navio até a Itália. Uma festiva recepção e um povo satisfeito esperavam Anita, a Itália saudava a esposa de Garibaldi. Como afirma Del Priore, “É bom lembrar que nesse período o casamento constitui para os pais e a família uma avaliação pública de sua posição e, também, um meio de melhorá-la”. (2006, p. 172).

Quando Garibaldi chega à Itália, Anita retoma sua incansável caminhada ao lado do marido: Roma, San Marino, terras de Piemonte, mar Adriático, Magnavacca, Lago Comacchio e finalmente à vila de Mandriole. Nestes trajetos, Anita já apresentava sintomas da doença que a mataria em poucos dias. Zumblick descreve a morte de Anita de forma heróica e bíblica:

Morria aos poucos aquela mulher mártir que, até hoje ainda não recebeu perdão...[Era a Aninha do Bentão, a Anita Garibaldi que iniciava o seu caminho para o país dos espíritos, para o reino dos glorificados, cujo roteiro áspero e ingrato foi vencido com dores, com desenganos, com canseiras e decepções. (ZUMBLICK, 1980, p. 81).

Fatos apresentados pelo narrador depois da morte de Anita deixam dúvidas em relação ao desfecho da personagem heroica Anita Garibaldi: ela foi enterrada às pressas, pois os homens que se responsabilizaram pelo corpo eram perseguidos pelos austríacos.

Quanto à precariedade ocorrida nos atos do enterro, poderá ser a mesma quase justificada por dois fatos diferentes. É que os improvisados coveiros temiam, e muito acertadamente, represálias austríacas já que, envolvidos no ato estavam Garibaldi e seus seguidores. Depois, porque o próprio marido de Anita havia, ao abandonar o corpo da esposa, prometido de público, que volveria à Mandriole, ocasião quando seria, erguido um jazigo digno de sua mulher. (ZUMBLICK, 1980, p. 89).

Outro motivo também era que Garibaldi logo viria buscar os restos mortais para um enterro digno. Porém, laudos médicos da época afirmaram morte por estrangulamento: olhos esbugalhados, língua pendente e sinais de violência ao redor do pescoço. É possível que essas marcas tenham ficado, devido ao estado de putrefação que o corpo foi encontrado.

De acordo com registros, Anita foi enterrada sete vezes, sendo o último túmulo o monumento no Monte Gianicolo, em Roma.

Na obra *A mulher do general*, a segunda parte da narrativa começa em junho de 1841, em Montevideu, Uruguai. A vida para ambos iniciou-se de maneira nada parecida com a que tinham no Brasil. Apesar de futuramente Garibaldi ser reconhecido como herói de Dois Mundos, a princípio, para sustentar-se dava aula de matemática e trabalhava como contador no porto. Já para Anita:

Por outro lado, começava para Anita o período de vida em que mais se evidencia seu papel de mulher e mãe. Casou-se com seu José em março de 1842 e nos anos seguintes teve mais três filhos, que a ocuparam cada vez mais intensamente. Seu constante estado de gravidez, associado a outros fatores, impediu-lhe uma participação ativa na guerra, que, pelo contrário, ocupou quase inteiramente o seu marido. (GARIBALDI, 1989, p. 92, 93).

Na primeira carta que Anita escreve, já em Montevideu, para sua irmã, há um desabafo, pois as condições em que chegaram os desmotivaram: sem dinheiro, sem gado, e praticamente sem onde morar.

Mal chegamos em Montevideu, descobrimos que aqui os animais vivos, mesmo que desnutridos, são vendidos a preços altíssimos, por causa da dificuldade de abastecimento da cidade, e que as peles não valem quase nada. Terminaram assim as nossas ilusões... (GARIBALDI, 1989, p. 94).

Amigos os ajudaram, e começaram a refazer sua vida em um país que não conheciam praticamente ninguém e as dificuldades financeiras eram graves. A personagem toma algumas decisões, porém, Garibaldi revela características que Anita desconhecia:

Um dia tive uma ideia de aumentar nossos rendimentos costurando ou fazendo algum outro trabalhinho para fora, como a mamãe. Achei que era uma ótima ideia, mas quando José ficou sabendo, ficou louco da vida e saiu de casa batendo a porta. Assim, caíram por terra as suas belas teorias francesas sobre igualdade entre homens e mulheres, de que ele falava com tanto gosto. (GARIBALDI, 1989, p.35).

Conforme Perrot, a efetividade do comportamento de Garibaldi pode ser justificada, na medida em que

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. “Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”, declara um delegado dos operários da exposição mundial de 1867. (2005, p. 178).

Um fato interessante que a personagem narra na carta de janeiro de 1842 é o ciúme efetivo de Garibaldi. Não a deixa tirar fotografias, porque ela irá expor-se ao fotógrafo. Ao contrário dele, que já possuía quatro retratos pelas paredes e se mostrava vaidoso perante a sociedade. Na carta do dia 27 de março de 1842, a personagem narra a sua irmã seu casamento e a justificativa é que, se Garibaldi voltasse para Itália, deveria apresentar uma união legítima para sua mãe, pois ela era idosa e fervorosa cristã. A personagem revela como se deu a urgência para o casamento perante a sociedade que a esperava:

Aprendi por experiência própria como as pessoas são cruéis e como, aos olhos da sociedade, os papéis são mais importantes do que os sentimentos. Algumas semanas atrás, enquanto eu ainda estava indecisa, chegaram os nossos primos de Lages e nos contaram o encontro que tiveram com um sobrevivente do massacre do Moringue. Ele tinha visto com seus próprios olhos a morte de um homem, nas mãos do “degolador”. E esse homem, segundo ele, era o Manuel. Não entendi muito bem como isso era possível, mas o testemunho parecia seguro. (GARIBALDI, 1989, p. 101).

No segundo capítulo da segunda parte, o narrador mostra as transformações evidentes que ocorreriam com a chegada de Garibaldi em terra de guerrilha.

Aconteceram discussões em seu retorno a Montevidéu, o que motivou a reconciliação e outra gravidez: nasce em novembro de 1843, Rosita. O seu marido, cada vez mais famoso, e ela, infeliz e distante. Apesar disso, aceita seu papel de mãe e esposa. Poucos meses depois do nascimento da segunda filha, percebe que está novamente grávida.

Essa passagem confirma o que, segundo Perrot, “o século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: a Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro”. (1988, p. 189).

Os envolvimento de Giuseppe com guerrilheiros e suas ausências provocaram dúvidas em Anita, que recebera informações sobre amizades femininas de Giuseppe e boatos que envolveram uma bela e rica filha de um proprietário de terras onde ele se hospedara.

Na carta de janeiro de 1843, a personagem está em conflito com a vida que estava tendo: já não havia mais lutas, viagens inesperadas e inusitadas, enfim, as aventuras que a deixavam mais presente na vida de Giuseppe.

Verifica-se que há mais de um narrador nesta carta:

...as emboscadas de que tinham escapado, até que José foi forçado a se deter por cerca de dois meses, à espera de outras ordens, nas vizinhanças de Santa Lucia de lo Santo. Lá ficou hospedado na luxuosa estância de Dom Esteche, rico proprietário de terras, que tinha uma filha, ao que parece muito atraente. Imagine se o José ia resistir...Percebi que a voz de Antonia voltou a hesitar, mas eu a obriguei a continuar e acabei sabendo de tudo. Imagine que eles se amavam abertamente, sem a mínima vergonha! O escândalo se tornara ainda maior quando Lucia, sem nenhum constrangimento, espalhou o boato que estava grávida de José. Dizia-se muito feliz e orgulhosa com isso. (GARIBALDI, 1989, p.109).

Ana Maria fica sabendo que Garibaldi e esta mulher tiveram um relacionamento amoroso abertamente perante as pessoas, o que a deixou envergonhada e provocou enorme escândalo em Montevideu. Giuseppe passou o Natal distante da família e com Lucia, para a infelicidade de Ana, que se submeteu a essa situação por amor, tanto a Garibaldi quanto aos seus filhos. Del Priore afirma que

Não havia alternativa à esposa senão estar, segundo um padre confessor, sujeita ao marido, reverenciando-o, querendo-o, cobrindo-o de vontades e, com sua virtude, exemplo e paciência, ganhando-o para Deus. Os afetos conjugais idealizados pela Igreja entreteciam-se em um misto de dependência e sujeição, traduzindo-se em uma vida de confinamento e recato que atendia ao interesse tanto da Igreja, quanto da mentalidade dos maridos. (2006, p. 29).

Durante essa parte da narrativa, diferentemente das outras obras em análise, há um relato de Anita em relação a sua situação de mulher traída, magoada e diante da afirmação de Garibaldi ter tido um caso e uma filha chamada Margarita Garibaldi.

Achava que eu existia num mundo exclusivo, feito especialmente para nós, e tinha a ilusão de que esta nossa união tão perfeita poderia durar bastante. Como foi difícil quando acordei, Felicidade! Agora, em compensação, talvez às vezes eu tenha dúvidas sem nenhuma razão. No entanto, todos sabem que a Lucia Esteche tem uma filha chamada Margarita Garibaldi. (GARIBALDI, 1989, p. 133).

Observa-se que a personagem usa a palavra “cadela” (GARIBALDI, 1989, p. 113) na carta enviada para seu tio Antônio, quando menciona sua “rival” e expressa sua raiva e mágoa diante do que irá enfrentar, pois também espera outro filho de Giuseppe.

Nesta; Anita fala dos preparativos para a guerra e o quanto Giuseppe é bondoso em relação aos seus subalternos, pois divide o dinheiro e as cestas de alimentação com todos que pode ajudar. Ela relata que não tem nem dinheiro para comer, comprar velas e que, quando jantam, fazem isso no escuro.

[...] o vinho, bebida quase exclusivamente masculina, os melhores pedaços de carne, e para os filhos o leite e o açúcar. Solteira ou casada, a mulher do século XIX é uma subnutrida crônica. E na média sua despesa com roupas é menor que a do marido, ela, que dizem frívola! Administrar a miséria, é, antes de tudo, sacrificar-se. Apesar disso, é também a base do poder das donas-de-casa, o fundamento de suas intervenções, muitas vezes estrepitosas, na cidade. (PERROT, 2005, p. 192).

No capítulo III, intitulado “A mulher dona de casa” a narradora fala do cerco a Montevidéu, as incertezas e pressões do governo entre 1845 e 1846. Há intertextualidade com a citação da tomada de Tróia e a participação evidente da bela Helena. Garibaldi atuou na guerra pela libertação de sua terra italiana e pouco aparecia em casa. No mesmo ano, Terezita nasceu, Rosita morreu e Anita engravidou outra vez, depois de alguns meses.

Na carta que manda para sua irmã, a personagem Anita fala como se sente em relação a sua eterna função de mãe e mulher:

Estou começando a me sentir como aquelas gatas eternamente grávidas que passeiam pelas vielas do porto... Fico me perguntando se algum dia vou me sentir ágil e forte, ao invés de ficar me arrastando pela casa com esta barrigona, entre roupas sujas e sopas de feijão. Minha irmã, o que não se faz por amor! (GARIBALDI, 1989, p.127).

Foram meses observando seu marido e outras mulheres. Como ele ficara famoso, a cobiça aumentara, entretanto, Giuseppe garantia à Anita que as outras eram passageiras e que não a trocava por nenhuma. A companheira viveu ao lado de seu marido adúltero confesso. Segundo Del Priore, “durante o século XIX, continuavam sem punição as infidelidades descontínuas e transitórias por parte dos homens casados, bem como se toleravam concubinatos de escravas com seus senhores”. (2010, p. 67).

Garibaldi assemelha-se aos senhores feudais que centralizavam o poder, manipulando servos, mulheres, enfim, quem o cercava. Aplicavam leis e dominavam o que achavam que lhes era de direito.

No capítulo IV, é narrado o nascimento do quarto filho do casal Garibaldi, em fevereiro de 1847. No fim deste mesmo ano, Anita e seus quatro filhos partem para Itália, para a nova vida que Giuseppe prometera a sua família.

A bordo do navio Carolina em janeiro de 1848, a personagem Ana Maria escreve, pela primeira vez, uma carta para sua mãe. Nesta, ela conta o quanto terá saudades de sua terra, de que gostaria que seus filhos conhecessem a avó, e que sua partida antecipada a de José era para aproveitar a ida da maioria das mulheres de compatriotas italianos que mudaram de vida após o começo da luta pela libertação da Itália.

Quantas imagens queridas, quantas emoções diferentes! Tenho que lhe dizer que, cercada como estou pelos meus filhos, penso muito na senhora, com sentimentos muito diferentes dos que tinha em Laguna. [... Querida mamãe, sei que não posso enviar esta carta antes de chegar à Itália. Mas quis lhe escrever agora, enquanto estamos passando perto do nosso litoral, receio que pela última vez. (GARIBALDI, 1989, p. 143).

Escreveu durante a viagem mais duas cartas endereçadas a sua irmã e outra a seu tio Antônio, cada uma com suas particularidades. A primeira, contando mais novidades emotivas, como a morte de sua filha e o nascimento de Ricciotti.

Querida irmã, depois de três dias de agonia, para ela e para mim, que assistia a tudo sem poder fazer nada, Rosita morreu nos meus braços. De repente, seu corpinho magro ficou inerte, e lá estava ela com a boquinha aberta e os olhos parados. Fiquei ali, gelada, incapaz de raciocinar, embalando-a até que os vizinhos, chamados pelo Menotti, vieram tirá-la de mim. (GARIBALDI, 1989, p. 145).

A segunda em relação aos motivos de sua ida à Itália e de quanto Giuseppe ficou importante e famoso nos lugares por onde passou, e em resultado disso, a necessidade de seus compatriotas tê-lo por perto na Itália para ajudar na luta pela libertação de seu povo.

Emílio Dandolo, na obra de Alexandre Dumas, descreve o herói italiano:

De uma simplicidade patriarcal – que, de tão grande, poderia soar falsa –, Garibaldi mais se assemelha ao chefe de uma tribo que a um general. Porém, quando o perigo é iminente ou declarado, sua coragem e sua visão fazem-se verdadeiramente admiráveis. (DUMAS, 2002, p. 286).

No “Ano das revoluções”, capítulo V, a autora narra a chegada de Anita à Itália e a recepção calorosa que recebeu: “Viva a família Garibaldi! Viva Garibaldi!” (GARIBALDI, 1989, p. 159). Rosa Raimundi, sogra da personagem, recebeu-a em Nice. No dia 21 de junho de 1848, desembarca Giuseppe em Nice, em meio a grandes festejos e a uma promessa de destino para ambos:

Restavam-lhe duas possibilidades: a virtual separação de seu marido e de todo aquele mundo revolucionário que o envolvia, permanecendo ela na casa da sogra, ou a tentativa de recomeçar na Itália um momento mágico de suas vidas, a experiência da Guerra dos Farrapos, vivida junto com ele oito anos antes, quando os ideais comuns eram mais fortes do que as batalhas e a morte. (GARIBALDI, 1989, p. 160).

Nos capítulos VI e VII, a personagem Anita resolve aliar-se às tropas de Giuseppe e lutar ao lado dele, pela causa que tanto os italianos sonhavam. Pelas descrições nas cartas que a personagem mandava à sua irmã, é possível perceber que Giuseppe ficava inseguro e pouco tranquilo com a presença de Anita, pois era perigoso e incomum para os homens da época. Fica a ideia de que a vaidade de Garibaldi deixava-o reticente ou inseguro diante do comportamento e da personalidade de Anita. Pode-se entender que tinha receio de que ela se despontasse em seu contexto.

Rau, em uma breve análise da personalidade de Anita, afirma que:

A mulher carecendo de proteção, normalmente é destinada a ter uma vida nem perigosa nem acidentada; e levando em consideração a estrutura de seu organismo e as necessidades fisiológicas do seu sexo, geralmente não participa na sociedade humana dos exaustivos trabalhos físicos nem de atividades guerreiras de corpo-a-corpo; pelo menos assim o era até o raiar deste século. (1975, p.11).

No último capítulo, intitulado “Um vestido de seda para Anita”, a personagem narra a terceira guerra em dez anos que passou ao lado de Giuseppe, além disso, grávida de cinco meses, auxilia-o em curativos para os enfermos, recolhendo corpos e participando de planejamentos estratégicos de fuga.

A última carta é escrita pela personagem com uma linguagem de despedida e cansaço, pelas perdas nas batalhas que se seguiram. Anita já não consegue mais cavalgar com vigor como nos primeiros tempos ao lado de Garibaldi.

Antes da morte, Anita se despede de Giuseppe, falando que decidiu juntar-se a ele nesta última batalha por medo de ficar para trás e nunca mais vê-lo e que, apesar dos filhos, não poderia deixá-lo partir sem ela. Mesmo doente, queria morrer ao lado dele:

Estou cansada. Agora só quero me abandonar nos seus braços, como aquela noite, há muito tempo, quando por milagre você estava perto de mim e estávamos sozinhos. Sozinhos e incrivelmente felizes. Abrace-me, esconda o meu rosto nos seus ombros, sinto que estou morrendo... (GARIBALDI, 1989, p. 206)

Na obra de A. Garibaldi, o tom lírico-amoroso predomina nas linhas da narrativa. É um romance romântico e tem como personagens principais o casal Garibaldi: Anita e Giuseppe. A linguagem simples e romântica revela uma obra *in memoriam*, uma forma de revelar os segredos pessoais e singelos de Anita, não como uma heroína ou guerreira, mas como personagem mulher que se apaixona por um desbravador, sonho de uma adolescente inconformada com sua vida monótona e pacata do interior de Santa Catarina.

A personalidade da personagem a auxilia na construção de sua identidade única nesta obra: corajosa e audaciosa. Não há mudanças bruscas em suas atitudes e o que se espera dela não a compromete diante de suas decisões. O narrador onisciente a toma como a própria personagem, como se fosse primeira pessoa: a aproxima em forma de cartas e a distancia quando são narrados os fatos históricos para situar o leitor diante das decisões que a personagem irá tomar e o destino que se tornará verídico.

Paulo Markun narra esta parte da obra de forma objetiva e clara para uma mulher daquela época: “No momento em que chegou a Montevideú, a vida de Anita deu uma guinada: deixou de ser uma guerrilheira, assumindo o papel de mãe e mulher em tempo integral.” (MARKUN, 1999, p. 187). A narrativa tem um rumo mais descritivo do cenário uruguaio. As casas de Montevideú, as festas típicas da região, os costumes parecidos com o do povo sulino brasileiro, a aproximação da convivência de Anita com outras mulheres de sua época.

A personagem Anita começa a assumir o papel que iniciara em Laguna, Santa Catarina: o de dona de casa, mãe e mulher à espera do marido. Uma espera, às vezes demorada e frustrada, por não ser reconhecida e admirada como deveria, pois acompanhara Garibaldi valentemente em sua trajetória nem sempre heroica, mas repleta de atos corajosos e involuntários.

Nesse momento da narrativa, percebem-se sutis mudanças na personalidade de Anita. Poderia justificar-se pelo fato de tornar-se mãe de três filhos, e provável que qualquer mulher se adaptaria com a realidade em que é submetida. Têm-se os seguintes dados: Rosita nasceu em 11 de novembro de 1843 e morreu em 23 de dezembro de 1845 de difteria; Terezita em 22 de março de 1845 e Ricciotti em 24 de fevereiro de 1847.

Cronologicamente, Anita e Garibaldi chegam a Montevidéu no dia 21 de maio de 1841. Minotti tinha oito meses e a casa em que morariam se tornaria para Anita uma prisão domiciliar. A rua era graciosa como a comparação de Adolphe Delacour fez: *25 de Mayo, a rua da Elegância*. Markun (p. 201) a descreve: “Por fora, com seus dois pavimentos e suas janelas pequenas e gradeadas, parece menor do que é: num terreno de 9m de largura e 28m de profundidade, tem mais de 400 metros quadrados de área construída.”

De acordo com o narrador, no dia 26 de março de 1842, a brasileira Ana Maria de Jesus Ribeiro e o italiano Giuseppe Garibaldi se casaram na Igreja de São Francisco de Assis. Segundo o narrador, Anita nunca se integrou plenamente na sociedade local, seja pela sua humildade, simplicidade, dificuldade da língua ou falta de dinheiro.

Tudo, enfim, contribui para distanciar Anita do convívio com outros de seu tempo e colocá-la à margem, nas linhas periféricas do contexto social. Anita parece estar vaticinada ou ‘acostumada’ apenas a conviver com e entre os guerrilheiros/combatentes/rebeldes, contexto este em que Garibaldi dominava e se insurgia como líder.

Em tempos difíceis, Anita costurava uniformes, como todas as mulheres da cidade: as mais ricas, contratavam serviços de terceiras. Garibaldi contava com a ração de soldado: pão, arroz, feijão, favas, lentilhas, banha e não incluía velas, o que muitas vezes deixava a família no escuro.

Grande parte da narrativa em Montevidéu é descrita por fatos heroicos e guerras travadas em terra e mar estrangeiros. Garibaldi presta seus serviços para o povo uruguaio, mas tem sempre em mente a Itália. Em agosto de 1846, Giuseppe pede demissão do cargo. Mudanças históricas estão acontecendo na Itália e Garibaldi quer participar das revoluções.

No dia 27 de dezembro de 1847, junto com outras seis famílias de oficiais, Anita e os filhos embarcam num veleiro com destino a Gênova. O narrador não descreve a chegada de Anita na Itália, mas conta detalhes dos fatos históricos que estavam acontecendo naquele momento, como: a morte do papa Gregório XVI e a substituição por Pio IX, o Congresso de Viena e a Restauração, as ideias incendiárias de Giuseppe Mazzini, entre outros.

Garibaldi partira de Montevideu no dia 15 de março de 1848 e chegara em Nice em 21 de junho de 1848. A chegada de Garibaldi era aguardada com expectativa, não só pelo povo de Nizze, mas por Anita também, pois já era nítido o confronto íntimo com sua sogra, Rosa Raimondi: a diferença de idade, a criação e a língua e principalmente o estado civil de Anita as separavam.

Depois de muitas traições e constatações não muito agradáveis pelos homens de Garibaldi, no dia 26 de setembro, a polícia de Nice comunica a ida de Garibaldi para Gênova e Anita, ao seu lado: Teresita e Ricciotti ficaram com a família Deidery e Menotti estava no Real Colégio de Racconigi. Começa então uma nova revolução.

Nesta altura da narrativa, os acontecimentos históricos das mudanças na Itália são descritas de forma concisa. Personagens, lugares e situações são narrados em ordem cronológica e com passagens citadas por generais, artistas e políticos da época.

Giuseppe saiu para a revolução sem Anita, mas, em 6 de junho de 1849, ela o alcançara em Villa Spada, Roma. Franceses e austríacos os perseguiram. Por sugestão de Mazzini, Garibaldi foi nomeado comandante-em-chefe do derrotado exército romano. Anita resistiu aos argumentos do marido, que pretendia que ela permanecesse em Roma:

A minha boa Anita, ofendida com as minhas recomendações para que ficasse, tinha decidido acompanhar-me. As observações que fiz sobre a vida cheia de perigos e incômodos, em meio a tantos inimigos, eram mais um estímulo para aquela mulher corajosa; e em vão lembrei que ela estava grávida. Na primeira casa que encontrou, pediu a uma senhora que lhe cortasse os cabelos, vestiu-se de homem e montou num cavalo. (MARKUN, 1999, p. 313).

No capítulo *Morte em Mandriole*, o autor descreve a incansável fuga de Garibaldi, sua tropa que, a cada cidade, se reduzira e a angústia de Anita, pois esta ficava cada vez mais debilitada. Passavam de casa em casa, vilarejos e comércios, escondendo-se e recuperando forças para continuar sua fuga. A descrição dos moradores e a prontidão para ajudar àquele que um dia traria a liberdade para a Itália, demonstraram a importância histórica de Garibaldi. Sabiam que Anita era sua esposa, e era clara a prontidão para auxiliar “a mulher do general”.

A descrição romântica da agonia de Anita fica evidente no seguinte relato:

“... Anita pede água, num fio de voz. Não há o que beber... Anita parece sorrir e tenta conter os gemidos. Com um lenço de seda, Garibaldi tira a espuma que aparece no canto de sua boca...” (MARKUN, 1999, p.343).

No dia 4 de agosto de 1849, às 19h45, morre Ana Maria de Jesus Ribeiro, chamada por Garibaldi: Anita. O narrador encerra sua história com tom romântico, poético: “Nessa época do ano, estrelas cadentes são comuns em Ravenna. Entre o povo da região, muitos juram que, na exata hora da morte de Anita, um bólido imenso, cor de sangue, percorreu o céu e mergulhou no mar”. (MARKUN, 1999, p. 345).

Nesta última parte da análise, as palavras de Bakhtin iniciam essa conclusão:

A fórmula geral da atitude esteticamente produtiva do autor frente ao seu herói é a de uma intensa extraposição do autor em relação a todos os momentos que constituem o herói; é uma colocação de fora, espacial e temporalmente falando, dos valores e do sentido, que permite armar a totalidade do herói. (2005, p. 110).

A permissão de narrar a vida de personagem que se tornou heroína brasileira, pode se caracterizar como um desafio para quem a faz. Enquanto Rau e Markun procuram deter-se em prováveis fatos históricos para expor a trajetória de vida de Anita Garibaldi; Zumblick e A. Garibaldi a descrevem como mulher que alcançou a notoriedade sem intenção de ser.

Os primeiros narradores sinalizam certa objetividade e procuram envolver poucos sentimentos, não deixando, é evidente, transparecer o envolvimento emocional ao contá-los. Os segundos já adentram em suas narrativas de modo. Transparecendo seus sentimentos acerca do que colocam em cana. Zumblick procura seus argumentos em alicerces históricos, mas desliza nesse processo porque, provavelmente, por ser conterrâneo de Anita, acaba deixando se influenciar pelas particularidades que ouvira na região onde a personagem, supostamente, nascera.

Já A. Garibaldi leva para a narrativa dois fatores: ser parte da biografia Garibaldina e ter visão feminina dos fatos. Esses podem não completar-se, mas é possível a comunhão lógica da apresentação dos momentos que levaram Anita a se tornar heroína de dois mundos.

Quanto ao fato de viver em Montevideu, nas quatro obras, fica evidente a transformação de Anita em dona de casa, mulher de Garibaldi e mãe de três filhos. Dedicção exclusiva para tornar-se o exemplo que a sociedade da época exigia e que historicamente era o mais adequado para uma mulher do século XIX.

Markun foi um dos narradores que narrou pouco a inquietude de Anita perante esse momento e que a deixava infeliz: não poder acompanhar seu marido em aventuras que decidiu “abraçar” como causa para sua vida.

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser mais do que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de prometer”. (CAMPBELL, 1989, p. 117).

Embora Anita fora para a Itália, a princípio contra vontade, iniciou-se para a personagem a consolidação de sua personalidade perante àqueles que acompanharam os fatos históricos após sua morte. Sem dúvida, é de conhecimento que heróis e personalidades se consagram após a morte, o que não deixou de ser para Ana Maria de Jesus Ribeiro, conhecida então por Anita Garibaldi, ora mulher do General Giuseppe Garibaldi, ora heroína de dois mundos.

5.1.5 Anita Garibaldi: mulher heroína

Faz-se instigante deparar-se com uma figura simples e ao mesmo tempo, enigmática. Possivelmente, no decorrer das narrativas criadas e ouvidas por muitos, poderá ser dito que Ana Maria de Jesus Ribeiro já desafiava os preconceitos e as regras conservadoras de sua época. Pouco se observou mulher igual em diferentes passagens da história brasileira.

Anita, como Giuseppe Garibaldi a chamara, carregava consigo a personalidade da mulher que não se contenta com o simples fato de sua existência criada nos moldes de uma sociedade machista e extremamente religiosa. Religiosidade esta, que mais culpava e condenava do que realmente deveria produzir em relação aos devotos sagrados.

Parte-se do princípio da construção de uma personalidade forte que nasce em um corpo pré-condenado a ser servil e passivo de questionamentos: a mulher. Segundo Simone de Beauvoir (1949, p. 9), ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

A princípio, não dominando a força interior que a move, a mulher vive uma inconsciente busca pela sua independência. Pode não perceber, mas a sociedade impõe certos afazeres que ela não questiona, apenas assume, fazendo, que mesmo assim, sua coragem ajude a encarar algo que ela, muitas vezes, não quer para si. Entende-se que estas considerações advêm dos pressupostos, nos quais, em muitas culturas, a mulher já ocupa uma posição diferente do século XIX, quando caberia a ela a obrigação de ser amorosa, mãe, mulher, serviçal e amante. Não interessava a ninguém, nem a ela própria, em certas ocasiões, o que estava querendo ou sentindo.

O comportamento inadequado gerava desconforto e, conseqüentemente, a exclusão e o isolamento seriam castigos previsíveis para quem rebelasse seu lado autêntico e, porque não dizer, humano.

Uma tal concepção entre homens e mulheres teve por consequência a coexistência de dois tipos de conduta sexual: uma conjugal, com única finalidade de procriação. Outra, extranconjugal, caracterizada pela paixão amorosa e pela busca do prazer. A mulher era duramente tratada pelo homem, que a considerava um ser inferior, mais frágil, mais fraco. Amá-las? Só fisicamente. E, de preferência, fora do casamento. Matrimônios, por seu turno, só os bem pensados em termos de bens. Casamento bom era casamento racional. (DEL PRIORE, 2006, p. 107).

Anita Garibaldi mantinha em segredo uma mulher forte e diferente de todas as outras que conhecia e convivia. Seria de mau agrado revelar personalidade tão independente em uma sociedade politicamente correta. Entretanto, correta para aqueles que impunham o que era ser correto.

Outro ponto importante na construção da personalidade feminina é a concepção que o homem e a mulher têm em relação ao amor. Por mais que o homem se entregue a uma paixão, ele quer anexar a mulher em sua vida, de maneira que a possua como parte de aquisição e permanência. Diferentemente, a mulher entrega-se a tal ponto que esse amor é sua própria vida. Del Priore afirma que “o homem nascera para mandar, conquistar, realizar. A mulher, por sua vez, nascera para agradar, ser mãe e desenvolver certo pudor natural”. (2006, p. 122).

O verdadeiro amor para uma mulher torna-se uma religião. Ela é devota, sacrifica-se e reverencia seu amado. Radicalmente supera qualquer situação e se mostra de coragem tamanha para justificar sua permanência ao lado de quem escolheu ou a escolheu, pois para haver tamanha cumplicidade, é preciso que existam correspondência e fidelidade ao sentimento.

Momentos de solidão e pensamentos perdidos, detalhados na obra de Wolfgang Ludwig Rau (1975), ilustram quem era essa mulher apaixonada: ela adquirira nova consciência do seu valor, achando-se elevada aos seus próprios olhos, através de um amor isento de qualquer cálculo ou interesse. Começa a vida de novo, ou melhor, começa a viver plenamente. “Considera-se integrante agora, de um mundo diferente daquele em que cresceu e viveu, um mundo novo em que, pela espontaneidade dos sentimentos, pela sinceridade das atitudes, pela coragem das resoluções pode afirmar-se a si mesma”. (RAU, 1975, p. 134).

Desafiar a sociedade e a família foi o primeiro ato de coragem de Anita. Muitos afirmam que ela abandonou seu primeiro marido Manoel Duarte de Aguiar, mas pesquisadores, como Rau, relatam diferentes circunstâncias para esse suposto abandono. Há questionamentos de quem abandonou quem, pois Manoel Duarte era marítimo, soube-se que ele poderia estar morto no navio de Garibaldi, devido à guerra. Outros, que ele havia se juntado às tropas e desaparecido. Disseram depois que ele fugiu envergonhado e ninguém soube notícias dele.

Enfim, boatos e relatos verídicos existem, mas uma certeza se tem: Anita parece não ser mulher de ficar com um homem, apenas por conveniência, ela sempre esperou Guiseppe e junto com ele sua liberdade.

Anita Garibaldi não parece ser uma página na história de Guiseppe Garibaldi, nas lutas travadas no Sul do Brasil, Montevidéu ou na Itália: ela é o retrato de uma mulher que nasceu para viver além de seu tempo e do tempo de outras mulheres que conviviam com a sua personalidade marcante e indiferente aos boatos e comentários invejosos.

Indiferente, também às pontuações feitas pela sociedade de homens cujo valor de uma mulher se detém em alimentá-los e reverenciá-los e em consequência a tudo obter sempre sua aprovação. Expressa assim Rau (1975) contra convencionalismos e convenções sociais, - cuja necessidade de existirem como elementos disciplinadores da sociedade, reconhecemos até certo ponto como perfeitamente legítima, - opomos nossa opinião de que personalidades excepcionais têm direito de viverem a sua vida diferentemente. As naturezas geniais, eficientes, obcecadas por uma ideia fixa, vivem num clima espiritual diferente do da média dos indivíduos normais.

Percebe-se então a personagem significativa, por hora analisada de Anita Garibaldi. Seu perfil como heroína brasileira tem muito a ser explorada, pois não se evidencia apenas seus atos enquanto mulher de Giuseppe Garibaldi é preciso ir mais além. Conhecer e

comparar sua relação mulher e mito é mais complexo do que seu papel histórico que ainda não foi totalmente reconhecido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na relação entre a História e a Literatura, percebe-se que, ao analisar somente a primeira, as perspectivas e fundamentos têm apresentação eurocêntrica e elitista, ocultando as faces dominadas, vencidas e excluídas, dando margem assim para a inserção literária. No caso da Literatura, há uma extrema dificuldade de contextualização e fluxo de leitura quando não a acrescentamos à face histórica.

Nesta pesquisa, destacou-se a relevância histórica e mitológica da mulher retrata o quanto a humanidade procura respostas para suas perguntas mais íntimas e que, por vezes, desconhecidas de seus propósitos iniciais, deixam de apontar a importância da figura feminina para a construção de identidades e a significação do gênero.

Ao analisar o contexto histórico e sua relação com a construção do gênero, fez-se necessária a caracterização do objeto: Anita Garibaldi, *persona*/personagem: sua representação nas obras de Rau, Zumblick, Markun e Annita Garibaldi, analisada sob aspectos teóricos, comportamentais e literários, sendo que, nessas quatro obras analisadas, a mulher confundia-se com a personagem heroína.

A linguagem e a intertextualidade presentes nas narrativas auxiliaram e justificaram a construção do mito Anita Garibaldi, pois quando a *persona* se estabelecia com determinada atitude ou decisão, encontrava-se então a personagem ganhando vida mitológica e poderes não naturais para uma mulher.

A análise da representação de Anita Garibaldi nas narrativas deu-se a partir de quatro categorias: sua vida em Santa Catarina, seu casamento e o encontro com Giuseppe Garibaldi; a trajetória de lutas e superação até chegar em Montevidéu no Uruguai; sua vida em sociedade em Montevidéu e sua morte na Itália. Esses momentos, conforme aparecem nas obras estudadas, retratam a trajetória de vida da personagem, mas também mostram as lacunas deixadas por falta de registro, documentos, e comprovações de todas as afirmações feitas por seus narradores. Desta forma, fica clara a transformação da *persona* em personagem, a mulher em heroína.

A partir das macroanálises e microanálises, foi possível comparar, relacionar e descrever as representações de Anita Garibaldi. Nas macroanálises, o estudo buscou retratar o todo das obras e compará-las em sentido mais amplo. Já nas microanálises, as características

da personagem, tempo, espaço e enredo foram trabalhados minuciosamente, para então serem contextualizados, comparados e classificados de forma coerente e de relevância dialógica, já que as quatro obras descrevem a vida de Anita Garibaldi e sua representação mulher/heroína.

Conforme se verificou, a obra *O Perfil de uma Heroína*, de Wolfgang Ludwig Rau, propõe, desde o princípio, uma leitura diferenciada induzida no prefácio por Oswaldo Rodrigues em fevereiro de 1975:

Wolfgang Rau apaixonou-se pela vida aventureira e destemida da nossa comprovinciana Anita Garibaldi, nome sob o qual a História consagrou os feitos de Ana de Jesus Ribeiro, partindo da inicial admiração pelo destemor de uma aparentemente frágil caboclinha lagunense, saída ali dos Campos Verdes da Carniça para forçar os portões da glória, ainda que tivesse de pagar ao preço do sofrimento a sua ousadia. (p.06).

A obra é uma biografia descritiva e narrada em primeira pessoa e, em outros momentos, em terceira. Rau dá importância aos detalhes em suas pesquisas, pois, como historiador, buscou provas em suas revelações sobre a vida de Ana Maria de Jesus Ribeiro e Giuseppe Garibaldi.

A primeira preocupação do autor era comprovar se Anita era ou não alfabetizada. Estudou várias cartas e manuscritos com letras diferentes e assinaturas variadas, e pôde certificar-se de que a heroína, como ele identificou em muitos momentos de descrição da vida de Anita, foi alfabetizada no Uruguai e raros eram seus registros; o que difere no romance de Garibaldi, em que a protagonista já começara escrever suas cartas logo após encontrar Giuseppe, ainda no Brasil.

Não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. As diferenças entre o sexo masculino e feminino estavam presentes nas concepções educativas dos imigrantes – da mesma forma que determinavam, é claro, as do luso-brasileiros. (LOURO, *apud* Del Priore, 2009, p.445).

Ana Maria de Jesus Ribeiro foi uma personagem feminina que marcou sua época e foi uma das precursoras da nova visão de gênero dos séculos seguintes. Sua identidade, fortemente perseguida a princípio pelos vizinhos e familiares de Laguna/SC e, posteriormente, enaltecida pelos companheiros de guerra de seu marido Giuseppe Garibaldi, levaram-na a

uma condição de heroína dos dois mundos, pois se não bastasse sua consagração em terras italianas, foi de bom senso receber generosa honra em seu país de origem.

Anita foi prontamente reconhecida em país estrangeiro, por possuir ética e decência, adjetivos importantes para uma moça de família humilde do litoral de Santa Catarina. Segundo Del Priore:

A imagem das mulheres do Sul como mais sociáveis que as mulheres de outros lugares do país é recorrente nos relatos dos viajantes. Imagem provavelmente vinculada à composição racial do Sul do Brasil, aos preconceitos raciais dos ditos viajantes, à cultura específica da população que aí se instalou, bem como uma formação social que proporcionava um modo de vida diferente dos existentes na economia escravista de exportação. (2009, p. 279).

Seu primeiro casamento ostentou e supõe-se ainda sustentar em memórias de muitos cidadãos lagunenses a vida imprópria que Anita teve com seu marido. De acordo com Del Priore (2009), a cultura açoriana, pesqueira e marítima da Ilha de Santa Catarina, onde os homens se ausentam por longos períodos, existe, ainda hoje, a tradição de manter a filha e o genro morando na casa dos pais da mulher, ou nas proximidades. (p. 286).

Deste modo, Anita, afastando-se de sua família para ficar com Garibaldi, quebrou um laço que deflagrou sua moral pelo pouco restante de sua vida e muitos anos após sua morte.

Um detalhe que chama atenção na vida familiar de Anita, é que ela, por mais pobre que fosse, casou-se duas vezes na igreja, ato que dificilmente era feito em camadas sociais mais pobres. Segundo Rachel Soihet:

No Brasil do século XIX, o casamento era boa opção para uma parcela ínfima da população que procurava unir os interesses da elite branca. O alto custo das despesas matrimoniais era um dos fatores que levavam as camadas mais pobres da população a viver em regime de concubinato. (DEL PRIORE, 2009, p. 368).

Na trajetória de Anita com Garibaldi, evidenciou-se a vontade da personagem em viver aventuras ao lado de seu amor. No início da aventura, antes da primeira gravidez, o sonho tornou-se realidade. Lutas em navios, guerras por terra, batalhas travadas com homens fortes e armados que poucos esperavam encontrar uma mulher a frente de todos e depois cuidando dos feridos.

Na obra de Annita Garibaldi, como gênero predominantemente epistolar, são expostos os sentimentos da heroína de forma romântica, sutil, por assim dizer, delicada em sua essência:

Pela primeira vez estou vivendo como um marinheiro, num barco, ao sabor dos elementos. Agora o oceano me parece muito diferente; sinto-o como uma força violenta, às vezes mortal. Você se lembra das praias de Laguna dos nossos passeios, das ondinhas que nos lambiam os pés, enquanto procurávamos caranguejos entre as rendas de espuma que se desenhavam na areia? (GARIBALDI, 1989, p. 53).

Nesta narrativa, a construção da personagem Anita possui elementos familiares, pois sua bisneta busca revelar a mulher Anita Garibaldi, com seus defeitos, virtudes, medos, indiferenças, mas de modo algum, deixou de mostrar o quanto era aventureira, sonhadora e apaixonada.

Desde o início da narrativa, fica clara a intenção de liberdade da personagem, entretanto não passa por sua cabeça tornar-se uma heroína. Os fatos levaram aos acontecimentos e esses consequentemente a transformaram no mito Anita Garibaldi.

Uma multidão de cidadãos dirigiu-se esta manhã à sua casa, aclamando o ilustre Guerreiro que defendeu e fez crescer a honra das armas italianas, combatendo na América pela causa da liberdade. Uma bandeira nacional foi oferecida com nobres palavras à valorosa Mulher; e, com vivo entusiasmo, foi saudado o retrato do valoroso genovês. (GARIBALDI, 1989, p. 161).

O narrador propôs um enredo baseado, a princípio segundo ele, em fatos historicamente verídicos, e popularmente conhecidos e desconhecidos, dentre eles, a batalha em Curitibanos, onde a heroína provou sua coragem, e o fato de Garibaldi ter uma filha enquanto residia em Montevidéu.

Alguns historiadores registram Anita nesses momentos de busca de ideais: “Para liderar a conquista de Santa Catarina os gaúchos contaram com o combatente italiano Giuseppe Garibaldi, marido da lendária revolucionária brasileira Anita Garibaldi”. (BAUER, p. 126)

Entretanto, o instinto maternal nasceu junto com Riciotti, deixando a heroína ocupar-se do papel de mãe. Mas o que a definiu como mulher de Garibaldi, foi quando se mudaram para Montevidéu. Segundo Perrot (1998), o século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir

estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro. (p. 186)

Durante muito tempo, Anita Garibaldi foi esquecida, ou, por assim dizer, abandonada por historiadores e pesquisadoras de gênero. Fez-se lembrar a heroína em momentos de decisões feministas e participação ativa da massa feminina em movimentos sociais e políticos.

Intenção clara em relação a esses movimentos, a homenagem para Anita Garibaldi como símbolo da heroína/ mito na obra de Paulo Markun em comemoração aos 500 anos do Brasil. Nesta obra o narrador intercala a História e a narração amorosa e revolucionária de Giuseppe e Anita Garibaldi.

Evidente que os relatos históricos envolvendo Giuseppe, desde sua fuga da Itália para o Brasil permeiam com mais frequência a narrativa:

No trajeto de volta, Garibaldi ancorou os navios em Paranaguá, perto do morro das Conchas, e enviou uma lancha à terra, em busca de água. O comandante da fortaleza identificou os republicanos e intimou-os a arriar a bandeira, se não quisessem ir a pique. Os rebeldes não se mexeram e os imperiais dispararam um único canhão, que atingiu a lancha. Foi o último tiro: a peça estava tão malconservada que seu suporte desmontou. (MARKUN, 1999, p. 143).

Os momentos em que Anita é descrita fazem parte das atitudes que Garibaldi toma, desde o primeiro encontro em Laguna até levá-la para Itália, pois todos os trajetos formam planejados em nome de uma revolução, seja ela nacional ou Italiana.

Há descrições de Anita por amigos, autoridades que a viram ao lado de Giuseppe em ocasiões de festas ou homenagens. O ponto de vista é masculino em todos os momentos; sendo mais histórico (fatos, relatos) do que comparado aos outros narradores que além de trazer a História para a narrativa, buscaram enaltecer a heroína.

Transformado em herói durante seu exílio, Garibaldi mal teve tempo de abraçar Anita, os filhos e Rosa Raimondi, que o benzeu. Imediatamente cercado pela multidão, acompanhou o desembarque de seus companheiros, cuidando pessoalmente do transporte de Anzani, já muito doente. (MARKUN, 1999, p. 260).

Segundo Perrot, quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem sua maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. (1998, p. 186). Então, é possível entender a dificuldade de registros

consideráveis a mulheres que mudaram seu tempo e marcaram a história com sua personalidade autêntica.

As obras dos autores analisados, cada um em seu tempo, com narrativas próprias de seu estilo, registraram Ana Maria de Jesus Ribeiro sob diferentes pontos de vista nos momentos mais importantes de sua vida. Segundo Hall,

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte e apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2006, p. 13).

Na obra *Aninha do Bentão* de Walter Zumblick, a personagem assume um caráter de heroína romântica de acordo com o relato do autor. Em alguns trechos, recorre à justificativa bíblica:

Mas, seja à beira da fonte, reeditando aquele quadro bíblico, quando o Mestre, cansado e sedento, numa tarde colorida de tintas vivas do poente, pediu água à mulher samaritana, ou já mirando com um binóculo um grupo de moças e deste destacar aquela que selaria a sua vida à de um empertigado marinheiro que viera cumprir um encontro marcado pelos cordéis de Cupido, a história em nada sofrerá. (ZUMBLICK, 1980, p. 41).

Em outros trechos, o autor deixa explícita sua admiração, neste caso, não à heroína, mas a mulher Ana Maria de Jesus Ribeiro:

Está chegando o tempo, entretanto, de uma devolução, de restituir à nossa Aninha do Bentão o que dela foi abandonado, seja em bravura como soldado, em amor ao homem que escolheu e como a mãe que foi, santa, nobre e carinhosa até o seu desaparecimento na velha Itália. (ZUMBLICK, 1980, p. 46).

Durante a narrativa, o autor relembra muitos momentos da vida de Anita em que ela é abandonada: em Curitiba, na Serra das Antas, em Montevideu e na Itália. Zumblick insiste na ideia de que Garibaldi, não contestando o amor por Anita, gostaria de deixá-la em lugares mais seguros e em outras situações por achar que ela como mulher, não aguentaria os rumos da guerra.

Entretanto, o autor deixa claro em vários trechos a coragem da heroína como quando na batalha em Laguna, a primeira vez que Anita se vê no convés de um navio em guerra e grita para Garibaldi após ordem para descer ao porão do navio: “Vou descer sim, mas para trazer ao convés alguns marinheiros covardes que estão escondidos no porão”. (ZUMBLICK, 1980, p. 45)

É possível prever que Zumblick caracteriza a personagem de forma humana e mitológica, pois, em alguns momentos, ela passa por sofrimentos como qualquer mulher que se atreve a participar de uma guerra, e, em outros, o motivo de tristeza ou alegria dá-se pela condição de mulher de um revolucionário e mãe de quatro filhos.

Segundo Cadorin:

Anita foi protagonista e guerrilheira contra as tiranias e os centralismos, posicionando-se a favor dos oprimidos, a favor da descentralização, a favor dos direitos das mulheres. Hoje diríamos, a favor do federalismo e da paridade de oportunidades. No Brasil, lutou pela causa que se antecipou em meio século à implantação definitiva do regime republicano. (História Catarina, 2011, p. 31).

Analisar a trajetória de vida de uma personagem e, acima de tudo, mulher, como Anita Garibaldi, é objeto cauteloso para afirmação de qualquer julgamento no que se refere a um passado, que por vezes fora esquecido.

Ao analisar as quatro obras, pode-se reconhecer o quanto Anita se intensifica como mito, pois todas são um misto de História e ficção, relatos factuais e românticos, divergências e similitudes na trajetória de vida da *persona*/personagem.

É possível caracterizar, categorizar e representar Anita Garibaldi, mas dificilmente existirá um único retrato diante do que e de quem realmente foi essa mulher heroína, até porque os quatro narradores são únicos em seu ponto de vista narrativo. Segundo Bakhtin,

A palavra não pertence ao falante unicamente. É certo que o autor (aquele que fala) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala que ressoam na palavra do autor. Tudo que é dito está situado fora da alma do falante e não pertence somente a ele. A linguagem nunca está completa, ela é um projeto sempre caminhando e sempre inacabado. O conhecimento depende não apenas da linguagem, mas também do juízo de valor nela implicado. (2005, p. 324).

Portanto, além de poder analisar somente o que fora deixado registrado em livros, nas memórias e nas pinturas, fica a dúvida do real motivo de liberdade que Ana Maria de Jesus

Ribeiro procurava, se realmente o encontrou no amor que sentia por Giuseppe Garibaldi ou na vida que ele lutava para conquistar e manter, e que o transformara em herói.

Podemos verificar que Anita mostra-se paradoxal em relação ao papel social de mulher de seu tempo. Primeiro, quebra o vaticínio em relação ao amor, na medida em que supera os tabus e enfrenta os padrões, as imposições e preconceitos sociais. Observa-se também que, quando assume o papel de dona de casa e mãe dedicada (*persona/personagem*), demonstra certa fragilidade, incompletude, mas, quando lhe são atribuídas funções masculinas, se torna mulher heroína- mito, refletindo sua coragem para enfrentar medos, desafiar perigos.

A satisfação de redescobrir uma figura heroica, mitológica e humana através de narrativas, fatos verídicos explorados da memória coletiva, faz de qualquer pesquisa não apenas um relato, mas um registro de avanço na trajetória da mulher que busca sua identidade na história da humanidade.

Pretende-se destacar neste estudo que muito ainda se pode e deve ser estudado acerca de Anita Garibaldi. A linguagem e o dialogismo que norteiam as análises abrem horizontes para o aprofundamento acerca da vida dessa *persona/personagem* histórica e mitológica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes 1995.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

BAUER, Carlos. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo** – vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BIERLEN, J.F. **Mitos Paralelos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1990.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In:

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CADORIN, Adílzio. Cronologia da vida de Anita Garibaldi. **Revista História Catarina**. Lages, SC. Volume 33, Ano V, 32-43, Ago., 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & Linguagem**: a obra literária e a expressão linguística. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1986.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____ **História das mulheres no Brasil**. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

_____ **Histórias íntimas**. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____ **História do amor no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1994.

GARIBALDI, A. **Anita Garibaldi, a mulher do General**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Uma Mulher.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida”. **Histórias de Literatura**: as novas teorias alemãs. Ed. Heidrun Krieger Olinto. São Paulo: Ática, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAUSS, Hans Robert. **A história da Literatura como provocação à Teoria Literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi: uma heroína brasileira**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.

MEDEIROS, Martha. **Doidas e Santas**. São Paulo: L&PM Editores, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Tradução: Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____ **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira**. Florianópolis: Edeme, 1975.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Ed. Unisul, 2002.

RUDIO, Franz Victor. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

SÁ, Jussara Bittencourt de. Um caminho para o Desmundo. **Revista Querubim**, ano 03, n. 04, p. 232, jan./jun. 2007.

SANT'ANA, Elma. Anita Garibaldi, sempre lembrada. **Revista História Catarina**. Lages, SC. Volume 33, Ano V, p. 29, Ago., 2011.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

WHITE, Hayden. A releitura da narrativa. In: MUNSLOW, Alun (org.). **Desconstruindo a História**. Tradução: Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC – Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A., 1980.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

http://revistahistoriacatarina.zip.net/arch2009-02-08_2009-02-14.html

<http://www.ereadigari.net/annexes.php?annex=annita>

<http://www.bradoetumbante.org.br/tags/paulo-.Amarkun>

<http://www.brasilecola.com/literatura/genero-narrativo.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_d'Arc

http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina,_a_Grande

http://pt.wikipedia.org/wiki/Eva_Per%C3%B3n

<http://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/iracema.html>

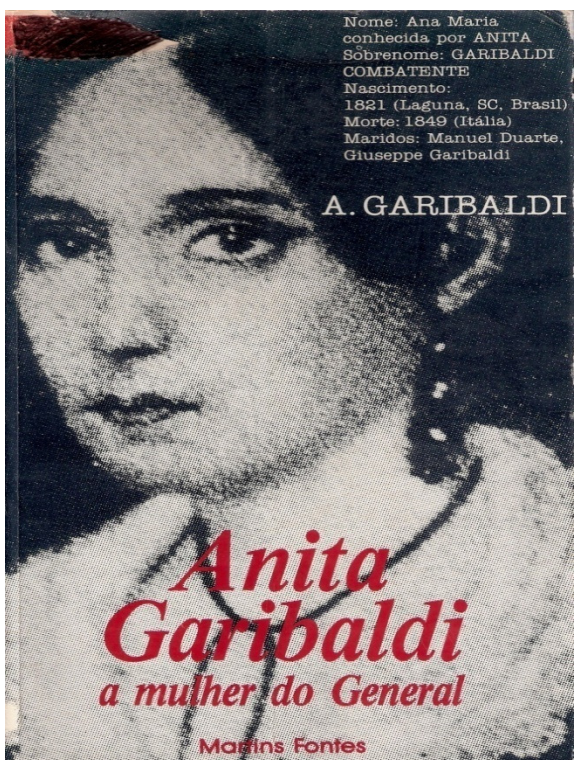
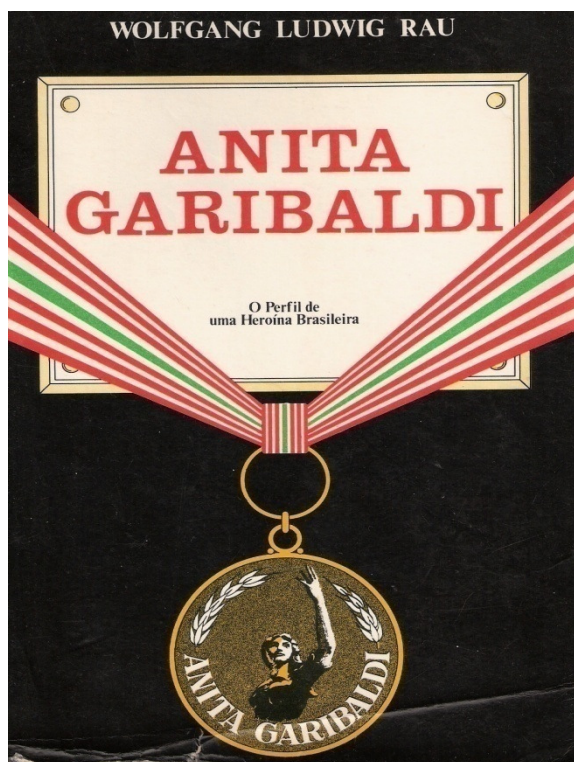
<http://www.ereadigari.net/annexes.php?annex=annita>

<http://www.zumblick.com.br/content/zumblick/zumblick.asp>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_Gon%C3%A7alves

ANEXOS

ANEXO A – CAPAS DAS OBRAS



ANEXO B – FIGURAS DA OBRA DE RAU



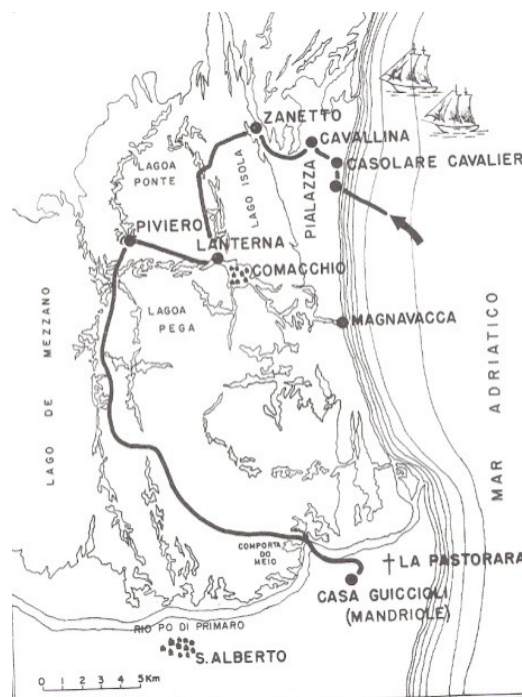
O casal José e Anita Garibaldi. “Crayon” de Walmor Rocha, Araranguá/SC. (coleção particular do autor).



Rosa Raimondi, mãe de Giuseppe Garibaldi.



Mapa da Batalha Naval da Laguna, a 15 de novembro de 1839.



Mapa dos lagos de Comacchio. Nota-se o aproximado trajeto percorrido por Garibaldi e Anita até Mandriole.

ANEXO C – FIGURAS DA OBRA DE ZUMBLICK



Batalha naval de Imbituba. Anita traz para o convés alguns marinheiros.



Lago Camacchio – Início da derradeira viagem de Aninha.



Fim da República Juliana: as tropas dos “farrapos” abandonam Laguna.

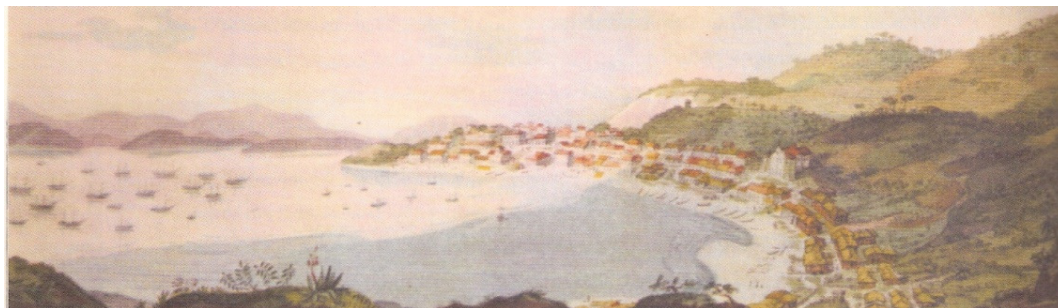


Combate no rio Marombas – Anita é feita prisioneira.



Combate de Santa Vitória – Anita é enfermeira que os feridos idolatram.

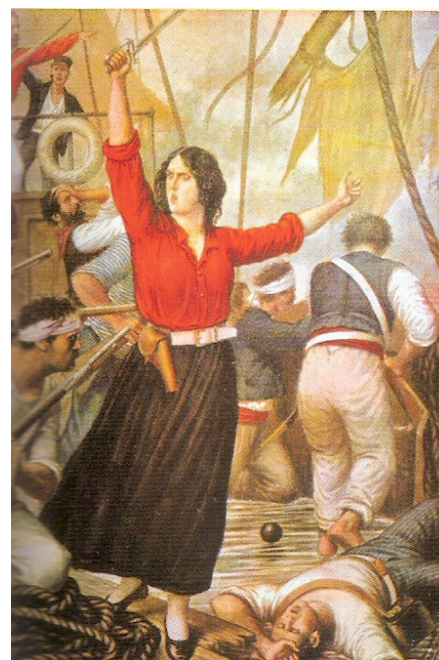
ANEXO D – FIGURAS DA OBRA DE MARKUN



Laguna – Debret



Desterro. Debret



A estreia de Anita.



Piratini, sede da República Farroupilha.

ANEXO E – FIGURAS DA OBRA DE MARKUN



Naufrágio de Garibaldi, na saída da barra do Tramandá.



Escravas e madames. Debret



O Seival como Garrafão.



Movimento no Porto de Montevideu – aquarela de Adolphe D'Hastrel.

ANEXO F – FOTOGRAFIAS (Acervo da pesquisadora)



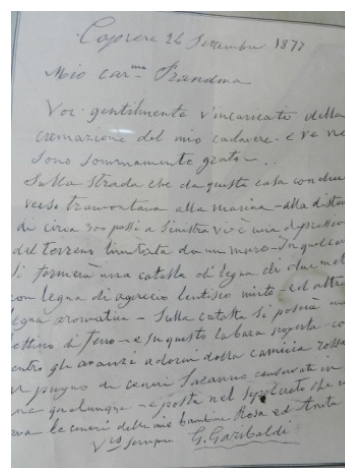
Matriz de Santo Antônio dos Anjos, em Laguna/SC.



Local do primeiro casamento de Anita.



Monumento em Laguna em homenagem à Anita Garibaldi.



Última carta escrita por Garibaldi e, que pede para ser cremado. Está sepultado na Ilha de Caprera, Itália.



A morte de Anita. C. Max Bezerra.



Pintura de Willy Zumblick.